

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR Elysio de Carvalho



Desenho de JORGE BARRADAS

Anno III.

N. 28.

Abril de 1924.

Preço 1\$000.

AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Redactor-chefe: RENATO ALMEIDA

Gerente: CARLOS RUBENS

SUMMARIO DESTE NUMERO

NILO PEÇANHA.....	REDACÇÃO.
O ESCRIPTOR E O MEDICO.....	CAMILLE MAUCLAIR.
DOSTOIEVSKY	GRAÇA ARANHA.
SAUDAÇÃO AO BRASIL.....	AFONSO LOPES VIEIRA.
O NATURAL E O SOBRENATURAL.....	FRANCIS DE MIOMANDRE.
GANHOS E PERDAS LITERARIOS.....	LOUIS GONZAGUE FRICK.
ANATOLE FRANCE. ..	REDACÇÃO.
A DEFESA DO PATRIMONIO ARTISTICO DAS EGREJAS..	REDACÇÃO.
DE SATYRA SOTADICA.....	ELYSIO DE CARVALHO.
LIVROS ESTRANGEIROS	REDACÇÃO.
O NOVO RETRATO DE DANTE E LÉO OLSCHKI.....	ELYSIO DE CARVALHO.
A LIÇÃO DO BRASIL.....	ANTÓNIO SARDINHA.
PELOS INTELLECTUAES CATHOLICOS	D. SEBASTIÃO LEME.
O MOMENTO FUTURISTA NA ITALIA.....	REDACÇÃO.
LUGARES COMMUNS SOBRE BUENOS-AIRES.....	TEIXEIRA SOARES.
AS BANDEIRAS.	PAULO PRADO.
CHRONICA DE MALAZARTE.	MARIO DE ANDRADE.
A DEPORTAÇÃO DE UNAMUNO.....	REDACÇÃO.
O BOLSHEVISMO.	GREGORIO ALEXINSKY.
THEREZINA.	HONORIO SILVESTRE.
FLORIANO PEIXOTO E OS AMERICANOS.....	A. D. DE MIRANDEIRA.
NOTAS E COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS.....	REDACÇÃO.
PORTUGALIA.	E. DE C.
REPERTORIO	REDACÇÃO.

EXCERPTOS

DE

M. rbeau, Arrigo Cajumi, Paul Painlevé, Mussolini, Rabindranath Tagore, Bellesort
Theophilo Braga.

DESENHOS E PHOTOGRAPHIAS

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. ..	10\$000
Para o Exterior	12\$000

VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrazado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

OFFICINAS: Avenida Rio Branco, 117/21

Tei.: Norte 6011

RIO DE JANEIRO BRASIL

Caixa Postal : 1223

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Redactor-Chefe: RENATO ALMEIDA

Gerente: CARLOS RUBENS

NUM. 28

=||=

RIO DE JANEIRO - ABRIL DE 1924

=||=

ANNO III

NILO PEÇANHA

Sem a perspectiva do tempo, não será possível analisar com justeza a acção de Nilo Peçanha, cuja individualidade, exaltada com hyperbole, ou combatida com odio, sempre se manteve na vanguarda de nossos destinos politicos, tendo occupado os cargos de maior responsabilidade, inclusive o de Presidente da Republica. Reconhece-se nelle um combatente ardoroso e bem intencionado, um administrador de visão esclarecida e um temperamento de moderação, posto todas essas qualidades soffrêsem as contingencias do meio dissoluto de nossa politica, que, ao invés de apurar os caracteres, os deprime e deforma. Nestes sete lustros de regime, Nilo Peçanha foi sempre um elemento de grande relevo e em todas as questões nacionaes o seu nome e o seu prestigio se envolveram, conseguindo sempre destacar-se na administração e na politica. A sua vida é bem conhecida e não é mister largas referencias. Saliaremos os factos essenciaes, a que ligou o seu nome de um modo brilhante e talvez indelevel.

Republicano historico, deputado á Constituinte, lutador incansavel pela consolidação do novo regime, Nilo Peçanha foi desde logo um dos chefes politicos do seu Estado, que

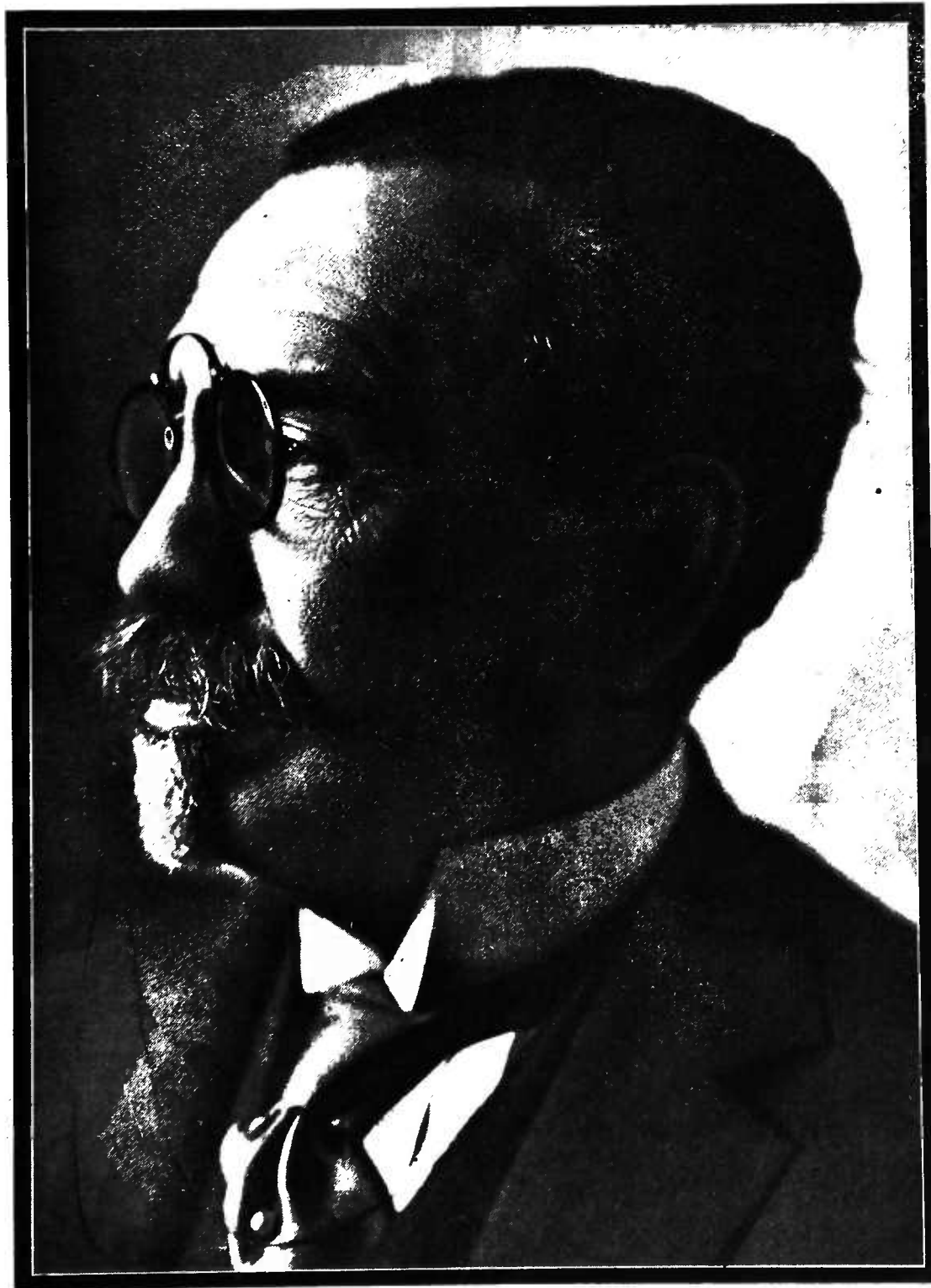
em breve o levava ao Senado Federal, de onde saiu em 1903, para governar. Debatia-se então numa crise intensa e gra-

nistrativa do Estado, profundamente perturbadas, devido á crise economica do assucar e do café, o

que levou Quintino Bocayuva a dizelo uma "massa fallida". Deixando a presidencia fluminense, Nilo Peçanha foi eleito vice-presidente da Republica, com o Conselheiro Affonso Penna, presidente, tendo substituido este, fallecido em julho de 1909. A grande luta presidencial de então, em que Ruy Barbosa levantava a bandeira gloriosa do civilismo, empenhava a Nação e Nilo Peçanha teve o erro (excusava-se com as contingencias politicas) de pender para o candidato militar, o que muito o afastou da opinião publica. Mas ainda assim, reconhece-se a benemerencia de sua administração, sobretudo na parte financeira, extinguindo o *funding* de 1899, que só terminaria em 1911, o que mereceu louvores do proprio Ruy Barbosa, então em vehemente opposição ao seu governo. Organizou o Ministerio da Agricultura; instituiu o ensino profissional; reorganizou varios serviços publicos, o Jardim Botânico, a Quinta da Boa Vista, o Museu Nacional; des-

vissima e Nilo Peçanha revelou a sua capacidade de governante, restabelecendo as finanças e reconstruindo a vida admi-

envolveu a nossa viação-ferrea e fomentou a agricultura, favorecendo meios de exportação. Foi no seu governo que o



(Este numero contem 40 paginas)

Brasil assignou o tratado da Lagoa Mirim, com a Republica do Uruguay, um dos padrões de gloria de Rio Branco.

Deixando o governo, depois de longa viagem á Europa, voltou ao Brasil, sendo eleito senador, de onde novamente foi chamado á presidencia do Estado do Rio, que, exerceu com brilho, até 12 de Maio de 1917, quando foi convidado a occupar a pasta das Relações Exteriores, no periodo mais agudo de nossa vi-

mo, por que batalhára com o maior ardor o genio de Ruy Barbosa.

Deixando a chancellaria brasileira, Nilo Peçanha visitou a Europa, recebendo as mais significativas homenagens e, de volta, foi reeleito senador pelo Estado do Rio, mandato que ainda exercia, na presente legislatura. Quando foi da ultima campanha presidencial, Nilo Peçanha candidato de quatro Estados e com grande parte da opinião publica, iniciou uma

sição dominante no Estado do Rio, que disfructou quasi ininterruptamente desde fundação da Republica.

Por certo, este homem teve erros e grandes muitos delles. No poder não foi alheio aos interesses partidarios, e usou de armas que depois o feriram. Mas, na terra de politicos sem convicções, ninguém lhes negará o merito do esforço e do patriotismo, perturbados, como dissemos, pela nossa desagregação social.

OS FUNERAES DE NILO PEÇANHA



A saída do feretro da Matriz da Gloria

da internacional moderna. Uma politica de titubeios, Nilo Peçanha substituiu por normas seguras de acção, collocando o Brasil ao lado dos alliados e acceitando o estado de guerra que nos impoz o Imperio Allemão, com o continuo torpedeamento de barcos mercantes brasileiros. A acção de Nilo Peçanha foi, nessa quadra difficil, animada de grande patriotismo e conduziu o Brasil ao seu destino legiti-

propaganda democratica e grangeou a mais extraordinaria popularidade. E' de hontem a historia e os odios ainda estão acesos. Mas, não se lhe pôde desconhecer uma moderação no ataque e um comedimento na acção, evitando desregramentos e não usando de certos processos inferiores, de que abusavam os seus partidarios. Vencido, manteve-se em opposição discreta e lhe foi arrancada a po-

A sua intelligencia, embora nem sempre clara, era aguda e sabia manter o contacto com a opinião publica, cujo favor, no fim da vida, muito o teria consolado do ostracismo. Morreu estimado e considerado, cercado dos louvores de seus partidarios, do acatamento de seus adversarios e do respeito da Nação inteira.

O ESCRIPTOR E O MEDICO

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Um grupo de escriptores parisienses, desses que são os primeiros a se intitular "a alta litteratura", muito se maravilhou e deixou influir pelas theorias do viennense Freud. Esse sabio, que exige de seus adeptos o respeito devido a uma religião charlatanesca, decorou, como se sabe, com o titulo pomposo de "psychanalyse" o que os antigos chamavam modestamente o estudo do coração humano: e, por outro lado, deu á "libido", isto é, ao instincto sexual, o papel principal em todos os actos de nossa vida subconsciente. Os discursos de Freud determinaram na Europa Central uma verdadeira devoção pela sexualidade, considerada como o centro da vida mental. Começa-se a traduzir e lançar Freud em nossas capellas litterarias. As suas theorias parecem confirmar as intuições de Marcel Proust, que era um romancista notavel, mas um grande doente. Confirmam tambem a doutrina amoralista de André Gide, que funda o interesse litterario sobre a perversidade intellectual, e encontram muitos admiradores entre os "snobs", os artificiaes e os doentios. Varios fazedores de romances, servidos por uma habil publicidade, põem-se a "freudizar" os seus livros, e a compiar com um pedantismo scientifico o que os pornographos, no fim de contas, dizem com mais franqueza e simplicidade. Prevê-se o momento em que haverá necessidade de organizar, nas nossas lettras, uma prophylaxia contra essa nova peste de immoralismo e do freudismo: a França, em verdade, precisa de outra cousa.

O inventor do "libido", se examinarmos de perto os seus textos ambiciosos, se limitou a demarcar os principios do physiologista Pierre Janet, de quem foi discipulo, e a transportar-os arbitrariamente num outro dominio. Poderia muito bem applicar ao estomago os seus dados sobre a influencia capital dos órgãos reproductores, e talvez fosse menos inexacto. Quando Freud sustenta, por exemplo, que a criança que mamma e estende os braços á sua mãe já é um luxurioso inconsciente, pôde-se afirmar com mais razão, contra essa hypothese repugnante e indemonstrada, que o instincto unico e a necessidade fundamental da criança são de nutrição e que para ella vão todas as velleidades embryonarias da sua consciencia. Mas o "libido" está na moda, offerece themas escabrosos e complicados. Como o immoralismo, não é mais do que uma hypocrisia revoltada, ou a perversidade renovada das tristes personagens de Dostoevsky, do que não nos têm faltado exemplos.

Quando os litteratos pretendem introduzir a medicina nas suas produções, tornam-se duas vezes máos. Ao revez, não são menos desastrados os medicos querendo explicar o estado da alma dos escriptores e artistas. Salvo raras excepções, confirmando a regra, á sua incompetencia neste assumpto não iguala senão á sua pretensão. Inventaram uma figura do "homem normal", tão ficticia como a belleza academica, esse typo de perfeição feminina internacional, extranha a todas as raças e que nunca ninguem a vio. Se o homem normal dos medicos existisse seria a imagem do perfeito mediocre, uma especie de automato, mas não existe, senão como as Venus das escolas de bellas-artes. A esse typo abstracto, os physiologistas e psychiatras estão, ha um seculo, a comparar as grandes sensibilidades e as grandes intellectualidades. Disseram que o genio é uma nevrose e acreditaram ter estabelecido,

através das vidas de uma série de grandes artistas, que todos eram anormaes, semi-loucos e degenerados. Não se pôde imaginar a que ponto de ridicula incomprehensão chegaram, por essa trilha, os Lombroso, os Magnan, os Moreau de Tours, para citar entre os mais famosos manicos, que precederam ao maniaco da "libido". Nunca li nada que me desse melhor a impressão de uma locubração de louco logico, do que os trabalhos de Moreau de Tours. A gloria já diminuiu bastante para esse alienista, que merecia antes o nome de alienado, como alguns de seus confrades, porque a sua especialidade é perigosa e não é impunemente que se frequentam os loucos, sem risco de contagio. Acontece o mesmo com Freud. Declarar que a vida subconsciente e as suggestões hereditarias determinam toda a vontade, e que o instincto sexual é não só muito importante, mas o motor capital e unico da vida humana, é uma doutrina de demencia que pôde captivar to-

UM INQUERITO DA "AMERICA BRASILEIRA"

No nosso numero de Fevereiro e no do corrente mez vem agitado o empolgante problema do genio, naquelle em artigo do Sr. Francis de Miomandre, neste em collaboração do Sr. Camille Mauclair. Sabemos que o assumpto é de enorme complexidade, mas, dirigindo-nos a alguns escriptores brasileiros para saber como o encaram, queremos apenas uma synthese de suas opiniões, que poderão esclarecer sobremaneira os estudiosos do assumpto. Não vamos formular questionario, mas desejamos saber qual a opinião de cada um de nossos entrevistados, sobre o phenomeno do genio, a applicação do seu apparecimento, se nelle a predominancia é do factor pessoal ou de resultante collectiva da raça, de cultura ou do momento, o que pensam da theoria do genio-nevrose e o que julgam do reconhecimento do genio.

Isso, comtudo, não implica limitações ás respostas que solicitamos aos illustres escriptores, a quem nos dirigimos e que são os Srs. Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Afranio Peixoto, João Ribeiro, Antonio Austregesilo, Mario de Alencar, Ronald de Carvalho, Celso Vieira, Jackson de Figueiredo e Tristão de Athayde.

dos os degenerados verdadeiros, mas da qual um homem não rirá sempre com desprezo. Sabemos muito bem que os espectros e a sensualidade se dominam e que esse é o papel da cultura moral e da propria educação.

A esses psychiatras sempre dispostos a descobrir as provas de morbidez na menor phantasia de um poeta, a calumniar os artistas criadores, é facil responder que esses têm razões que a razão medica desconhece. Resultam não de uma degenerescencia em relação ao famoso "homem normal", mas de uma "progenerescencia", cuja superioridade nativa lhe dá certos direitos. A theoria do genio-nevrose é tão tola quanto a má fórmula romantica resumida no titulo de um melodrama de Alexandre Dumas, pai, *Desor-*

dem e Genio. Para os escriptores e artistas, não só os que trazem esses bellos nomes, mas os que delles são dignos, o genio é sempre a ordem, o genio é sempre são. Ha uma impertinencia burlesca em fazer o publico collocar na categoria dos nevropatras, dos anormaes, dos delinquentes, tornando assim essas qualificações sobremaneira honrosas, uma pleiade de seres inspirados, que legaram maravilhas á humanidade, e aos quaes esta admira sempre, a despeito dos pesquisadores de táras. Mas felizmente não se encontra o homem normal, composto insipido de todos os "lugares communs", e ao qual se pôde dizer que "pensa" como "chove". Não ha isso uma simples expressão. Se pudessemos ler no cerebro do primeiro imbecil que deparassemos, veriamos cousas mil vezes mais loucas e monstruosas do que as emprestadas a Baudelaire e a Poe pelos psychiatras. Não ha quem tenha sonhos mais desordenados e mais perversos de que os individuos incultos de condição baixa. Durante dez annos collaborei num grande jornal de Paris, com contos hebdomadarios, nos quaes estudava casos de psychologia amorosa. Recebi milhares de cartas dessa gente que, em Paris, lê os contos dos jornaes indo ao armazem ou almoçando, não tendo tempo nem o gosto dos livros. Essas cartas cheias de reflexões, confidencias, pedidos de conselhos, revelaram-me uma humanidade criadua, cujas complicações imaginativas têm algo de terrivel. Não houve poeta ou romancista que jámais tivesse inventado desejos e perversidades, como as que sonna uma criada na sua mansarda.

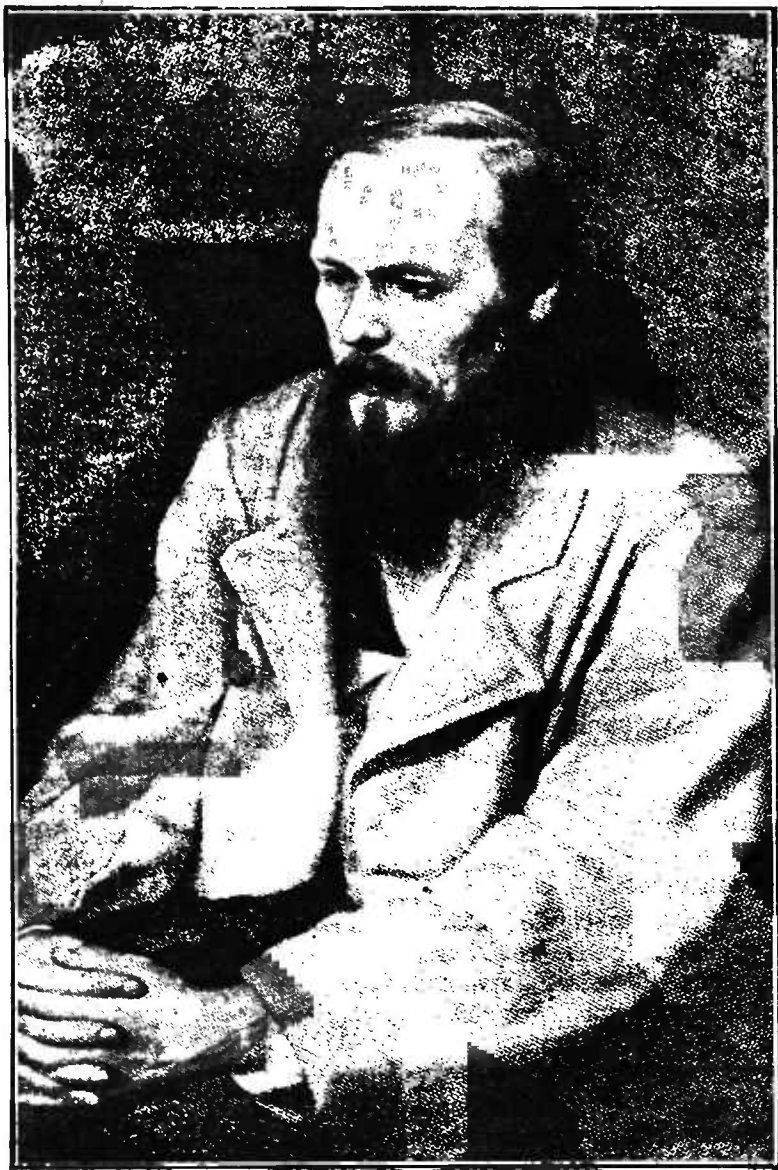
É precisamente o exercicio intensivo de intelligencia que afugenta os phantasmas suggeridos pela loucura sexual e a nevrose nos chamados simples e que são, todavia, infinitamente complicados. O genio é o mais alto gráo de ordem e de saude intellectual. Ainda ha muito a esperar, até que os escriptores deixem de orientar os seus romances pela medicina, accumulando tantas tolices quantas os medicos dissecando a imaginação artistica. Creio que a applicação do systema de Freud á litteratura vai retardar o accordo racional e desejavel entre romancistas e physiologistas. Muitos alienistas são inferiores, como homens e como sabios, e esses admiraveis e humildes medicos de quarteirão ou do interior que, sem discursos, salvam as existencias e conhecem muito as almas. Se se conviesse em acabar com o homem normal, e com o genio nevrose, essa utopia indecente, muito interessante se tornaria a conversa entre escriptores e medicos. Poderse-hia, por exemplo, reformar completamente o estudo litterario do amor na mulher, estudo feito com uma ignorancia comica das realidades psychologicas femininas, pelo falso idealismo e pelas falsas conveniências. As obras dos artistas e dos philosophos não são resultados das suas suppostas nevroses, mas de suas substituições phisicas. Othaj bem os bustos dos intellectuaes celebres: fizeram arte ou ideologia com as suas proprias figuras, nellas tudo está escripto. Para dahi tirar consequencias justas e uteis, é preciso tacto. Esse tacto não tiveram até agora os psychiatras, vilipendiando o genio, cujo mysterio esplendido offuscava as suas vistas curtas.

Camille MAUCLAIR

DOSTOIEVSKY

A figura extraordinária de Dostoievsky é um motivo de observação constante e aguda analyse de todos os criticos, que buscam na tragedia do escriptor russo não só o espectáculo singular de seu genio como o sentido de extranha psychologia de uma raça martyrisada e heroica. A pagina do Sr. Graça Aranha que transcrevemos, data venia, da brilhante revista "Pan, agora apparecida, é uma indagação profunda do mysterio interior de Dostoievsky, de sua tortura humana, do abysmo indefinivel de sua propria personalidade. Escreveu o mestre:

"O dualismo de Dostoievsky vae ao extremismo manicheu. Os dous eternos principios do Bem e do Mal perpetuamente distinctos, independentes um do outro, igualmente absolutos. Para esse dualismo a omnipotencia do Diabo é ao mesmo tempo benefica e funesta. Se ella é a origem do mal,



Féodor Dostoievsky

do peccado, o peccado é necessario á redempção, porque faz a alma passar pelo soffrimento, indispensavel á salvación. Para Dostoievsky e seus epigonos christãos evangelistas a esthetica é uma funcção diabolica. "Não ha arte sem collaboração do demonio", exclama André Gide. William Blake havia dito que Milton quando "pintara" Deus e os Anjos era constrangido, ao passo que "pintara" o Diabo e o inferno na liberdade "porque elle era um verdadeiro poeta, e do partido do Diabo sem o saber"

Atormentado pela idéa do mal, pela necessidade do soffrimento, Dostoievsky viveu preocupado pelo sentimento da justiça. O dualismo leva a Arte ao moralismo, ao julgamento dos actos, a pesar a vida segundo o criterio do Bem e o do Mal. A philosophia da Unidade leva o artista ao esthetismo, a considerar a vida indifferente ao bem ou ao mal.

Suppor a Arte uma expressão da concupiscencia, uma volupia, um fruto prohibido, é introduzir o elemento moral

SAUDAÇÃO AO BRASIL

Para saüdar o Brasil, ergamos as almas com glória!
Por um esforço de elegante e supremo comando sôbre nós próprios, esqueçamos a miséria do momento. Esqueçamos a ruina da Casa assaltada e a presença de quem no-la assaltou — sorte de bailarins ao modo dos do clássico, os quais na dança macabra cavam a mesma sepultura que os devora. Esqueçamos que a ficção de Estado que ai se nos depara, continúa a servir a mais escrava e anti-nacional das politicas, convertendo-se em caixeiro-viajante da Inglaterra e fazendo-nos assistir ao desmembramento espiritual da Península, que desloca para a Itália renascente uma das metudes do seu génio. Esqueçamos sobretudo a ignominia do verbo europeu de "portugalizar" — derradeira ignominia que os invasores da Pátria alcançaram, e a qual não attinge a alma da Nação, inacessivel, essa, á miseravel infamia, no castelo interior da sua dignidade histórica.

Para saüdar o Brasil, ergamos as almas com glória!
E enviemos do velho solar ao imenso jardim impetuoso e lânguido as melhores galas do coração português, onde a chama do antigo affecto ardê bem pura. Saüdemos no Brasil o adolescente heroico nosso herdeiro, continuador da raça e lingua nossas, mantenedor da Lusitanidade e do seu ritmo imortal.

Saüdemos no Brasil a mais moça e mais bela de todas as Nações, destinada a levar para os confins dum futuro imensurável o espirito da Latinidade, afeiçoado ao esplendor das "novas estrélas".

Saüdemos o admiravel nacionalismo em que o Brasil se abrasa e purifica, e ao qual damos as mãos com o geito de irmandade das ordens da Cavalaria cristã, cujo idealismo em verdade representamos.

Saüdemos no Brasil, enfim, o aliado natural, filho do nosso orgulho, espelho e flor da nossa alma, quando Portugal, reaportuguesado um dia, lograr reintegrar-se na definitiva consciéncia do seu destino histórico.

Nesse dia — sem duvida longinquo mas de certa aurora — se há-de constituir no mundo, com a Espanha nossa irmã e a América das duas linguagens da Península madre, a Aliança fraternal e gigantesca — o novo "Quinto Império" do nosso mito nacional.

AFONSO LOPES VIEIRA.

(Da Nação Portuguesa.)

na funcção por excellencia do espirito humano, na esthetica, inteiramente alheia ao s nso ethico. A investidura do Diabo em creador da Arte é uma puerilidade medieval indigna de attenção em nossa época. Os Canticos de S. Francisco de Assis são pura obra de arte, cuja poesia pantheista annuncia o Renascimento. Que se entende por "santo"? E' sempre o conceito restricto, a porta estreita. Mas a arte é soberana, inseparavel do homem, que ella liberta e torna um deus creador.

O dualismo determinou em Dostoievsky o interesse profundo e exaltado pela natureza humana. Se o mundo é campo da lucta dos dous principios do Bem e do Mal, se todo o esforço do homem é livrar-se do mal pela redempção da alma, nada mais primordial do que estudar o homem e a sua capacidade de vencer o mal. Dostoievsky engrandeceu-se nesta analyse. Sondou os abysmos da alma humana e os revela e os expõe com uma audacia cruel e tragica. Pelo genio da observação e da expressão do insondavel e do inexplicavel tornou-se um prodigioso e pathetico artista. No seu processo de claro escuro ha mais escuridão do que claridade e nisto está o mysterio da sua arte. Seria o processo de Rembrandt, em que as figuras impressionam mais pelo que escondem nas sombras do que pelo que ostentam em plena luz. Dostoievsky não descobre os seus personagens. Deixa que lhes adivinhe-mos as monstruosidades e neste aspecto enigmatico está o segredo indefinivel do creador. Por nossa vez tambem compomos esses personagens; alguma cousa de nós mesmos os anima, dá-lhes um pouco da nossa essencia e por isso vivem em nós. Realiza-se a communhão esthetica entre o observador e a figura creada pelo artista, e esse goso ineffavel é a realidade transcendente da obra de arte.

Não ha duvida que a analyse e a revelação dos abysmos da alma humana dão á arte de Dostoievsky a eternidade. Mas não é toda a Arte. Para Dostoievsky os homens estão isolados no Universo, vivendo entre si e apenas em espirital correspondencia com Deus ou com o Diabo. Não realizam a unidade cosmica. Vivem na perpetua dor."

O NATURAL E O SOBRENATURAL

(A proposito de Toutankhamon)

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Ha pessoas que negam o sobrenatural. Não só não os compreendo, mas também não posso explicar como pensam que entendem de qualquer coisa do "natural", do positivo, do normal, do quotidiano, negando o sobrenatural. Porque, afinal de contas, onde começa o "natural"? onde acaba? Muito habil será quem o disser.

Acontece com o "natural" no dominio das nossas percepções o mesmo que com o "presente" em relação á duração. O presente sómente, o presente puro não existe, para bem dizer. Si quizerdes isolar o passado que o precede e o futuro prestes a succedel-o, vereis que vos escapa, reduz-se a uma fracção extremamente minima, que não tem quasi realidade. Um segundo mesmo, aquelle em que nós vivemos, embora *divisível*, não nos pertence mais inteiramente, contem uma porção consideravel de passado. Assim o "natural"

Por todos os lados, cerca-o um ambiente de mysterio, que o comprime, o domina, o aniquila. Chamamos "natural" o conjunto de phenomenos a que estamos habituados e sobre os quaes não reflectimos mais. Os nossos maiores, á custa de grandes esforços e no curso dos annos, conseguiram arrancar-o ao immenso e tenebroso imperio do desconhecido, como pioneiros que abrem uma pequena clareira no meio da floresta virgem, para nelle se installar

O nosso orgulho é tal que negamos a realidade da selva, porque disputamos uma certa segurança no seio de nosso abrigo. Que preguiça! e quanta ingenuidade! Envaidecidos por algumas soluções provisórias e particulares do problema universal, ousamos chamar loucos aquelles que encaram a possibilidade de questões insolúveis e a existencia de uma immensidade de factos reaes fóra de nossa percepção. No entretanto, a todo momento, essas realidades nos tocam e nos advertem... O passaro do mysterio bate em nossa frente com a asa invisível. Estremecemos a principio, e depois damos de hombros... Hallucinações! exclamamos com um ar superior. E' que somos scepticos, espiritos fortes, positivos!... O além é um sonho de velhas!...

Quatro victimas já succumbiram no portico do tumulo violado do Pharaó Toutankhamon: Lord Carnawon, que iniciou as excavações; George Joy-Sould, que passeiava no valle funebre; Wolf Joël, que andava também como turista nessas paragens; e Sir Arehibald Douglas, no momento em que se aprestava para fazer passar pelos Raios X a mumia real. Tudo isso sem contar os accidentes sobrevindos aos operarios das obras e a epidemia da peste que se declarou na abertura do tumulo. Quanto a Mr. Carter, actual director das excavações, está presentemente muito doente, mas (tambem elle é um sceptico) não quer admitir que a sua doença tenha uma causa sobrenatural.

Essa malicia!

Evidentemente tudo é natural. Uma morte é sempre explicavel, por um encadeamento de causas physicas que é mais ou menos facil de achar. Mas a coincidência, que faz desaparecer, em algum mezes, todos os que se dirigiam á sepultura do Pharaó, constitue um facto novo, não menos difficil de explicar. Por certo, póde-se dar de hombros á idéa de que o cadaver de um homem, fallecido ha 3.300 annos, tenha ainda o



Busto de Toutankhamon
(Photo da Rainha da Belgica)

poder de se vingar daquelles que violam o seu domicilio supremo. Mas isso não explica nada. Que não queiramos acreditar, a proposito do além, no que acreditavam os nossos antepassados, é uma coisa; mas nada nos autoriza a decretar que não existe esse além e que certas forças captadas pela arte de sabios que penetraram antes de nós, nos arcanos da natureza, são destruidas, pelo facto unico de nossa intromissão nessa caverna.

Admittimos perfeitamente que miasmas delecterios se tenham accumulado alli no curso das idades, proliferando sobre os varios objectos, provisões, moveis e aspectos amontoados nesse logar hermetico. Porque não admittiriamos que outros germens, mais subtis, tivessem também sido collocados pela vontade dos sacerdotes e que não esperassem senão a abertura do hypogeo, para se pôr em accção e se desenvolver?

O Dr. J. C. Mardrus, nos seus admiraveis artigos sobre essa questão, no *Matin*, nos dá o texto de maldição gravada sobre a estela chamada da Execração:

"Oh! gente de cima! oh! gente de baixo! Phantasmas sentados sobre os peitos humanos, vós, das encruzilhadas e dos grandes caminhos, errantes da sombra nocturna.

"E vós, dos abysmos do Occidente, nos lados dos crepusculos, hospedes das cavernas da obscuridade, que suscitaes os temores e os medos, e vós sombras passantes que não nomeio, amigas da lua; e vós, povoadores imponderaveis do dominio da noite, oh! tribus, oh! gente dos tumulos, vinde todos e sede minhas testemunhas e fiadores:

"Que seja reduzida a nada a mão que se levantar contra a minha fóрма! A nada sejam re-

duzidos aquelles que offendem o meu nome, as minhas effigies, ás imagens em que me desdobro, á minha fundação!

"A real Uracus, que domina a minha frente, vomitará fogo contra as suas cabeças e as suas cabeças irão para onde ficam os seus pés.

"Serão privados de seus nomes, de seus corpos, de seus bens, de seus Ka, de seus Bai, de seus Khou!

"Cahirão no braseiro de meu pae Amon. Que tenham o meu pae Amon! Uma desgraça acontecerá desde logo.

Tal é a minha execração e a minha vingança, meditada e escripta ao fundo do meu peito, para toda eternidade"

E não obstante — incorrigiveis Occidentaes que somos — sorrimos, acceitando que, "literariamente"; essas "formulas antigas", têm um accento extraordinario.

Mas se reflectirmos em tudo isso, não tardaremos a ver que o nosso sorriso é que não significa nada, que não é scientifico. Porque, finalmente, não temos o direito de julgar, na nossa mesquinhez, sob o pretexto de que usamos navios a vapor e aparelhos da T. S. F. (sem aliás conhecer coisa alguma da essencia do vapor e da electricidade), de julgar — dizia — uma civilização tão adiantada como a do Egypto. Porque, ha muito tempo, seja manifesto o divorcio entre os nossos padres e os nossos sabios, entre a metaphysica e a sciencia, não temos o direito de depreciar uma época onde acontecia exactamente o contrario. Os sacerdotes eram ao mesmo tempo philosophos, physicos e magos. Não sabemos até onde iam os seus conhecimentos, e se não tinham penetrado nesse universo mysterioso que se estende além da nossa visão normal, com meios que lhes permittissem dirigir forças obscuras que o governam, seres subtis que o povoam.

Os seus encantamentos não seriam mais do que formulas escriptas desse poder, o symbolo dessa auctoridade real. E, assim como os embalsamadores, por processos cujo segredo se perdeu, encontraram a maneira de conservar, durante seculos, os cadaveres, assim os magicos teriam encontrado meios de salvar a integridade das sepulturas. Collocamos cães em caniches para proteger as nossas casas, e então podemos dormir. Amestrados pela nossa educação, pelas nossas ordens, os cães não precisam de nossa presença para cumprir os seus deveres. Os magicos do Egypto teriam encantado, elles no apogeo de Toutankhamon, cães invisíveis e impalpaveis, não menos para temer: as forças desconhecidas que se lançam contra os violadores.

Tudo isso é plausivel, logico. Póde deixar-se de acreditar, mas não se tem o direito de declarar, *a priori*, que é absurdo.

No entanto, é o que fazem espiritos fortes, indignos mesmo do nome de scepticos. Volvendo o commutador de suas anti-camaras, põem em jogo, para ascender a lampada do tecto, a energia formidavel d'Aquillo que faz surgir nuvens, grandes como uma cidade... E recusariam aos sabios antigos o poder de captar algumas larvas!...

Francis de MIOMANDRE

GANHOS E PERDAS LITERARIOS

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Paris, Fevereiro — 1924.

Se os inqueritos se faziam frequentemente antes da guerra, é forçoso confessar que, de algum tempo a esta parte, elles se multiplicam em proporções vertiginosas. Com effeito, não ha dia em que um escriptor, notavel senão celebre, não receba um questionario, que deve responder immediatamente. Certas perguntas precisariam de ser estudadas com tempo, mas como os lazeres se vão tornando cada vez mais hypotheticos na nossa sociedade fremente, a phantasia suppre em geral a documentação e dahi muitos inqueritos não trazerem os esclarecimentos que delles seria licito esperar. Entre os mais activos e zelosos inquiridores, o Sr. Gaston Picard merece ser citado em primeiro logar. Ninguem apprehende com mais rapidez uma idéa, para apresental-a em forma de inquerito, do que o nosso sympathico confrade. Fala-se por tal forma numa direcção das letras, que seria para admirar que não se tivesse feito uma consulta a proposito. Mas o Sr. Gaston Picard velaria e pediu a 60 escriptores que lhe expuzessem seus programmas, se lhes fosse confiada o departamento das bellas-lettras. Muitos dentre esses têm ainda um espirito bastante independente para não adherir a semelhante organização. Já temos em demasia uma litteratura official e como não se ignora, seria difficil encontrar outra mais fastidiosa e soporifica, salvo naturalmente raras excepções. Muitos consultados do Sr. Gaston Picard expressam o seu programma ministerial, mas varios tiveram o bom gosto de dizer que se dimittiriam no dia immediato á da sua nomeação para ministro. Esse inquerito suggeriu aliás ao Sr. Sébastien Voivol, autor de obras curiosas e requintadas, a idéa de formar um grupo de escriptores independentes para contrabalançar a influencia que podem ter as litteraturas excessivamente ministeriaes...

O Sr. Marcel Sauvage fez no *Paris Journal* um inquerito sobre os "escriptores muito conhecidos", que, como era de prever, deu os resultados os mais phantasticos. São escriptores como Anatole France, Romain Rolland, Paul Claudel, Paul Valéry, etc., os julgados "muito conhecidos". Terá ainda o Sr. Marcel Sauvage illusões sobre a sinceridade e a seriedade de seus confrades?

A questão do classicismo e do romantismo retomada com um ardor sem duvida um tanto exaggerado, motivou um outro inquerito na revista *Belles Lettres* pelo Sr. Maurice Caillard. Trata-se de saber se o classicismo representa de facto a saude, como disse Gotthe, e se o romantismo corresponde a um estado morbido. A questão do romantismo se complica com o mysticismo e não se póde regular na resposta a um inquerito. Para nós, são dois estados mais ou menos antinomicos do pensamento e da arte e que não é preciso oppôr, pois no mesmo espirito podem coexistir elementos de uma e de outra cathogoria.

A revista *Renaissance* faz um inquerito sobre "litteratura e publicidade". Como se sabe, os methodos empregados pelos livreiros são muito mal acolhidos pelos criticos, que disseram num momento de máo humor: para que commentar minuciosamente um livro, se o editor se incumbem de elogiar-lhe os meritos em notas de tal hyperbolismo, que podem fazer escandalo? Evidentemente a pequena nota tende a tomar o logar da grande critica. Esta cada vez se torna mais

difficil, devido á superprodução. Quando um critico recebe uma média de 40 livros por semana, não póde guardar senão dois ou tres para analysar com todo cuidado. Alguns preferem isso, mas nos livros que são obrigados a deixar de lado podem estar mais de cem que mereçam uma resenha detalhada. Para escapar á critica, criaram-se com furor, nos diarios notas literarias, onde, sem se fazer critica propriamente dita, são assinaladas as novas produções em algumas linhas que dão um resumo mais ou menos exacto das obras em questão. E' uma solução rapida, mas não é necessario insistir em dizer que, nessas condições, os julgamentos são falhos de solidez e precisão. Mas é a nossa época que assim o determina, e é preciso andar tão depressa nas coisas do espirito como nos negocios praticos. Não é commodo prever, tanto mais quanto as prophcias não são mais de nosso tempo; mas devemos desejar que os nossos methodos duren menos do que os antigos e que sem voltar em absoluto a esses, possamos encontrar um meio de conciliar, na medida do possivel, a rapidez da informação com a competencia e a solidez do julgamento.

Prepara-se em Franca a commemoração com brilho do tri-centenario de Camões que, como o de Ronsard, cae este anno. Os jornaes francezes não deixarão de publicar em breve o programma das festas que serão feitas em honra do illustre poeta dos *Lusiadas*.

O movimento para a celebração de Ronsard já começou em conferencias e artigos de revista. Uma dellas, a *Muse*

Française consagra o seu numero de Fevereiro ao poeta dos *Amours*, ao gentilhomen da Vandéa, que se fez agora o "Principe do poetas", depois de dois seculos de olvido. Esse entusiasmo por Pierre Ronsard ultrapassa tudo quanto se poude ver até agora.

Esses movimentos de reaccão são caracteristicos do espirito dos francezes. Certamente, podemos gostar de Ronsard e seu *Verd Laurier*, conhecer de cor poemas seus, mas porque uma tão grande quantidade de imitadores deve reproduzir os seus pensamentos, as suas imagens, as suas expressões em obras sem mais encanto para os que deseiam a poesia como outra coisa a mais do que deveres, embora muito perfectos?

E de Ronsard passemos a Voltaire, cujo coração foi encontrado na Bibliotheca Nacional, descoberta feita pelo seu novo administrador, Sr. Roland Marcel. A expressão é um pouco forte, porque, se o caso não fosse conhecido pelo publico, não seria demais recordar que Victor Durev, quando ministro da instrucção publica, fizera collocar a preciosa viscera do grande escriptor no pedestal da figura de Houdon, representando Voltaire. Mas, por certo, ninguem mais se lembrava bem desse facto.

Ao menos, essa descoberta valeu uma cerimonia official, presidida pelo Sr. Leon Berard, nosso actual ministro da instrucção publica. O coração de Voltaire renouisa agora no vestibulo de honra da Bibliotheca Nacional e poder-se-ia dizer com certo *humour* que é uma curiosidade a mais para os turistas.

LOUIS GONZAGUE FRICK

RODIN VISTO POR MIRBEAU

No setimo anniversario da morte de Mirbeau, a *COMOEDIA* de Paris publicou a seguinte pagina inedita do poderoso escriptor do CALVAIRE, que reproduzimos, no original, para não lhe tirar a força e o vigor:

Auguste Rodin a été, tour à tour, le supplice et l'exaltation de la volupté, la douleur de la Vie, la terreur de la Mort avec l'Enfer; la voix de l'Histoire, avec les Bourgeois de Calais; le fracas de l'Élément avec Victor Hugo; l'Humanité multiple avec Balzac. Et, avec l'Enfer, Victor Hugo, Balzac, les Bourgeois de Calais, il aura toujours été la Nature et la Beauté. Esprit tumultueux comme un volcan, imagination grondante comme une tempête, cerveau sans cesse en feu et dévoré de flammes comme une forge qu'on n'éteint jamais, il est sage pourtant, et prudent! Et jamais il ne lui arriva de chercher une expression de vie en dehors des lois primordiales et éternelles de la Beauté! Il sait que tout ce qui s'éloigne de la vie est fallacieux et vain, et que rien n'est mystérieux de ce qui va demander de lumière aux ténèbres, du mouvement au neant. Son symbole est clair, parce qu'il est dans la nature comme la forme impérissable et une qui se répète des nuées du ciel à la montagne, de la montagne au corps de l'homme, du corps de l'homme à la plante, de la plante au caillou. Et c'est pour avoir compris ce principe unique du dessin, pour l'avoir toujours respecté dans son œuvre, que son œuvre nous émeut, nous étreint et nous subjugué, plus que toutes les autres.

Terrible et formidable déchirant les chairs convulsées sous le fouet de la luxure et les morsures de la tentation. il est tendre aussi. et il est chaste, et nul n'aura fait rayonner du corps de la femme, plus de grâce, plus de jeunesse et plus de caresse!... Oh! cette chair blanche des statues où le marbre transfiguré s'anime, palpite, frémit et se soulève en mouvements d'harmonieuse respiration, où la chaleur de la vie, le mystère du sang, la fécondité adorable du sexe gonflent les seins: chair réelle et parfumée, où toute la peau, alanguie et souple, tendue et pâmée, que la lumière caresse, que les ombres satinent, semble modelée par les doigts divins du Créateur!...

ANATOLE FRANCE

A 16 deste mez completa Anatole France 80 annos e toda a mentalidade franceza celebra com jubilo essa data na vida gloriosa do artista insigne, celebração a que se associa o espirito latino, que no autor do *Le Lys Rouge* tem uma das mais altas expressões. Entre nós, tão intenso tem sido o reflexo da obra do mestre, talvez nem sempre benefico, que seria desnecessario, neste simples registro, maiores referencias ao poderoso escriptor. Quaesquer que sejam, porém as divergencias do seu scepticismo esterilizador, ou do seu fremito retardatario de anarchista, o que perdura é a obra de arte, que nos deu, na sua infinda suggestão. Já foi feita uma subtil e penetrante differenciação, ou classificação, dos tres mais altos espiritos litterarios da França



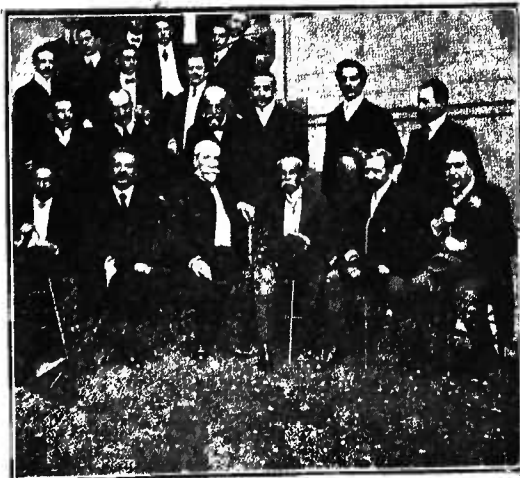
Anatole France (desenho de Leroux)

moderna, dous dos quaes recentemente fallecidos: Loti, Barrès e France. O primeiro seria os olhos, o segundo, o cerebro, e o terceiro, as mãos. O romancista de *Aziyadé* seria o artista visual, criador de deslumbramentos; o escriptor dos *Derracinés*, a cerebração mais viva e poderosa; o autor da *Histoire Comique* o artifice voluptuoso e intenso, bem ligado aos homens do renascimento italiano, de que espiritualmente descende em linha recta. Não se veja no artifice uma diminuição, mas uma fórmula do artista, nessa expressão symbolica e perfeita.

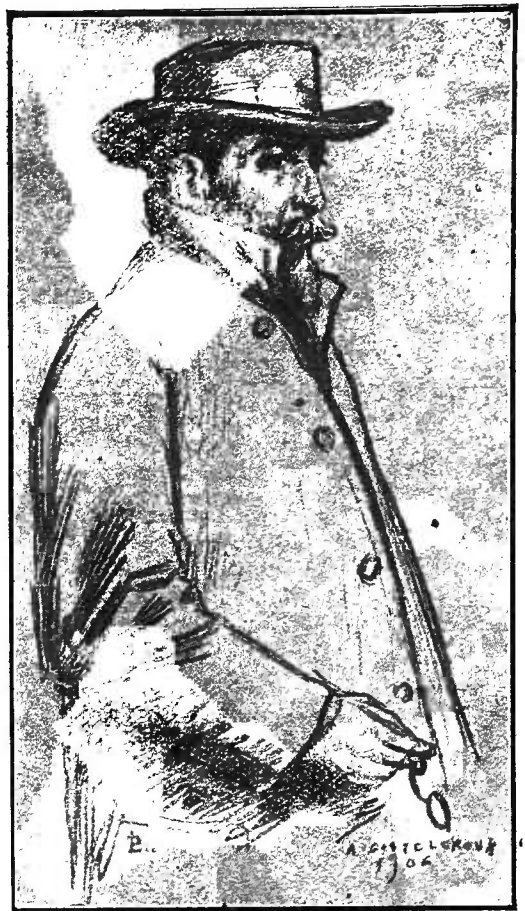
Anatole France entre nós tem tido uma influencia profunda, já o dissemos, bem como observamos que talvez nem sempre benefica. Sobre a nossa inquieta imaginação, o sorriso cynico de suas

figuras destruidoras seria um motivo de inquieto scepticismo, dissolvente em toda parte, de mais a mais entre temperamentos de fundo melancolico, como o nosso. Rebateu essa influencia, Ruy Barbosa na admiravel oração, com que o saudou, da cadeira de presidente da Academia Brasileira de Letras, mas ajuntou, numa imagem justa, como poderiamos ter o goso da sua arte, sem o veneno de sua malicia. E' que o fumo, ditase o mestre brasileiro, só deixa marca nos pulmões do fumante e não affecta os que o aspiram no ambiente. Póde-se retrucar que o perfume da fumaça dá vontade de fumar e o mal então se propaga... Mas não é aqui o lugar de discutir esse assumpto de critica litteraria: queremos apenas lembrar a data natalicia de Anatole France, e evocar a grandeza de sua obra. Esta nos é tão commum, tão familiares nos são as suas figuras, o displicente Mr. de Bergeret, Sylvestre Bonnard, ou Pierre Noziere, seu proprio retrato, accentuado na *Vie en Fleur* e no *Petit Pierre*, que aos leitores só interessariam os estudos criticos e não é esse o nosso intuito, nesta simples noticia.

Anatole France, que se fez ardente patriota no curso da guerra, verberando o procedimento do inimigo destruidor e iconoclasta, é hoje um anarchista exaltado, de uma exaltação que faria rir o prudentissimo Jérôme Coignard... O mestre francez, depois de considerar a vida como uma successão da imagens divertidas e pittorescas, sem finalidade, pois o bem e o mal são (ou eram), para elle, sensações enganosas, pois a vida é indifferente, depois de demonstrar o seu puro amor ás fórmulas, sentindo talvez neces-



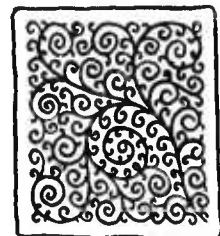
Anatole France, ao lado de Ruy Barbosa e outros membros da Academia de Letras, em 1908



Anatole France (desenho de Leroux)

sidade de crer, como observou Mauclair, se fez anarchista. Terá vez por outra, em seus livros, deixado entrever certos pendores para essas doutrinas, mas sempre as envolveu na sua continua zombaria, que seria perigoso adiantar que dellas partilhasse. Só agora, na velhice, fez profissão de fé, passando-se das fórmulas para as idéas. Ora, o que caracteriza Anatole France é o lado contemplativo, porque tudo mais é ironia... Só a arte o commove e esse prazer pela fórmula é tão accentuado, no proprio estylo do escriptor, que nelle se sente uma intensa voluptia. Essa voluptia é que torna a sua obra um tanto feminina e é tambem o seu maior enlevo.

Diminuirá talvez o brilho da celebração do octagesimo anniversario de Anatole France, o estado de saude do mestre, que, de ha mezes a esta parte, se não é precario, tambem não é lisonjeiro. Mas por certo, na "Villa Saïd", cercado de seus livros (Anatole France é um eminente bibliophilo) e de seus objectos de arte, de que é grande colleccionador, o notavel escriptor receberá de toda a mentalidade moderna a homenagem devida ao seu genio, que é uma das mais puras glorias do espirito latino.



A defesa do patrimonio artistico das Igrejas

Lastimamos sinceramente que a excludade de espaço nos impeça de transcrever na integra o notavel documento, que é a circular de S. Ex. Revma. D. Sebastião Leme, Arcebispo Coadjutor de nossa Archidiocese, recommendando aos vigarios e administradores ecclesiasticos a observação das leis canonicas que visam conservar e defender o patrimonio artistico de nossas igrejas. Mas, dando um resumo das idéas do illustre prelado, queremos accentuar a benemerencia e o a'cance de sua acção, afim de evitar, senão que desapareçam thesouros artisticos religiosos, muitos dos quaes já cahiram em mãos de estrangeiros e estão no estrangeiro, a menos que se dispersem, se estraguem, ou se percam. A acção ecclesiastica nesse caso é da maior importancia, tanto mais quanto essa defesa é prescripta em leis canonicas, não sendo mais simples interesse artistico, que se não pôde exigir. Mas a circular não se limita a chamar a attenção dos parochos para esses thesouros, e recommenda a organização de bibliothecas, archivos e museus, onde se poderão encontrar os meios mais authenticos de reconstrucção historica, não só politica, social e religiosa, como artistica e litteraria.

Merece por igual todo re'levo a parte da circular, em que se refere á necessidade de dar ao nosso espirito um fundamento puramente nacional, fiel ás origens, evitando toda essa infecunda e esteril imitação, mal feita através de romances e de *films*, digeridos ás pressas e levanamente reproduzidos. São palavras profundas estas que transcrevemos:

"Cultivam-se litteratura, arte e estylos architectonicos que corporificam idéas e aspirações, pensamentos e sentimentalidade que não são da alma brasileira. E' uma incongruência sem nome, uma anomalia inconcebivel, mas, que se ha de fazer, se no ultimo romance francez e nos mais novos "films" americanos teimam os nossos em buscar as normas do bom gosto, a educação esthetica, os desportos e até o modo de vestir!

Quando até por longínquos povoados do interior, em lugares onde nunca se vio uma só farda do nosso Exército e onde nunca resoaram os grandes nomes nacionaes, já são populares as apotheoses militares e as personagens belicas e artisticas de certas nações exportadoras de pelliculas cinematographicas, ao nosso coração de brasileiro e sacerdote se impõe imperativo e urgente o dever patriotico de gritar uma e mil vezes que se respeitem ao menos os unicos thesouros e caracteristicas nacionaes que nos restam — as igrejas e seus obiectos de arte. São reliquias da nossa fé, marcos da nossa nacionalidade, padrões gloriosos da nossa raça!"

Referindo-se á architectura. "arte social por excellencia" o eminente Arcebispo Coadjutor mostra que a architectura das igrejas, se não deve ser uma cópia de outras épocas, nem um retrocesso ao typo do chamado estylo colonial, passadismo que lhe não merece approvação, deve orientar-se no sentido do respeito ao espirito nacional, procurando exprimir em nossa terra e em nossos dias o pensamento christão.

"Igualmente julgamos escreve S. E., não exorbitar se, já não digo, pedirmos, mas exigirmos, que sejam quaes forem as nossas preferencias de estylo para as igrejas a serem construidas, em se tratando de igrejas antigas, não se attente nunca, por motivo algum, contra a be'leza veneravel de suas feições architectonicas.

"Generalizando mais o nosso pensamento, queremos fazer aqui um appello vehemente a todos os homens capazes de influir na opinião publica, afim de que nos auxiliem a despertar e desenvolver na mentalidade popular sentimentos de culto affectuoso ás cousas e monumentos do passado.

"Com a palavra fallada e escripta, com o nosso exemplo, principalmente, levemos a todos os habitantes do Brasil a convicção profunda da seguinte norma de boa educação esthetica, patriotismo e cultura espiritual:

"Onde quer que se nos apresente um traço apreciavel da *physionomia nacional*, em sua historia, em suas crenças e tradições, em seus documentos de arte, a unica attitude que convem a um homem de espirito — é a de respeito e veneração."

Juntando a acção pratica á doutrinação, D. Sebastião Leme organizou na Archidiocese a commissão de Obras de

O ROMANCE MODERNO

O romance hodierno (inteiramente volvido a esmiuçar as mais veladas intimidades, a perceber as relações mais extraordinarias e difficeis) ameaça de apoucar o sentido da realidade natural e da humanidade. E' a sua grande t'ara. Impressionismo, lyrismo, psychologismo e outros, uma ponta de phantasia morbida: eis, em summa, a formula. A' sua origem doentia correspondem uma fórma allucinada e retorcida e um estylo desarticulado e frenetico. Assim, esse modernismo pôde significar impotencia. O futuro dirá se as tendencias revolucionarias de hoje na arte do romance triumpharão, ou se um escriptor de genio, como fez Balzac no Ottocento, conseguirá abolir a desordem, resumindo e impersonalizando as caracteristicas de todo um genero. Além da surpresa que lhe é inherente, o problema está destinado a uma conclusão mais ampla. Veremos um novo classicismo (os signaes da aurora são incertos e o céu ainda velado não se desmanuvia), ou assistiremos á victoria das mil degenerações romanticas que infestam actualmente a litteratura europea?

ARRIGO CAJUMI

Arte e, no Seminario, um curso de Archeologia e Be'las Artes. Não são demasiados todos os louvores a essa nobre iniciativa, cujos beneficios hão de ser os mais proficuos, para o desenvolvimento de nossa cultura artistica. O illustre prelado, presta assim á sua obra de dever religioso, um alto serviço de patriotismo, digno dos maiores encomios e de todo o nosso entusiasmo.

A Commissão de Obras de Arte terá as seguintes attribuições, nos termos da citada circular:

1) Dar os pareceres de que trata esta carta circular, toda vez que forem solicitados.

2) Zelar (vigiando, urgindo, esclarecendo, envidando, emfim, todo esforço) a conservação dos edificios, documentos e bens esclarecidos de valor artistico ou historico.

3) Promover a organização de um inventario ou catalogo de todos os do-



D. Sebastião Leme

cumentos e cousas de arte, archeologia e historia, confiados á guarda do clero e corporações religiosas. Esse inventario será feito de parochia em parochia, a começar pela Cathedral, abrangendo as igrejas, capellas, irmandades e outras instituições ecclesiasticas.

4) Promover a publicação de um guia artistico e historico das nossas igrejas, onde, com a planta da cidade venham indicados os edificios religiosos e, com o *cliché* de cada um, os dados que possam interessar á historia e ás bellas artes.

5) Promover a criação de um Museu Ecclesiastico para serem guardados os obiectos por acaso dispersos ou mal guardados.

VIII. Fica instituido ainda um Conselho Technico para construcção de igrejas e edificios ecclesiasticos, com as seguintes attribuições:

1) Dar pareceres escriptos sobre todas as plantas para construcção, reconstrucção, reformas de igrejas, capellas e outros edificios ecclesiasticos.

2) Fiscalizar, pelo lado technico, mediante solicitação do Conselho de Administração, todas as obras que se fizerem em edificios ecclesiasticos.

Sobre o curso de Arte Sacra, diz a respeitavel circular:

"Para despertar no clero maior apreço ás nossas preciosidades artisticas e archeologicas, será estabelecido no Seminario um curso de Archeologia e Bellas Artes.

Esse breve curso de be'las artes, cuja frequencia será aconselhada aos sacerdotes e obrigatoria aos ordenados, dará ao clero os meios para não ficar julgando mais tarde á incompetencia de não poucos constructores.

Serão ministradas noções exactas sobre a arte e belleza artistica, insistindo-se de preferencia na Arte Christã, quer em Architectura, como em Esculptura e Pintura, não só na parte theorica e artistica, como na historica.

Serão dadas noções de Symbologia Christã, Iconologia Sagrada, Mobiliario, Indumentaria, etc., não sendo esquecida a Archeologia Litteraria, para que alguma cousa fiquem os sacerdotes sabendo de Paleographia, Epigraphia, Bibliologia, Numismatica, etc.

Comquanto elemental, esse estudo ha de produzir beneficos resultados, fomentando o amor ás cousas de arte que nos legaram os antepassados e o cuidado com que havemos de zelar a sua conservação."

Queira Deus resultem desse esforço todos os beneficios que delle é licito esperar e nos quaes confiamos resolutamente.

DE SATYRA SOTADICA

Apressou-se meu presado editor a confessar o desgosto que lhe proporcionára a composição dos *Laureis Insignes*, feita em typographia alheia, vagarosamente e com desassocegos. Não foi menor a tristeza do autor ao recensear, aturdido e cogitativo, as imperfeições, os enganos e os descuidos. As faltas são mais importantes que numerosas, e entre as emendas ainda a fazer uma existe que, não tendo sido incluída na errata, exige sem tardança ser apontada. Trata-se do título do último capítulo do livro, aquelle que me parece de confecção mais infeliz, por avultarem nelle os erros mais grossos. O escriba, pretendendo caracterisar com rigor a parte mais famigerada da obra do satyrista brasileiro, foi pedir de empréstimo á lingua estranha uma palavra bastante expressiva, embora só conhecida dos eruditos e talvez pela primeira vez estampada neste lado do Atlantico; mas o intento foi lastimosamente contrariado, porque a locução eleita com apurado estudo lá figura truncada, corrompida por um troca de letras, sem nenhum sentido. Não escrevi no original *satyra sodatica*, e sim SOTADICA; e, fosse qual fosse a causa desta incorrecção deploravel, a primeira graphia seria absurdeza, injustificavel dislate, aborto vil. Nesta altura, permitto-me explicação minuciosa ácerca do uso que fiz, ou pretendi fazer, do vocabulo forasteiro, para estabelecer uma distincção, que julgo valiosa. Erradamente denomina-se erotica a poesia lasciva, impudica ou tórpe, quando, consoante o seu verdadeiro significado, o termo (como indica a raiz grega, *eros*) serve apenas para designar a poesia que canta as delicias do amor. Foi esse equivoco que entendi desfazer relativamente a Gregorio de Mattos, cujos versos são mais do que licenciosos, sobremaneira abandalhados e sordidos. O que os gregos chamam poesia erotica, não é a poesia libertina de Marcial, Aretino, Nicoló Franco, Boccage, Tomás Pinto Brandão ou Gregorio, mas a poesia fescenina, amorosa ou sensual de Anacreonte, Sappho, Clearco, Theophrasto e outros epigrammistas voluptuarios. Assim sendo, Catullo, Propercio, Tibullo, Ovidio, Jean Everaerts, Marot, Ronsard, Baudelaire e Renée Vivien são poetas eroticos, enquanto o autor dos *Sonnetti Lussuriosi*, Giorgio Baffo, Pacifico Massimo, Antonio Vignale, o *Panormita* e o Verlaine de *Femmes* são excluidos desta classificação por extremada obscenidade. Aos versos indecentes, recheados de pensamento lascivo e de expressão cloacina, deram elles a denominação generica de *sotadicos*, inspirada pelo alexandrino Sotades, que poetou na Thracia no III seculo antes da era actual. Sotades, poeta bandalho que Ptolomeu Philadelpho mandou afogar, cosido num sacco, compôz innumerados poemas luxuriosos, indecorosos e sarcásticos em versos jambicos irregulares, chamados *retrogrados* por uns ou *recorrentes* por outros. Esses ver-

sos, lidos em ordem inversa, apresentam as mesmas palavras e possuem identico sentido. Sirva de exemplo o seguinte de poeta latino:

Roma tibi subito motibus ibit amor.

ou ainda este:

Astra tenet cœlum, mare classes, area messem.

Ora, taes versos, que comprehendem diversas variedades (o tetrametro catalectico, o tetrametro e o pentametro), tomaram entre os gregos e os latinos a classificação de *sotadicos* (*sotadeum carmen*), em lembrança do inventor, que deve a celebridade mais á desenfreada pornographia que á engenhosa technica dos seus poemas. No entanto, se do verso jámbico se diz sotadico, sobretudo ás obras deshonestas, obscenas e abjectas, é que os gregos applicaram aquella definição, acceita e generalizada pelos eruditos francêses no seculo XVII, principalmente depois que Nicolas Chorier deu a lume em 1657 ou 1659 a celebre *Satyra Sotadica*, attribuida falsamente a Luiza Sigéa, dama toledana, erudita, sabia e virtuosa, cuja gloria se repartiu entre Portugal e Espanha. Foi meu proposito, aproveitando a lição antiga, dar á musa devassa de Gregorio moldura conveniente. Saiu-me manca, quedando-me, com o infausto exito, sem recursos para corrigir o aleijão. O livro, certamente, não merece immortalidade, e só o texto pede reparo, menos em attenção aos genuinos eruditos, sempre tolerantes, que para evitar a malicia daquelles criticos para quem o poeta escreveu:

Hæc mala sunt: sed tu non meliora facis.

A meu juizo, errata em livro não é coisa prestante ou serviçal, e raramente remedeia erros. De mais a mais, as *coquit-*

les typographicas são inevitaveis, e não me deterei agora a indicar exemplos, que andam correntes na noticia de todos. Nunca me dei ao exercicio de reler minhas semsaborias depois de impressas para catar lacunas de composição ou de linguagem. As primeiras sempre deixei correrem livremente e as demais sempre contaram com a generosidade christã dos doutos. Agora o faço arrastado pelo receio de immerecido reproche ás minhas magras letras, que, se em publico se apresentam desenfeitadas de estylo e sem luzimento, não costumam jamais apparecer ostentando deformidades ou incurias que offendam ao bom gosto e á esthetica litteraria. Os livros do eminente patrão dos *Laureis Insignes*, aliás tão maravilhosamente escritos como impressos a primor, trazem, invariavelmente, como nota de precaução, estas palavras do poeta fidalgo D. Francisco Manoel de Mello: "Da infelicidade da composição, erros da escritura, ou outras imperfeições de estampa, não ha que dizer-vos: vós os vedes, vós os castigais" A critica justiceira ou o leitor benevolo não imputa culpas a innocentes. Muita vez, porém, a incorrecção representa duro castigo para escritores esforçados ou pundonorosos, e, neste caso, a advertencia é desconsoladora explicação, desconsoladora e inoqua. Todavia não me considero dos mais desgraçados: no titulo do ultimo capítulo dos *Laureis Insignes* apenas entornaram soda... caustica, ao passo que no prefacio de uma das obras de Machado de Assis, autor pudico e casto, verteram coisa muito peor, porcaria nauseabunda. Tenho, pois, que não ha mais contas que pedir, nem mais esclarecimentos que dar.

Elysio de GARVALHO

Por que Pascal não antecipou Newton?

Em face do genio de Pascal, uma questão se propõe naturalmente: porque, estando elle á beira de um campo maior de descobertas, não deu o ultimo passo? Pois lhe bastava, para antecipar Newton e Leibnitz, generalizar os problemas que resolveu, porque, então, elle o espirito synthetico por excellencia, elle que aos 16 annos, dominava com tanta elevação a theoria dos conicos, porque se absteve de um esforço tão natural? Se era mestre de calculo infinitesimal, se igualmente era mestre dos principios de mecanica então conhecidos, porque não explicou essa sabedoria ao mais grandioso problema que o *cosmos* propunha aos homens de seu tempo, ao systema de Copernico e de Kepler?

Criticos eminentes allegam a inaptidão de Pascal para se mover no abstracto. Não é duvidoso que Pascal, por temperamento intellectual, prefira ao automatismo do calculo symbolico o raciocinio intuitivo e directo que, do ponto de partida ao da chegada, contempla uma realidade precisa, geometrica ou physica. No manejo da algebra abstracta, não possui essa virtuosidade que o habito permite. Mas bastaria para conquistá-la de um esforço de vontade e não de genio.

Esse esforço, repetimos, porque não quiz fazer?

Em vão procuraríamos a resposta nos escriptos mathematicos de Pascal, porque o enigma permaneceria insolúvel se ignorassemos que, nelle, o sabio não é senão uma das faces da sua personalidade, que é antes de tudo um dos mais altos lyricos da ansia humana e que a sua grande alma atormentada proseguia, fóra da sciencia, a busca das certezas absolutas que a dessedentasse.

Contemplando o seu proprio genio, não olhará, de ora em diante, para os mathematicos senão como "um ensaio, não um emprego" de nossas forças. E mesmo que os numeros permittissem a demonstração da existencia de não sei que divindade insensível e abstracta, que socorro encontraria nisso?

Aos seus olhos, pois, a pesquisa scientifica não deve ter outro fim — não ser o de exercitar e fortalecer a nossa razão, ao mesmo tempo que a limitar, permitindo-lhe aceitar humildemente verdades mais altas e de uma ordem a que não attinge a sciencia.

PAUL PAINLEVÉ

(De La Revue de Paris).

O CENTENARIO DE KANT (1724 - 1924)

A 22 do corrente celebra o mundo o segundo centenario do nascimento de Emmanuel Kant, o grande philosopho allemão, e um dos maiores pensadores do mundo moderno. Kant e Leibiniz são as mais insignes expressões da philosophia allemã. Nasceu Kant em 22 de Abril de 1724, em Königsberg, na Prussia oriental, cidade que, segundo o philosopho, no prefacio da sua *Antropologia*, como centro de vida politica e intellectual da região, como porto de mar e centro economico de uma extensa zona do continente com varias populações orientaes, era um logar muito indicado para procurar-se o conhecimento do mundo e dos homens. Emmanuel Kant era o quarto filho de Gian Giorno com Anna Regina Reuter, gente de pequena burguezia, sendo o seu pai selleiro. Aos oito annos, Kant começou a frequentar o *Fridericianum*, instituto onde esteve até 1740, quando entrou para a Universidade. Fez naquelle estudos religiosos e teve uma magnifica instrução da lingua e da litteratura latinas. Em 1737, morreu a sua mãe, a quem era muito affeçoado, della fallando como senhora de grande bom senso, coração nobre e sincera religiosidade. Em 1740, como se disse, entrou para a Universidade de sua patria e iniciou os seus estudos na faculdade de philosophia que, segundo a tradição vinda da Idade-Média, era uma especie de curso propedeutico para os cursos superiores. Nessa faculdade, as disciplinas verdadeiras eram oito: lingua hebraica, mathematica, lingua grega, logica e metaphysica, philosophia pratica, sciencias naturaes, poesia, eloquencia e historia. As predilecções de Kant foram para a mathematica, as sciencias naturaes e a cosmologia, interessando-o sobremaneira Lucrecio. Em 1746, apresentou ao decano da faculdade o seu primeiro trabalho *GEDANKEN VON DER VAHREN SCHATZUNG DER LEBENDIGEN KRAFTE* (*Pensamentos em torno da verdadeira avaliação da força viva*) que foi publicada. É um ensaio sobre a contenda entre Descartes e Leibiniz a proposito da medida de força e já revela o poderoso engenho que depois assombraria o mundo. Nesse mesmo anno, em 24 de Março, morreu o seu pai.

Depois da vida difficil que levou como universitário, Kant foi professor privado, mas sempre aspirou ao magisterio na Universidade, onde entrou em 1755, sendo feito *magister* graças ao seu escripto *De igne* e de ter sustentado uma discussão sobre a dissertação *Principiorum Primorum cognitio metaphysice nova dilucidatio*. No inverno 1755-56, principiou as suas lições, tendo na primavera de 1756 sustentado uma outra discussão sobre o thema *Monodologia Physica*, para obter um extraordinariato. Mas deveria esperar 15 annos para ser professor. Duas vezes pretendeu vagas existentes, mas sem exito. Na segunda vez, dirigio seu pedido á Imperatriz da Russia (Koenigsberg esteve dos fins de 1757 até a paz sob a jurisdicção russa). Vagando a Cathedra de arte poetica em Berlim, foi-lhe offerrecida; mas recusou. Em 1766 foi nomeado bibliothecario da Bibliotheca Real, com 62 talheres de ordenado. "Ao principio da sua carreira academica, escreve Paulsen, o seu interesse philosophico scientifico se dirige de preferencia, como revelam os escriptos e as lições, para o mundo exterior. Nas lições, afora a logica e a metaphysica que, por principio, estavam em primeiro logar, tratava ainda da mathematica e das sciencias naturaes. Um curso principal tornou-se, além disso, a *Geographia Physica* que Kant introduziu em primeiro logar no ensino universitário". Em 1755 publicou *ALLEGEMEINE NATURGESCHICHTE UND THEORIE DES HIMMELS* (*Historia natural geral e Theoria do céu*) ensaio de uma constituição e origem mecanica do universo, no ponto de vista newtoniano, publicado sem o nome do autor e offerrecido a Frederico II. Nesse trabalho, Kant explica genericamente com principios

puramente physicos a estrutura do cosmos, por uma emanação da força physica, no que precedeu, de certo modo, Laplace.

Em 1770 Kant, já então gosando de alta consideração do Governo, era feito professor ordinario, de logica e metaphysica, tendo em 1778 o Ministro da Instrução Von Zedlitz insistido em vão para que accitasse uma cadeira em Halle, a mais importante universidade prussiana. Mas Kant recusou, para não sahir de Königsberg. Em 1781 apparece a *KRITIK DER REINEN VERNUNFT* (*Critica da Razão Pura*), seu livro fundamental, offerrecido a Zedlitz. De 1780 inicia-se o periodo de sua grande actividade criadora. Em 1788



Kant

publica a *KRITIK DER PRAKTISCHEN VERNUNFT* (*Critica da Razão Pratica*) e em 1790 a *KRITIK DER URTEILSKRAFT* (*Critica do Julgamento*). Em 1786 falleceu Frederico II e seu successor Frederico Guilherme II, substituiu Zedlitz por Woliner, cuja intolerancia religiosa logo se caracterizou pelo edito de 9 de Julho de 1788 perseguindo o illuminismo na Prussia. Em 1793, reagindo contra essa intolerancia, escreveu sobre os confins da Religião na Razão, mas o segundo artigo foi censurado e depois admoestado pelo

rei, tendo o philosopho promettido não mais escrever sobre religião. A fadiga ia abatendo o grande pensador que em 1796 abandonava as suas lições, até que ficou impossibilitado de trabalhar. Em 1798, escrevendo a *Garue*, dizia que o seu estado physico era de discreta saude, mas o espirito estava impotente e assim via a sua philosophia incompleta, num suplicio de Tantalos. Afinal em 12 de Fevereiro de 1804 morreu Kant, sendo as suas ultimas palavras *Es ist gut* (Está bem). Em seu tumulo gravaram estas palavras da *Critica da Razão Pratica*:

*Der gestirnte Himmel über mir,
das moralische Gesetz in mir.* (1)

*
* *

A vida de Kant era de uma systematização absoluta e o seu horario invariavel, o seguinte: levantava-se ás cinco horas, trabalhava até ás 7 ou ás 8, horas de aula, e depois, das 9 ou das 10, até a hora do almoço, uma da tarde. A' hora da refeição, uma unica nos ultimos annos, gostava de conversar duas ou tres horas. Passeiava uma hora, sempre com o mesmo itinerario, dedicando o resto do dia ao estudo ou á meditação. Deitava-se ás 10 horas. Tinha poucas relações, quasi todas no meio universitario. O mundo exterior não o preocupava, tanto que nunca sahio de Königsberg e jámais viu uma montanha. Mas gostava de ler descrições de viagens. O seu discipulo e amigo Krans diz que Kant escrevia com um livro aberto em frente, para distrair-se com a sua leitura, nos momentos de fadiga. Só possuia um retrato, de Rousseau, de quem soffreu forte influencia e a quem admirava profundamente.

Não é aqui, nestas breves notas sobre o homem, logar para se fallar desse grande philosopho, que já foi chamado Segundo Messias e diante do qual Schutz cahia em adoração. Herder escreveu que "a sua fronte aberta, feita para pensar, era sede de uma alegria perenne, de um prazer impertubavel". A philosophia de Kant exerceu uma influencia extraordinaria no pensamento moderno e não nos cabe aqui apontar as referencias. Maior do que Comte que delle procede, Kant foi o grande philosopho dos tempos contemporaneos. Se o seu scepticismo metaphysico foi infecundo e perturbador, a sua philosophia moral foi de uma excelsa grandeza.

(1) *O Céu estrellado sobre mim, em mim a lei moral.*



LIVROS ESTRANGEIROS

Os confins da sciencia e da fé

E' esse o titulo da nova obra do eminente sciencista, o Abbade Th. Moreux, cujo primeiro volume acaba de apparecer. E' uma analyse profunda e uma larga discussão em torno do pretendido antagonismo entre o dogma catholico e os principios, ou hypotheses, sciencificas, afim de mostrar que não existe esse desaccôrdo, senão na cabeça dos que, ignorando a religião, lhe emprestam falsas idéas. Para isso fixa alguns dos problemas essenciaes da sciencia, na hora actual, e estuda-os á luz das conquistas as mais modernas da intelligencia humana, claramente demonstrando que não existe conflicto algum entre sciencia e fé, nem tal poderia existir. E' um livro de alta cultura e divulgação, feito com uma claridade transúcida, de sorte que os não iniciados nos estudos especializados da sciencia, lhe podem acompanhar o raciocinio e seguir a logica, através desses intrincados meandros. Os problemas estudados são os seguintes: existencia de um plano do universo, o que acceta, pois os astrónomos não encontraram nenhum objecto fóra do nosso



Th. Moreux

Universo, representado pela Via lactea, sendo que o plano da Terra deve ser um plano médio da Via lactea, de uma distancia de cerca de 65.000 annos-luz de seu centro; o problema do universo infinito, que mostra ser absurdo, em face da logica sciencifica, que repelle o "espaço em si", sem o qual não se comprehenderia a extensão infinita do universo; o evolucionismo e o criacionismo, que estuda afim de provar que a evolução não é repellido pela Igreja, desde que deixe de ser, "necessariamente mecanista" para se tornar "a operação gradual de um desejo divino"; as theorias antigas e modernas de cosmogonia, cujas hypotheses ainda marcam a nossa impossibilidade em face do grande enigma; a genese dos elementos, mostrando o descuido dos que querem (como os positivistas) impedir a indagação do como foram feitas as cousas, sem limitar um dos mais justos anseios do homem; o estudo do atomo, de sua constifuição e propriedade; a materia e a energia, abor-

dados os problemas da Thermodynamica, de accôrdo com as doutrinas mais recentes, concluindo pela degradação constante da energia, cada vez menos utilisavel sob uma fórmula mecanica; e, por fim, a questão de eternidade do mundo, que mostra ser um conceito absurdo, porque um acontecimento produzido num tempo infinito e um acontecimento que nunca se deu, portanto nenhum fact real nelle se produziu, logo o mais remoto acontecimento real que houve foi num tempo finito e determinado e consequentemente o mundo teve começo. Eis, num rapido esboço, os varios problemas elaborados neste livro magistral, dentro de uma solida argumentação, construida em doutrinas fundamentaes. Noticiando o apparecimento deste livro do illustre Director do Observatorio de Bourges, queremos apenas recomendar-o ao leitor, pois a reputação de sabio do Abbade Moreux dispensa qualquer louvor.

Um livro de Painlevé

O Sr. Paul Painlevé não é só o mathematico notavel, que todo o mundo conhece e admira e ainda agora, no Instituto da França, oppoz grandes objecções a Einstein, mas por igual homem politico e que teve papel saliente na grande guerra, passando pelo governo de 1915 a 1917, sendo que, nesse anno, de 13 de Setembro a 13 de Novembro, como Presidente do Conselho, com a pasta da Guerra, que já sobraçava desde o gabinete Ribot. Mas, foi no governo do Sr. Painlevé, na pasta da Guerra, que se deu o grande desastre da offensiva Nivelles (16 de Abril de 1917) cujo insuccesso deveria lhe valer muitos ataques. Relembremos os acontecimentos. O General Nivelles, que substituiu Joffre no commando francez, e falleceu recentemente, sonhára com uma offensiva violenta, numa escala sem precedentes, e a planejara estando decidido, diz o Sr. Painlevé, quando em Abril de 1917, assumio a pasta. Depois de algumas reuniões e mantido o ponto de vista do generalissimo, comquanto forte fosse a opposição, pois os allemães se haviam fortificado na "linha Hindenburg" e, oriente, para reforçar o "front" occidental, esperando, de resto, a offensiva, o Exercito francez, a 16 de Abril de 1917, ás 6 horas da manhã, se lançou, "num dos mais admiraveis impetos de que deu exemplo ao mundo" contra as linhas inimigas. Os allemães preparados e prevenidos receberam o golpe com um extraordinario vigor, annullando os choques, contratacando com exito e dizimando a infantaria franceza com fogos reunidos de innumerables metralhadoras dissimuladas. Ao fim do primeiro dia, ao invéz dos 10 kilometros previstos no horario do ataque, o avanço fóra de 500 metros e prezadissimas as perdas. No dia seguinte, o generalissimo restringio os seus objectivos, contentando-se com operações parciaes. Era indiscutivel o desastre e enorme foi a sua repercussão sobretudo no seio do Exercito, onde se seguiram mesmo certas inquietações, que o governo teve de reprimir, com vigor. Nivelles, apesar da solicitado por Painlevé, não se demittio e foi posto em disponibilidade, sendo succedido por Pétain, que foi o grande remodelador do Exercito francez.

Lewis et Irène

"E' uma festa para os olhos e uma delicia para o espirito" — escreveu um critico sobre o ultimo livro de Paul Morand *Lewis et Irène* (Ed. Grasset) que acaba de ser publicado e a critica recebe com grande entusiasmo. O enredo do romance é apenas motivo para os desenvolvimentos litterarios, seja na descripção de paisagens multiplas e fascinantes, da vida intensa e tumultuosa dos negocios, do fremito das viagens e das emoções de amores extranhos e vibrantes. A historia de Lewis e Irène é bem uma experiencia amorosa, como já foi chamada. Lewis é um audacioso *businessman*, que emprega toda a sua vida na conquista dos amores e de dinheiro, vivendo intensamente nos negocios, que o absorvem por completo, sem comtudo deixar de fugir, vez por outra, desse frenesi para respirar um pouco no campo e gosar de alguma liber-



Paul Morand

dade. A perspectiva de un grande negocio o obriga a ir á Sicilia, onde tambem o mesmo motivo levou Irène, grega, de 30 annos, *businesswoman*, viuva de um velho, que esposára por conveniencias. A sorte favoreceu Lewis, que deixou a Sicilia, com a lembrança forte de Irène, a quem deseja rever e vai encontrar afinal em Londres. Amam-se e casam-se.

Partindo em viagem, visitou Constantinopla, o oriente, e fixou-se por algum tempo numa ilha grega, de onde Irène é natural. Lewis, porém, já se enfastia. Em Pariz, mais se accentuam as divergencias e se separam, mas os bancos que dirigem se unem e uma fusão de firmas substitue uma fusão de espirito...

Como se vê, o interessante está nos motivos accessorios, que Paul Morand soube aproveitar para as suas pinturas suggestivas e cortadas de terras, ambientes das personagens, no movimento intenso que sabe dar ao romance.

O NOVO RETRATO DE DANTE E LÉO OLSCHKI

O commendador Léo Olschki, o conhecido editor e livreiro de Florença, acaba de comunicar ao mundo uma noticia sensacional, e o facto não deve passar despercebido dos brasileiros cultos. Trata-se nada mais nada menos do descobrimento de um retrato de Dante. O quadro, que tem as dimensões de 26 x 29, foi encontrado em Berlim, é trabalho do seculo XV e possivelmente pertence á escola lombarda. O novo documento iconographico está suscitando entre os eruditos, criticos, artistas e amadores o mesmo forte movimento de curiosidade que provocou o apparecimento em 1842 da figura de Dante, pintada por Giotto no grande fresco paradisiaco da capella de Santa Maria Magdalena. O celebre historiador d'arte Bern. Berenson, o mais profundo conhecedor da arte antiga italiana, attribue a obra, com toda probabilidade a um discipulo de Andréa Mantegna, suppondo-a até copia fiel de um retrato perdido do poeta, trabalho deste mestre.

O Sr. Guido Vitaletti, em artigos publicados no *Giornale Dantesco* (II, 2, XXVI,) e na *Bibliofilia* (XXV, disp. 8ª e 9ª), dá uma descripção pormenorizada do preciosissimo achado e estuda a origem da pintura. O retrato foi executado em tela muito fina, collocada sobre madeira, processo caracteristico de Mantegna e seus discipulos, e os traços são feitos com tal precisão que fazem lembrar um miniaturista. O poeta, como se vê na gravura que estampamos, é representado de

perfil, pelo lado esquerdo, sobre fundo escuro. Fronte quasi occulta, ostenta na cabeça o nobre barrete vermelho e a corôa de louros, e na testa apparecem alguns cabellos, desenhados com nitidez, um por um. O nariz é robusto e carnoso, e o olhar vago e melancolico, com cilios longos e subtis. A bocca é mal fechada pelos labios estreitos, e, na sua singela linha obliqua, tem um ar estranho de amargura. O queixo é forte, bem como a face, e largo e forte o peito. Por baixo do barrete, cae ainda uma banda alva triangular, terminando em ponta que afina e desce além do pescoço. Entre a banda e uma das folhas de louro da corôa apparecem alguns cabellos negros. A orelha está encoberta: A tunica é vermelha e deixa ver em torno do pescoço uma lista branca. Possui o retrato todos os traços característicos da physionomia de Alighieri, o Dante da *Divina Commedia*—“il viso allungato, malinconico e pensoso, il naso aquilino, gli occhi anzi grossi che piccoli”, como a pinta Boccaccio no *Trattatello in laude di Danti* e apparece no Codice Riccardi 1.040. Guido Vitaletti é de opinião que o autor se inspirou para compor esse retrato de Dante na miniatura do Codice Riccardino 1.040, existente em Florença, onde o poeta é igualmente visto na mesma attitude de perfil esquerdo, se bem que lhe pareça que, para fixar a mascara profunda e intensamente subjectiva do Dante, o artista não tivesse seguido o referido modelo e sim qualquer outro documento iconographico

quatrocentista, muito commum na epoca. Escreve elle: “A quali documenti iconografici l'ignoto artista si sia ispirato, non é difficile dirle. A prima vista si risale, senza tema di andar troppo lontani, alla miniatura del Codice Riccardino 1.040, soltanto che il volto del Poeta é rivolto della sinistra. Nell'intonazione generale, nella sommaria ma decisa vigoria dei contorni, nell'asprezza del segno che dá alla fisionomia un'impronto rude e fal balzare dai lineamenti fizici la fiamma inferiore, le assonance sono molteplici e profonde: il nostro quattrocentista, però, per quel che mi sembra d'intravedere, non ebbe davanti a sé l'insuperato modello riccardino, ma qualcuno dei documenti che più o meno direttamente da esso erano derivato e che nel' 400 dovevano più diffusi di quanti oggi supponiamo. E infatti, mentre nella tavoletta a tempera di scuola fiorentina del seculo XV, attribuita un tempo falsamente all'Orcagna e che ora é nella collezione Trivulzio in Milano, troviamo un'immagine diretta ma più ragentilite della miniatura riccardina da cui derivò, qui il pittore si ispira ad un modello che ho ragione de credere, insieme al compianto Parodi, come un originale intermedio tra la miniatura riccardina e la tavoletta trivulziana, originale scomparso ma a cui fu ispirato evidentemente anche il bronzo del Museu Nazionale di Napoli. Di qui l'importanza del nostro quadretto: esso rafforza la tesi del Parodi in quanto che l'originale scomparso possiamo credere che sia stato, nel nostro dipinto, tenuto presente e tramandato.” Até aqui quanto á origem do quadro.

Acerca do autor, não foi possível, por enquanto, estabelecer-se a sua identidade. Não obstante as investigações de alguns sabios ou technicos dedicados, o problema ficou sem solução. Não estão longe da verdade os que, como Guido Vitaletti, attribuem a autoria a um artista lombardo da segunda metade do seculo XV, da escola de Mantegna, como se pôde verificar pelo vivo esforço esculptural com que está modelada a cabeça do poeta. A hypothese de Berenson, de que talvez seja uma cópia de um quadro feito por Andréa Mantegna, com ser de grande valor, encontra muitos adeptos. Seja como fôr, esse retrato de Dante, se bem que não traga novidade, em materia de retrato, é considerado precioso documento da iconographia dantesca, não só como execução artistica, mas ainda por traduzir um typo intermediario entre a miniatura riccardina e outros trivulzianos. E fortuna grande é a de quem o possui.

Não ficaria completa esta noticia se não deixassemos uma referencia especial ao descobridor do novo retrato de Dante. Léo S. Olschki, que é nome universal, não é muito conhecido no Brasil, onde, no entanto, conta alguns amigos e admiradores, entre os quaes o autor, a quem faz a honra de trazer ao corrente das suas aquisições e pesquisas. Na sua longa carreira tem alcançado ruidosos triumphos, como editor e como erudito, e o brilhante lugar que conquistou entre os primeiros livreiros europeus deve á sua lucida intelligencia, ao seu labor ininterrupto e á sua probidade. De origem prusiana e nascido em 1861, desde muito moço que se estabeleceu na Italia e ahi vive cercado de estima geral. Foi no começo, durante quasi dous annos, auxiliar da livraria Calvary & C., em Berlim, que era frequentada pelos mais doutos allemães, taes como Johannes Vahlen, Wilhelm Hirschfelder e Mommsen, e nesse ambiente de alta cultura formou o espirito e temperou o character. Transferiu-se



Retrato de Dante, da Escola de Montegna

definitivamente para a Italia quando lhe offereceram o logar em Verona, onde se estabelece, em 1886, com capitaes proprios, adquirindo as importantes bibliothecas privadas do marquês Fenaroli, de Brescia, e do abade Agostinho Zarella, de Verona. Em 1880, muda-se para Venezia e em 1895 para Florença, "sul soleggiato Lungarne degli Acciaoli", e dá grande impulso á sua livraria, que se tornou uma das mais ricas da Europa.

Ao mesmo tempo que desenvolve o commercio de livros, creando a figura do livreiro moderno, intelligente e erudito, dedicado e orgulhoso da sua missão, lança em 1888 a primeira revista consagrada exclusivamente aos estudos dantescos, *L'Alighieri*, dirigida pelo Professor Francesco Pasqualigo, e que em 1893 toma a actual denominação de *Giornale Dantesco*. Funda em 1899 *La Bibliofilia*, com a colaboração dos eruditos estrangeiros Delisle, Omont, Müntz, Duc de Rivoli e dos italianos Gnoli, Rostagno, Mazzi, Faloci-Pugliani, Marzi e outros, a *Revista d'Arte*, sob a direcção do com. Giovanni Poggi, superintendente da Real Galeria de Florença, e o *Archivum Romanicum*, dirigida pelo professor Giulio Bertoni, da Universidade de Friburgo.

Leo Olschki foi um dos primeiros na Italia que renovou os estudos bibliographicos, estimulou o gosto pelas edições originaes do primeiro seculo da typographia e muito tem contribuido para a expansão da cultura dantesca. Tem tomado parte saliente em quasi todos os certamens de character literario e scientifico celebrados nestes ultimos annos na Italia. Por ocasião do sexto centenario da morte de Dante, em 1921, promoveu e custeou um concurso para um ensaio de character popular acerca do divino poeta — *Dante spiegato ao popolo*, e publicou uma edição fac-simile do *Codice Landiano da Divina Comedia*, o mais antigo que se conhece, pois é datado de 1336, tres decadas depois da morte do poeta. Esse vetustó manuscrito foi composto por Antonio de Fermo por incumbencia de Beccario Beccaria, e é celeberrimo pelo lugar que occupa na classificação genealogica dos codices dantescos. A reprodução do insigne cimelio da Bibliotheca Communal de Piacenza, que ahí tem o numero 190, foi executada mediante processos phototypicos, infalliveis quanto á absoluta fidelidade do texto e das suas particularidades, e nella collaboraram os celebres impressores Danesi e Guintina. A obra appareceu com prefacio do professor A. Balzamo e introdução do professor G. Bertoni, e a tiragem limitou-se a 175 exemplares. Anteriormente, em 1911 havia estampado a edição monumental, acompanhada da exposição de G. Lando Passerini da Cortona, de *La Comedia del Divino Dante Alighieri da Firenze*, dedicada a S. M. o Rei da Italia.

Impresso a duas cores, negro e vermelho, o texto é enquadrado nos commentarios e illustrado com as tres figuras e as 97 vinhetas da edição de 3 de março de 1491. A encadernação é primorosa: "veau brun, les plats avec des jolis ornements a froid, quatre coins et deux fermoirs en bronze, au centre du premier plat le portrait du poete, en médaillon, en bronze, et au centre du second plat, la marque de l'editeur en bronze, tête dorée". Fez-se uma tiragem especial de seis exemplares, fóra do commercio, e mais 300 impressos em bello papel de Fabriano, fabricado á mão e, com a filigrana trazendo a effigie de Dante. Para maior luzimento da arrojada iniciativa escreveu Gabrielle D'Annunzio um prefacio, que é, sem duvida, uma obra prima de synthese erudita. A sua actividade em favor da obra de Dante é incessante, e além destas impressões especiaes publicou mais a edição facsimilada da *editio princeps*, de 1508, da *Questio de aqua et terra*, com uma intro-

ducção historica e a transcripção critica do texto latino por G. Boffito, o manuscrito de Grenoble do *Traité de l'eloquence vulgaire*, *De Monarchia libri III*, rec. Ludovicus Bertalot, *De vulgari eloquentia libri II*, rec. Ludovicus Bertalot e o *Almanach Dantis Alighieri rive Profhacii judaci Montispersulani*, *Almanach perpetuum ad annum 1300 inchoatum nunc primum editum ad fidem codicis Laurenti ant.*, etc.

Fóra da classificação dantesca, Léo Olschki tem estampado obras de alto valor, tanto de arte, literatura e historia, como de philosophia e bibliographia, que seria fastidioso aqui enumerar. Mencionaremos apenas a edição dos quinhentos *Disegni della Reale Galleria degli Uffizi in Firenze*, feita sob a direcção do professor N. Ferri, conservador do referido museu, do conde Gamba, inspector geral dos museus de Florença, Charles Loeser e G. Poggi, inspector chefe dos museus e galerias de Toscana. A reprodução fac-similar é de tal modo perfeita que difficilmente se distinguem os desenhos estampados dos originaes. To-



Léo Olschki

das as revistas technicas são unanimes em reconhecer o absoluto cunho artistico e o excepcional valor da corajosa empreza, realizada, seja dito de passagem, por conta e risco do editor, quando se sabe que taes empreendimentos em geral não prescindem do auxilio dos Estados e dos governos. A revista parisiense *L'Art et les Artistes*, occupando-se de alguns desenhos de Pontormo, escreve: "Le choix des dessins, l'exécution des planches, l'édition de l'ouvrage, enfin, remise aux soins de M. Leo S. Olschki, etc., garantissent la haute valeur artistique des volumes, la fidélité absolue des œuvres et la présentation superbe d'une publication qui sera le monument le plus glorieux élevé jusqu'à ce jour à l'art du dessin". A edição, que é apenas de trezentos exemplares, tem sido disputada pelos museus, bibliothecas e amadores do mundo inteiro, não obstante o alto preço da collecção, que é de dois

mil francos suissos. Taes publicações bastariam para constituir motivos de orgulho para um editor se não documentassem uma cultura individual.

Em summa, o commendador Léo Olschki possui outros titulos que o tornam merecedor da estima e do apreço dos letrados. Se como editor grangeou uma reputação invejavel, entre os mais autorisados eruditos da Italia e da Europa tem um posto respeitavel, graças ao seu robusto saber, ao genio pesquisador, á argucia profissional, á nobre paixão pelo livro e ao fervoroso culto tributado ao "altissimo poeta". Ahí estão as suas monographias sobre os incunabulos illustrados imitando manuscrito, o livro na Italia através dos seculos e o papel da Italia no desenvolvimento da arte typographica, e do mesmo modo os seus catalogos descriptivos ou commentados de codices italianos do XV seculo, livros com figuras de todas as escolas dos XV e XVI seculos, etc., representando tudo isso somma formidavel de trabalho paciente, sabio e probo. Não conheço actividade mais fecunda nem mais formosa consagrada á bibliographia e á erudição, e bem grata ao seu espirito devia ter sido a homenagem que, por ocasião da sua data jubilar, lhe prestaram admiradores e amigos, representada principalmente por um livro, editado por Rosenthal, de Monaco, em que collaboraram sabios, criticos e escritores italianos e estrangeiros. Do commendador Léo S. Olschki traçou este perfil Carlo Frati, na *L'Italia che scrive*, no numero de agosto de 1921: "Chi conosce l'Olschki personalmente sa poi che egli non è soltanto un editore coraggioso e geniale, e un accorto libraio, ma un bibliografo consumato, un umanista e un artista nel senso migliore di queste abusate parole: capace de intendere, di parlare, e di scrivere quasi tutte le lingue principali d'Europa; di giudicare con occhio sicuro qualsiasi manoscritto o libro raro; di interpretare e sentire un classico antico o moderno como di apprezzare e valutare un'opera di arte, o di discutere, con informazione e versatilità singolari, sui più svariati argomenti letterari, ed anche scientifici. E editore e collaboratore ad un tempo (insieme ai figli, cresciuti sulle orme del padre) delle riviste bibliografiche, letterarie ed artistiche, ch'egli ha fondato e dirige. L'espressione del suo viso, cortese ed arguta ad un tempo, è in lui (come non di rado accade) quasi specchio dell'animo: accorto senza doppiezza, idealista senza ingenuità, cortese senza piaggeria, entusiaste sempre per tutto ciò che può condurre ad una più elevata estrinsecazione e manifestazione di cultura e di civiltà". Nada mais preciso accrescentar a este retrato em que os traços moraes e intellectuaes do Olschki se fixaram com absoluta fidelidade.

Não me decidirei a pôr ponto final nesta noticia sem denunciar o gesto de Léo Olschki escolhendo de preferencia o Brasil para collocar o novo retrato de Dante. Com effeito, tendo já uma offerta do Japão, declara, em carta, que nos escreve, preferir ceder a referida obra d'arte ao Brasil, ainda que por preço mais baixo. O facto não deve passar despercebido á intellectualidade brasileira, porque revela mais um aspecto desse homem culto, gentil e generoso. A sympathia que lhe inspira o nosso país, onde elle sabe ter sido grande a influencia florentina sobre a formação do nosso espirito social e existir actualmente um forte nucleo de italianidade, e o seu nobilissimo empenho na difusão do culto pelo maior poeta do orbe latino, justificam exuberantemente esta attenção pelo nosso povo. A effigie de Dante, symbolo

A LIÇÃO DO BRASIL

A JACKSON DE FIGUEIREDO

Do último numero da Nação Portuguesa, consagrado ao Brasil, transcrevemos este brilhante artigo do nosso illustre collaborador Sr. Antonio Sardinha.

Sempre que um português haja de escrever do Brasil, se esse português for nacionalista e se ao seu nacionalismo o coordena um prudente e mesurado tradicionalismo, logo a flôr da pena lhe acudirão razões que mais o confirmam na doutrina em que a sua intelligência se repousa. Hora grave do mundo a hora que se atravessa, ela tem, no menos, a admirável virtude de renovar as idéas-madres que criaram a Europa e lhe confiaram o primado da civilização! Nos últimos arranços, o filosofismo ignaro da Enciclopédia já não impede que resplandeam em toda a sua luminosa amplitude aquelas fortes verdades, a cujo claro Baizac tranquilamente escrevia. A Religião e a Monarquia regressam, com effeito, do longo desterro ideológico em que as havia sepultado o baixo carnaval naturalista do século XVIII. E regressam como âncoras seguras a que o espirito humano, desejoso outra vez de construir, solicita as certezas que lhe faltam, depois de nobre e corajosamente repellar os ídolos infames, a que, no desvaio do seu pecado negativista, rendera culto deprimente e suicida.

Ora, colocado em pleno coração da crise que a Europa padece e, particularmente, vítima de factores políticos e económicos que lhe estão provocando a ruína, Portugal participa da mesma tendencia geral e, na parte mais representativa da sua mocidade, acolhe-se também ao grande ancoradouro da aspiração nacionalista. Evidentemente, temperada semelhante aspiração pelas luzes severas do tradicionalismo como método e norma guadora, nada a aparenta, nem de perto, nem de longe, com os excessos arcaicos, mas perturbadores, do "princípio das nacionalidades". Herança tumultuária do Romantismo, elle ficou crepitando no rescaldo da guerra, não sendo outro o elemento corrosivo que desfez o antigo e sábio equilibrio da Europa, ameaçando de a balcanizar totalmente.

Contra o "princípio das nacionalidades", filho legítimo da Revolução, carece de se prevenir o verdadeiro nacionalismo, que, naturalmente orgânico, é por isso mesmo anti-democrático e anti-individualista. Assumindo na Europa um especial sentido contra-revolucionário, não visa senão a emancipar as velhas pátrias europeias das abstrações tiránicas do Liberalismo, restituindo-as, pelo regresso a si próprias, a posse plena do seu génio ancestral. Esta é a posição de Portugal no drama torvo em que cada nação da Europa corresponde um cruzeiro trágico, — um como que Calvário sangrando. Por onde o Liberalismo se espalhou, — preparada já a sua carreira de morte pelo advento do protestantismo em política, ou seja do Absolutismo, as ruínas acumularam-se, fumegando, como se nas encruzilhadas da História houvesse ressoado de novo a tropéada bíblica de Gog e Magog! Os cem últimos anos da vida portuguesa ensinam-nos cruciantemente o que significou entre nós tão desgraçada experiência!

Mas a transformação profunda que se opera no pensamento europeu ecoou depressa em Portugal, ajudando a reacção sentimental, que se desenhava, latente, no ânimo da colectividade. O nosso instinto nacionalista,

saído da resistência secular da nacionalidade portuguesa, não possuía uma teoria, — uma doutrina, por que se conduzir e nortear. Sofríamos as consequências da pior das invasões, — da invasão das idéas deformadoras do cosmopolitismo de 89, com o seu cortejo de indizíveis fobias contra tudo que, lançando raízes no Passado, tirasse o seu alento, ou da Igreja que se conformara a unidade espiritual da Nação, ou da Realeza que a mantivera e consolidara. Do antigo patriotismo, tão antigo e tão essencial como os motivos basilares da nossa existência imediata, nada restaria em breve, tomando-se a Pátria como uma simples expressão geográfica ou territorial, e, quebrado todo o elo de ligação das gerações entre si, Portugal como a soma aritmética dos cidadãos constantes do censo eleitoral. Uma escravização mais dura que a da perda política da soberania nos humilhava e sufocava, visto importar uma perda maior, — a perda da soberania moral, em que se radica a autonomia da consciência do indivíduo e a perfeita liberdade se fundamenta. Mais atrevido e nefasto que o estrangeiro do exterior, a nossa triste condição de autóctones arrastava-se debaixo da ditadura implacável do estrangeiro do interior — inimigo de quanto se referisse às gloriosas instituições que haviam insuflado o ser a nossa sociedade e, deste modo, só empenhado em destruir o que dentro de nós subsistisse de fidelidade ao sangue dos Avós e à continuidade imortal da Tradição.

Corrompida inteiramente a compreensão da nossa história, é lógico que o ressurgimento comece, desenvolvendo-a ao seu significado exacto. Fôra larga e profundamente a desnacionalização levada a cabo pelo Liberalismo refletindo bem na sua pertinácia o selo diabólico que já Joseph de Maistre denunciara figuras de Portugal, como Alexandre Herculano, como Oliveira Martins, serviram como na Revolução. Algumas das mais erguidas ninguem essa conspiração contra o Passado, de que a mentalidade romântico-revolucionária avidamente se nutriu. Quando, na verdade, medito em algumas páginas de Alexandre Herculano ou Oliveira Martins, enchem-se para mim de dolorosa illustração as reflexões de Fustel de Cou'anges sobre as responsabilidades dos historiadores franceses na decadência e declive do espirito patriótico no seu país. "Dans la longue lutte du sacerdoce contre l'empire — escreve o mestre insigne — nous étions pour ceux qui pillaient l'Italie et exploitaient l'Eglise. Mais nous maudissions les guerres que Charles VIII et François I firent ou delà des Alpes... Nous étions pour la Réforme allemande, qui arrêta et ralentit l'essor de la liberté dans l'Europe entière... Nous accusions Louis XIV d'avoir fait a guerre à l'Allemagne, et nous négligions de voir, dans les documents authentiques, que l'était lui, au contraire, qui avait été attaqué trois fois par elle... Nous historiens ont tous été pour Frédéric contre Louis XV..." E num magnifico remate, Fustel resume-se com vigor e com eloquencia: — "Notre patriotisme ne consiste, le plus souvent, qu'à honnir nos rois, à détester notre aristocratie, à médire de nos institutions". Eis, sem paixão sectária, o que succede com Alexandre Herculano, obcecado em mais dum problema transcendente pelo seu anti-clericalismo de rabona-de-briche. Não acontece menos com Oliveira Martins que, valendo-se duma bem mobilizada erudição, nos deixou no pernicioso panfleto de partido que intitulou *História de Portugal*, alimento abundantíssimo, em que se refastelar o semi-

analfabetismo odiento da nossa jacobinocracia.

Infere-se daqui, sem dificuldades, a importância que o nacionalismo, na sua íntima natureza contra-revolucionária, atribui à rectificação e depuração da história. Igualmente se infere que um nacionalista português, ao ocupar-se do Brasil, encontre no exemplo que lhe oferece a florescente nação de além-Atlântico, argumentos decisivos para se fortalecer na sua fé e redobrar de ardor no seu apostolado. E porquê? Porque, precisamente, o Brasil, — criação inconfundível do génio de Portugal, seu filho primogénito, seu morgado e esplendido continuador, resultou como nacionalidade da acção concorde das suas forças tradicionais que fizeram a nossa pátria e que o nosso nacionalismo se impôs defender e reabilitar: — a Igreja e a Realeza.

Como contra-prova do que valeram objectivamente para nós essas belas disciplinas sociais, o Brasil é por si só o desmentido de todas as calúnias com que o nosso passado sistematicamente se desacredita. Assim, dois dos nossos monarcas mais difamados, — D. João III e D. João VI —, conseguiram vencer a torpe novela urdida em torno dos seus reinados, graças ao Brasil que os restabeleceu para o justo juízo da posteridade. Também a "lenda-negra", de que entre nós é alvo a Companhia de Jesus, se pulveriza definitivamente perante a resposta que o Brasil lhe dá, ao enaltecer a obra colonial dos Jesuitas. E se entrarmos no capítulo do pessimismo dogmático dos compêndios e dos artigos de fundo, em reacção aos defeltos e taras insanáveis da nossa raça, o Brasil proclama bem alto os serviços prestados por Portugal à civilização. Se outro título de glória não possuísemos, o de descobridores e fundadores do Brasil chegaria sufficientemente para nos conceder as grandezas da immortalidade!

Não é cultivar com isto a hipertrofia do sentimento nacionalista, de maneira a torná-lo ressoante e pomposo, como o patriotismo retórico dos Românticos. No eclipse demorado em que parecem sepultas as qualidades positivas de Grey, é obrigação de bom português acordar na alma colectiva as qualidades ancestrais adormecidas. Por muito tempo se fez entre nós profissão pública de anti-nacionalismo. Urge que o erro criminoso se corrija — e só se pode corrigir acendendo, como convicção comum, a segurança nos destinos superiores de Portugal. E' imperioso que se sumariem, pois, os elevados serviços que outrora nos tornaram, com a Fé e o Império, em adais-mores do europeísmo. Não para nos incharmos com o prestígio morto das batalhas que ganhámos, recolhidas agora numa atmosfera decorativa de museu. Mas, — sem cairmos no brigadeirismo, com tanto de sonoro como de vazio, de que nos fala Eça de Queiroz —, para que se desdobrem diante de nós as avenidas misteriosas do futuro e um recelo ignóbil de desertores não nos impeça de lhes transpormos as entradas ainda virgens. Trata-se assim de reelaborar, pela intelligência da história, a finalidade da nação que se perdeu.

Quere pelo passado, nas suas raízes profundamente lusitanas, como pela função que Deus lhe reserva num amanhã já proximo e resplendente, o Brasil associa-se, conjuga-se à sorte de Portugal, porque, prolongando-nos no tempo e no espaço, é na sua maravilhosa adolescência o nosso natural complemento. Desviámos nós, com as Descobertas, da baía do Mediterrâneo para a do Atlântico o eixo da civilização. Mas ficaria infructífero para nós o esforço gigantesco da nossa raça, se o Atlântico não se volvesse, com o espralar dos anos e das gerações, num verdadeiro "mare nostrum". A empresa realizada por Portugal excedia as suas possibilidades de pequeno povo. Eis que o Brasil, em vésperas de se afirmar com potência mundial, nos deixa adinhar o concurso que necessariamente prestará a essa bela e entresenhada política do Atlântico. Claro que factores novos entrarão em jogo. Ao lado da espontânea aproximação que apertará cada vez mais Portugal ao Brasil, formando os dois países um bloco indestrutível — o bloco do lusitanismo, o conceito envolvente do hispanismo revela-se-nos como forçosa conclusão, abrangendo consigo, além da Espanha, nossa irmã, vinte nacionalidades que ela intrêpidamente semeou por entre perigos e arrojós através da selva

maximo das virtudes creadoras da raça, avolumaria e manteria sempre accesa, nesta parte do novo mundo, a flamma do entusiasmo que, por toda parte, inspira o divino cantor

Il Risvegliatore, il Purificatore, il Intercessore.

Elysio de CARVALHO

E baixo, num profundo recolhimento, o intellecto, repetindo o canto glorioso, evoca:

Per la quercia e per il lauro e per il ferro lampeggiante,
per la vittoria e per la gloria e per la gioia e per le tue sante speranze, o tu che odi e vedi e sai, custode alto dei fati, o Dante, noi ti attendiamol

americana. No diluir de todas as miragens do século findo, quando as "actas" da Hala não são mais que anónimos papéis rasgados e que a *Sociedade das Nações* mal disfarça na sua taboleta, cheirando a sinagoga, o concílio plutocrático a que serve de mascara, apenas nós, as raças e nacionalidades de origem hispânica, tuteladas até hoje ou por Londres ou por Washington, dispomos dum enorme capital de Espírito que o *dollar* não poderá desbaratar e que é o segredo da nossa inevitável reconstituição política e económica. Preparação dificultosa, — objectivo longínquo, obter-se-á. Na carreira doida dos acontecimentos, a previsão atinge o rumo e o desfecho em que elles se desenrolam, mas já não lhe é permitido julgar com certeza cronométrica do momento da sua verificação. Colocados numa época de transição evidente, cumpre-nos não sucumbir diante das reflexões derrotistas da previdência ou do bom senso, empenhando-nos por concretizar as nossas ideias num plano largo de realizações. Por cima da vozaria discordante dos parlamentos e dos grandes jornais — aspectos do mesmo aviltamento de inteligência a que a Democracia nos arrastou! —, já avisos sensatos se levantam, marcando os roteiros que conduzem à salvação e à prosperidade. "*Las naciones de origen hispánico se decidirán talvez muy pronto a buscar en la unión efusiva y fraternal con las demás hijas de la madre común la fuerza misma que otros les ofrecen mediante artificiosas combinaciones diplomáticas ó económicas.*" — exclamava o illustre historiador espanhol conde de la Mortera, D. Gabriel Maura y Gamazo, no seu memorável discurso do *Teatro Real*, de Madrid, por ocasião da *Festa de la Raza* em Outubro de 1921. "*Llegada la hora, requerirán todas España; y es estrecha obligación de buen español tener prevenida a nuestra Patria para la feliz realización de su glorioso destino.*" El logo o orador acrescentava: "*No depende esa realización del hallazgo fortuito de estadistas geniales, ni del azar de la fortuna, ni del esfuerzo ajeno, sino de la resuelta voluntad de cada cual de nosotros, del adiestramiento que para entonces hayamos logrado en la práctica, tan difícil aquí, de la disciplinada obediencia colectiva. Sólo se logrará de seguro, si cada español se decide a emular, no tanto las glorias singulares de sus grandes héroes del pasado, como la oscura abnegación del buen ciudadano desconocido.*"

Embora respeitantes unicamente a Espanha e à América-Hispânica, as palavras transcritas, iluminadas demais a mais pela incontestável autoridade de quem as pronunciou, applicam-se sem necessidade de modificação, — porque de males familiares se occupam! —, a Portugal e às suas relações com o Brasil. Dentro da actividade de cada um de nós, cabe uma parcela decisiva, para se atingir a resultante ambicionada. Não é aos governos que compete agir, — trabalhar. Os governos, que sejam governos, somente coordenam e rectificam. Muito menos deponhamos a nossa esperança nas falsas embaixadas intellectuais que a todo o instante largam da foz do Tejo, confiadas nos favores do Elogio-Mútu. Não! Se a desgraça da vida pública em Portugal deriva, primacialmente, do desterro a que votámos os direitos da nossa história, como é que, sem utilitarismos mesquinhos ou vanglórias inconscientes, saberemos em sinceridade amar e compreender o Brasil?

Amar e compreender o Brasil exige-nos que amemos e compreendamos a nossa história, — a história de Portugal, de que o Brasil é uma recapitulação, aumentada, indubitavelmente, pelo acréscimo de novos elementos criadores. De outra sorte, brasileiros e portugueses serão sempre estrangeiros uns aos outros, porque os separa a depravação mental que nos caracterizou a nós, rompendo os vínculos morais em que firmávamos, como Pátria, a persistência da nossa personalidade. Como irmos assim ao encontro das promessas do futuro, sem assegurar os alicerces do edificio que pretendemos levantar? Não! Não são os governos roídos da pior lepra jacobina, nem os letrados que se exportam constantemente na insignificância da sua literatura de postigos inqualificáveis, quem nos garantirá que, aliado a um Brasil senhor da sua grandeza, nós venhamos a ser aquelle Portugal-Maior, com que sonhamos, mas que, antes de tudo, é obrigação de misericórdia descer reverentemente da cruz!

Daqui o repellimos as vergonhas officiais e officiosas com que tão magna questão costuma ser encarada. Daqui o pôrmos como condição primeira a qualquer acercamento efe-

LAUREIS INSIGNES

Numa formosa edição do *Anuario do Brasil*, acaba de apparecer o livro de Elysio de Carvalho, sob essa epigraphe, e cuja publicação já havíamos noticiado. Livro de emoção e de cultura, em que o historiador, o artista e o sociologo se reúnem, para a pesquisa e a revelação da historia, criada sob um criterio subjectivo, em que as figuras e os episodios, sem deformações da realidade, apparecem com raro fulgor, através da explicação dos phenomenos sociais, que synthetizam e das directivas que os conduzem e motivam e da indicação das suas forças renovadoras. O ensaio sobre Pombal, ou a Inclyta Trindade, dos grandes lidadores de nossa Independencia, Léo, Januario e Frei Sampaio, são estudos de grande merito sociologico, abordando-se, sobretudo naquelle, os factores determinantes do apparecimento do estadista, como heroe, as razões do imperio de sua vontade e a justificação da força que os guia. A *Jornada dos Vassallos* é um largo painel da nossa historia colonial, na luta epica contra os holandezes, que já havia dado a Elysio de Carvalho ensejo de fazer alguns admiraveis debuxos de paginas do heroismo nascente do Brasil. Por fim, os estudos sobre a sociedade brasileira, que o autor cultiva com o mais amoroso intento, são novas luzes sobre a nossa formação social, nos quaes os estudiosos do phenomeno brasileiro encontrarão motivos para analyses profundas e minuciosas, de onde surgirão razões para explicar numerosos acontecimentos de interpretação por fazer na nossa sociologia. O livro se encerra com o magnifico estudo sobre Gregorio de Mattos, mostrando como a sua obra "synthetisa a pornographia reinol e é espelho dos costumes da Bahia do segundo seculo."

Fazemos tão sómente uma simples apresentação do novo livro de Elysio de Carvalho, onde a par da cultura ha um accentuado lyrismo que empresta ás coisas um brilho mais fulgente e lhes tira um pouco da amargura, para que na admiração pelo passado heroico não haja laivo de malicia, de onde brota o scepticismo e a descrença. E esse livro, como toda a obra de historiador de Elysio de Carvalho, é de fé e de entusiasmo, portanto criador e fecundo. E' a renovação de nossa historia que, tão auspiciosamente, se inicia.

ativo com o Brasil o regresso de Portugal à posse plena da sua individualidade. Sem que entre nós a nação resurja, como representar um concurso válido, que nos dignifique e que na Europa compense o Brasil das responsabilidades que naturalmente uma aliança conosco lhe acarretará? Não nos iludamos com a garrulice salivosa dos retóricos nem com os logares-comuns, em grande estilo, dos pluitivos! Princípios por nos amar e compreender. Amarnos e compreender-nos, é amar e compreender a nossa história, — é amar e compreender a história do Brasil. O que nos ensina a nossa história? Que Portugal é filho da Igreja e da Realeza! O que nos ensina a história do Brasil? Que pela Igreja e pela Realeza o Brasil se formou e emancipou, safndo do coração de Portugal, como a flor mais formosa da nossa raça!

* *

Porque é a flor mais formosa da nossa raça, o Brasil, desenvolvendo em sólo feraz as possibilidades transplantadas da Metrópole europeia, manifestou-se bem cedo uma *nacionalidade*. Veja-se como a própria América-Espanhola não guardou, na sua rutura com a mãe-pátria, a unidade que o Brasil manteve. Donde veio ao Brasil essa unidade? Responder é traçar a linhas largas a sua curva ascensional. Responder, é assistir com cenário diverso, a uma segunda fundação de Portugal. Concordamos perfeitamente com Graça Aranha quando escreve: — "Sendo português, o Brasil não deixará de ser uma nação americana. A originalidade do Brasil é ser o continuador de Portugal, o herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano. O privilégio do Brasil é o de fundir duas forças: a que vem do passado no sangue português e a que recebe do ardente meio físico em que se desenvolve essa transplantação da alma lusitana. Essas duas forças não se excluem, e enquanto a sua fusão se realiza suavemente e a impulsão americana move sem violência as ideias e a sensibilidade portuguesa, uma vida inflama o imenso país..." Acrescenta depois Graça Aranha: — "O brasileiro vive o poema da aspiração. A sua alma ilumina-se à ideia de que a pátria deve ser forte e magestosa, como a natureza onde elle se fixou. Na equivalência do mundo moral e do mundo físico, no esforço de adaptar a nação à natureza e de a edificar nas mes-

mas vastas dimensões desta, acha-se a célula primordial de toda a idealidade brasileira, herdeira de Portugal. Concentram-se as energias nesse plano duma grande nação. Para o realizar todas as forças espirituais se applicam na dominação do mundo material. Conquistase de novo a terra. Uma força indomita leva as gentes da beira do mar aos sertões do interior. Nas florestas de Mato Grosso, nas chapadas de Goyaz, nos rios do Amazonas, repete-se o ciclo dos descobrimentos". E comentando as nobres palavras de Graça Aranha, Elysio de Carvalho, — um dos chefes intellectuais do nacionalismo brasileiro, resume-os com a nitidez vigorosa de artigo de fé: — "E' assim que o Brasil, no pensar do admirável escritor, se tem de afirmar como o continuador do génio português no mundo americano, dando à alma antiga mais entusiasmo, mais vigor e mais agilidade, e à América mais claridade, mais inteligência e mais beleza nas suas relações com o universo".

Como "continuador do génio português no mundo americano", assim saudamos e queremos ao Brasil. Numa profunda adivinhação desse destino do Brasil acertadamente lhe chamou o seiscentista Francisco de Brito Freire "Nova Lusitânia". Em tão inolvidável designação ia envolto o reconhecimento de quanto o Brasil continha já dentro de si o germen forte duma nacionalidade em gestação. Quem lhe imprimiu o selo dos povos progressivos e lhe ministrou o batismo da civilização? Portugal. Com equilibrada justiça se insurje Elysio de Carvalho contra o *indianismo* que, principiando por ser literato e romântico no Brasil, pronto resvalou em baixa e repulsiva manifestação de farisaismo político. Pondera o autor brilhante de *Os bastiões da nacionalidade* e da *Brava Gente* — "Que outro erro (e atribuído principalmente a alguns dos nossos poetas e romancistas), é esse de enaltecer o *indio* como sendo o tipo nacional e legítimo brasileiro. Mas brasileiro não é o homem físico, e sim o individuo moral que se formou aqui na *sociedade histórica*. Brasileiro não pôde ser nem o indio, nem o africano, nem o Europeu. Só pôde ser o brasileiro, isto é, o tipo que saiu da fusão dessas raças. Brasileiro, portanto, é um fruto da civilização mediterrânea que se estabeleceu e desenvolveu neste lado da America".

Fruto, realmente, da civilização mediterrânea, o brasileiro, com toda a autonomia do

PELOS INTELLECTUAES CATHOLICOS

suu tipo sociológico, representa a consequência feliz do desvio sofrido por ela do seu mar interior para o mistério rumoroso do Atlântico. Outra não foi a grande conquista das Descobertas! Outra não é a razão porque a história da Idade-Moderna se filia na história de Portugal como um seu incontestável capítulo. Graças a Portugal, de mediterrânea a civilização clássica, salva das ruínas do mundo antigo pelo Christianismo e acalorada durante a Idade-Média no regaço da Igreja, se tornou inteiramente em *civilização atlântica*. As mãos de Portugal transmitiram ao Brasil o encargo de a guardar e enriquecer debaixo de novos céus, contemplando novas constelações. Traiem, por isso, as responsabilidades sagradas da sua pátria aqueles que apelam para um *indianismo* sentimental e sem consistência, calcando, como um trapo vil, a magnífica hereditariedade que pôs o coração do Brasil batendo a par do coração do Universo.

"A vida do Brasil começou em 1500, antes existiu o seu sólo, mas com outro nome e povoado por outra raça, — esclarece Joaquim Nabuco. O domínio dessa desapareceu, bárbaramente perseguido é certo, e refugiou-se no interior ainda virgem do país. Nada ficou sobre o sólo atestando a antiga existência das tribus primitivas, nenhuma forma de sociedade estável havia entre elas, enquanto no Perú os Incas tinham o seu trono firmado no coração duma raça, cujos monumentos e construcções maravilharam os conquistadores". E em glossa às reflexões de Joaquim Nabuco, Elísio de Carvalho, esgotando o tema até ao irresponsável, diz com a singeleza enérgica da sua iluminada crença nacionalista: — "Afirma ainda ele que pertencemos á América pelo sedimento novo e flutuante do nosso espírito, e á Europa por suas camadas estratificadas, de modo que, desde que houve um raio de cultura, começou o predomínio destas sobre aquele: da primeira missa celebrada no Brasil até hoje assim tem sido. Ainda cabe aqui lembrar, adita a acuidade sóbria de Elísio de Carvalho —, a justa observação de H. A. Chamberlain, autor da célebre obra *Gênese do século XIX*, que attribui á influência do elemento português não ser o Brasil um caos étnico, como ocorre, por exemplo, com certos povos sul-americanos, que se formaram da mistura ilegítima de raças inassociáveis, originando esse cruzamento de índios e espanhóis, índios e negros, espanhóis e negros, uma promiscuidade que se traduz pela decomposição moral, — e da impossível união entre culturas ou estados de desenvolvimento mental diferentes na forma e na essência".

"Civilizar é espiritualizar", — declara alguns o filósofo Jacques Maritain. E a primeira Missa no Brasil, recordada como o início da nacionalidade brasileira, define bem o ritmo que presidiu á fundação da grande pátria de além-Atlântico. O português, que se atirava á descoberta, levava consigo a Cruz e com a Cruz um património de cultura e sociabilidade, por cuja virtude a Europa levantou por cima de tantos povos decaídos ou sonâmbulos o facho do seu primado universal. O índio desapareceu na hora em que a liturgia christã ergueu na selva brasileira a Hóstia immaculada. Com elementos importados e com elementos indígenas lançavam-se os fundamentos da *sociedade histórica*, que penetrantemente Elísio de Carvalho assinala como sendo laboratório em que o *brasileiro* se constituiu, não como homem físico, mas — e é o que caracteriza as nações! — como tipo sociológico.

Donde derivavam, porém, os valores fundamentais da sociedade que deste modo se formava? Derivava da Europa por função de Portugal: da Europa política, no prestígio da autoridade e no sentido orgânico da colonização; da Europa católica-romana, no zelo assombroso dos missionários, moralizando a luta árdua pela vida num clima cheio de seduções para o instinto e de convites irresistíveis para a cobiça. Donatários e embarcadores, Jesuítas e *bandeirantes*, misturaram-se e amalgamaram-se num bloco genésico, de que o Brasil, — a *Nova Lusitânia*, no parecer avisado do seiscentista —, se destaca gradualmente, com feições tão próprias, sem que as atávicas se reneguem, que Elísio de Carvalho, auscultando os segredos íntimos da História, interroga criteriosamente, ao ordenar a genealogia espiritual do nacionalismo brasileiro: — "Quem mais brasileiro do que o jesuíta português ou espanhol que amou esta terra com entusiasmo e a ela dedicou todos os cuidados e trabalhos? Quem mais brasileiro que o transmontano ou o alfacinha que levou a sua paixão da terra até o sacrificio de defendê-la

Em reunião solenne do "Centro D. Vidal", organização social catholica, fundada e organizada pelo Sr. Jackson de Figueiredo, foi recitada a formosa e tocante Oração, composta por D. Sebastião Leme, pela intelligencia brasileira, a primeira que se faz, intencional e exclusivamente, em favor dos intellectuaes, em lingua portugueza. E' esse o seu theor: "Deus Omnipotente e bom, creador do céu e da terra, deixai que aos pés de vossos altares renovemos o preito humilde de nossa adoração e o protesto solenne de nossa fé.

Dignai-vos de acolher benignamente a homenagem pobre que vos rende a nossa intelligencia; não a recuseis, Senhor, porque é sincera, consciente e desassombrada.

Creemos firmemente nas verdades por vós reveladas e aceitamos com amor o magisterio infallível da Santa Igreja, catholica, apostolica, romana.

Nós temos fé, Senhor! mas, augmentai a nossa fé!

Augmentai a nossa fé, pedimol-a não sómente para nós, mas para todos os homens, de modo especial, para todos os brasileiros, nascidos, como nós, nesta patria que fizestes tão bella e tão grande.

Lançai um olhar de clemencia e misericordia sobre os nossos intellectuaes, publicistas, escriptores, homens de estudo, em geral, e sobre todos, enfim, os que habitam no campo das sciencias e das letras.

Vós que sois a Sabedoria Increada, Pai e Doador de todas as luzes, illuminai-os para que tenham a visão da verdade e coragem para professal-a.

Não permittais que, longe das clariidades magnificas do pensamento christão, tresmalhem dos caminhos immaculados da verdade e do bem.

Livrai-os das trevas mortiferas da descrença e do crime innominavel das negações sacrilegas.

Livrai-os das blasphemias que degradam e da duvida que atormenta.

Livrai-os, sobretudo, da cegueira voluntaria, desse agnosticismo contumaz que, impondo renuncias ao entendimento humano, paralysa os surtos da alma para o alto, para o ideal e para a immortalidade.

Reaccendei nas almas a chauma viva das aspirações elevadas. Acordai nellas os échos de sua vocação divina para o espirital e o eterno.

Que não tarde, Deus de amor, que não tarde a restauração espirital da intelligencia brasileira!

Refazei-a e disciplinai-a nos principios immutaveis da verdade, do bem e do bello, para que, incorporando-se á phalange gloriosa dos sabios christãos, a intellectualidade brasileira pare acima dos interesses da materia e das phosphorencias da vaidade: Para os nossos intellectuaes e para nós, obreiros humildes do pensamento catholico no Brasil, instantemente supplicamos a esmola de um raio de vossa luz divina, afim de que, bem servindo á verdade, possamos servir tambem aos destinos espirituales desta patria incomparavel.

E' por nós e pelo Brasil, meu Deus, que, invocando os merecimentos infinitos de Jesus Christo, nosso Mestre e Senhor, e a intercessão valiosa de sua Mãe Immaculada, Senhora e Padroeira do Brasil, aos vossos pés depositamos esta prece fervorosa da alma catholica do Brasil.

Illuminai a nossa intelligencia, para que trilhe sempre a senda da verdade, e fortalecei a nossa vontade, para que não vacille na pratica do bem.

Amparai a nossa fraqueza, inflamai o nosso coração, estendei e dilatai os horizontes da nossa alma, para que, liberto da escravidão dos sentidos e da materia, possamos desde já contemplar em esperanças a gloria eterna que nos prometestes. Assim seja!

100 dias de indulgencia aos que recitarem esta oração"

com a propria vida? Quem mais brasileiro do que aquele florentino que legou a nobreza do seu sangue e o esplendor da familia pernambucana?

Ao mesmo tempo que Elísio de Carvalho acentua com traços tão incisivos a interpenetração do *homem* e do *meio*, de que vigorosamente o Brasil resultou no seu esplendor actual, o douto escritor repete com Alberto Torres, visando a bastardia nativista, excrescência de desmiolados que, na sua aversão quasi irracional ao português, vão até a glorificar Calabar, um mestiço infiel á pátria", e repete-o, cheio da mais dignificadora coragem mental —, que "a ascendência portugueza é uma honra para o Brasil". E porque? Porque, no depoimento de Alberto Torres, — nenhuma raça deu jámais melhores provas de energia, de intelligência e de coração nos mais arrojados empreendimentos; poucas se lhe avantajaram na cultura e na produção literária, e muito raras possuem, ainda hoje, povo mais sábio, mais trabalhador, mais honesto, de mais cândida alma e sensibilidade moral mais delicada". Toca-se o ponto por onde o nacionalismo brasileiro se enlaça ao nacionalismo português. Para o brasileiro nacionalista a história de Portugal é sua até, pelo menos, a essa primeira Missa do desembarque da gente lusada na terra ainda enigmática de Santa Cruz. E' sua, em todos os primores da lingua que falamos e que põe no nome de Camões o expoente máximo duma civilização em que o Brasil se inclui no mesmo pé de igualdade que Portugal. Orgulha-se o nacionalismo brasileiro da sua ascendência portugueza. Orgulha-se a nação portugueza da sua descendência brasileira. E' nesta hora de "apagada e vil tristeza", que alto

e sugestivo incitamento nos chega da riba de lá do Oceano na justificação que Elísio de Carvalho vai pedir a Joaquim Nabuco, ao delinear um "bastião da nacionalidade" contra os frenesis regressivos do "nativismo"!

"Não foi o Brasil descoberto, colonizado, povoado por portugueses? — pergunta a sua consciencia patriótica o insigne homem público brasileiro. Não foi uma colonia portugueza durante três séculos, que se manteve portugueza pela força das suas armas, combatendo a Holanda, até que, pela lei de desagregação dos Estados, e pela formação de uma consciencia brasileira e americana no seu seio, assumiu naturalmente a sua independencia, e coroou como seu imperador o próprio herdeiro da monarchia? Depois, apesar dos preconceitos hoje extintos, não tem sido o Brasil a segunda pátria dos portugueses? Não vivem eles connosco em tal comunhão de bens, e entrelaçamento de familia, que se tornaria a separação dos interesses quasi impossivel? Não nos surpreendemos, em face do depoimento de Joaquim Nabuco, que Elísio de Carvalho, desancando a golpes de intelligencia a agressividade insultuosa do *nativismo* e, sem temer pela autonomia moral e espirital da sua pátria, condense numa síntese inoidável que a dívida do Brasil a Portugal.

"Aos portugueses devemos, digamos sem eufemismo, — salienta o Barrês brasileiro —, a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espírito da pátria, e a opulencia da nacionalidade. Tendo conquistado esta porção oriental da América e só á custa do esforço, coragem e tenacidade, perseverança e trabalho constante, eles nos legaram, após três séculos de sacrificios,

um Brasil grande, forte, íntegro e próspero. Quaisquer que fossem os seus erros e as suas faltas, que são muitas, é absurdo negar que, com o sangue generoso e heroico, eles nos transmitiram todas as qualidades primaciais da gloriosa estirpe que deu Nun-Alvares, o Infante Henrique, Camões e Vieira. Chega, portanto, a ser vilania essa injustificável postura dos falsos nacionalistas. É preciso que voltemos a nossa consciência para a história, e que façamos justiça aos nossos avós, aqueles de quem herdámos todos os impulsos e todas as qualidades que nos tornaram aptos para realizar na América esta grande obra de renovação da raça latina. A grandeza da nossa nacionalidade tanto enaltece o patriotismo dos brasileiros como justifica o orgulho dos lusitanos e o sentimento do nosso remoto passado, com os seus heroísmos, as suas gloriosas tradições, os seus sacrifícios e as suas virtudes, é indispensável à continuidade da nossa história e à permanência da unidade nacional".

Se tal é a dívida do Brasil a Portugal, com desvanecimento nós, portugueses, proclamamos também a amplitude da dívida de Portugal ao Brasil. Pelo desvio da nossa actividade para os basares amolecedores do Oriente, perdemos com a nossa natural expansão por Marrocos, — essa admirável escola de energia que, sem dúvida, foi para os homens de Quatrocentos, o "Algarve d'Além". Mas no Brasil ganhámos campo objectivo que o substituísem, sem nos deixar atolar de todo nos lameiros doirados de Ormuz e de Malaca. Deste modo se percebe que, mal aparecido nas scenas da história, o Brasil adquire logo cunho de individualidade própria, podendo observar-se nela, em relação a Portugal, o mesmo *processus* de diferenciação sociológica que, em relação à Espanha novi-gótica, se observa no condado portugalense, quando se destacou do bloco asturo-leonês. É certo que nós dispúnhamos de materiais já diversificados e preparados para a sua concretização numa nacionalidade autónoma. Não os possuía o Brasil. Mas possuía a força poderosíssima dum meio físico que, pela sua prodigalidade, actuava intensamente no elemento humano, que Portugal atrasasse para lá. Utilizando a célebre frase de Vitor Hugo sobre o Brasil a propósito da morte de Ribeyrolles, manifestavam-se assim, fecundamente combinadas, as vantagens recíprocas duma terra virgem e duma raça antiga.

A lenda do *Caramuru*, que inspirou depois o célebre poema do Padre Santa-Rita Durão, simboliza magnificamente os desposórios do Luso de velho tronco com as sgestões do continente moço a que se transplantara. Cedo as longas disputas de D. João III com a França por causa do Brasil, a defesa das suas costas e posições contra as cubijas francesas, — o carácter religioso que semelhantes pugnas assumiam, porque, dum lado estavam católicos, do outro o inimigo surgia no huguenote, fizeram do Brasil alguma cousa como um Portugal segundo, onde o nacionalismo da metrópole se enraizava para florescer com matizes já variados. A própria colonização, essentando sobre o sistema nobiliário das Capitánias, punha o Brasil nascente bem fóra das condições usadas em empresas congéneres. Para o Brasil ia-se para se ficar, — edificando, arroteando e povoando. Não se tratava, portanto, duma simples leva em massa de degredados. Como muito bem repara Elísio de Carvalho, "não houve senhor de capitania que não fôsse figura de proa na metrópole". E explica o ilustre mentor do nacionalismo brasileiro: — "Basta reflectir que o rei só fazia tais mercês como galardão a serviços de monta prestados á monarquia: não seria decerto nas balças camadas que se haviam de encontrar tipos, cuja fidelidade e cujo valor se recomendassem ao soberano, e no meio de uma corte illustre, onde não faltariam pretendentes á honra e á fortuna de concessões tão vultuosas. Os homens a quem se doavam na América verdadeiros reinos, — ins'te Elísio de Carvalho —, não podiam ser nem foram senão das primeiras classes da população portuguesa".

Pelo que respeita a Pernambuco, Oliveira Lima, — o insigne historiador, mantém a opinião que Elísio de Carvalho nos resume e salienta. "O donatário de Pernambuco — conta-nos elle — tomou a peito responder á munificência régia, sem desistir de pensar em aumentar os cabedais da sua casa. Cuidou, como homem práctico, da ex-

pedição e seguiu no mesmo ano da doação (1534) para o magnífico domínio que a corôa lhe concedera, levando além da mulher e do cunhado, Jerónimo de Albuquerque, muitos gentishomens da sua parentela, alguns fidalgos e bons colonos. A verdadeira colonização de Pernambuco fez-se, pois, com gente nobre e gente limpa, porque o excedente da prostituição que não apodrecera, e o pior da criminalidade que escapara á força, mais ou menos remetidos da metrópole para ajudar a povoação da colónia, e até então aí abandonados, haviam desaparecido, aniquilados pelos selvagens, ou sumidos nas refregas de que fóra teatro a feitoria pernambucana. Certamente as remessas de degredados, — acrescenta Oliveira Lima —, continuaram em escala ascendente durante todo o século XVI, sendo Pernambuco largamente favorecido com tais levas, a ponto de numa das suas cartas a D. João III Duarte Coelho pedir pelo amor a Deus que lhe não enchessem a capitania de semelhante *peçonha*: mas não só a nobreza emigrada do reino e os honrados plebeus que a rodeavam desdenhavam alianças vergonhosas, como os criminosos tinham de mudar de vida sob a dura fiscalização do donatário, que não trepidava em usar das suas largas atribuições, como a da alçada de morte natural para os peões livres, com o fim de sustê-lo em casa a desordem. Instrumentos como as doações de D. João III, em que estavam exarados direitos absolutamente majestáticos, se perigosos eram nas mãos dum capi-

A ITALIA DE HOJE

Mussolini, concedeu uma entrevista ao "Saturday Review", em que fez a seguinte declaração:

"A Italia é hoje o paiz europeu que gosa da maior estabilidade. A Europa acha-se já em vias de restauração. Relativamente as pareces que se produzem na Inglaterra, devo dizer que é muito natural que os operarios desejem ganhar altos salarios, mas, no que diz respeito á Italia, a experiencia demonstra que quando um paiz é bem governado, os trabalhadores não fazem exigencias excessivas. Os problemas de após guerra, na Italia, assim como toda as crises espirituas, economicas e moraes, foram resolvidos e durante 18 mezes não houve paredes na Italia, porque o povo italiano tem agora uma concepção normal da vida, que significa costumes severos, intenso trabalho e serenidade de espirito"

tão propenso a aventuras, eram preciosos para um Duarte Coelho, espírito sério, reflectido e enérgico"

Deduz-se claramente de quanto se deixa asseverado que desde logo, nos seus lineamentos estruturais, o Brasil levava a direcção superior duma nacionalidade a constituir-se. Houve como que uma transplantação de Portugal e precisamente nisso consistiu para nós a virtude primacial que o Brasil trouxe, como campo de actividade construtiva ás energias da raça, ameaçadas de se perverterem sem remédio na orgia truculenta do Oriente. Graças á composição comunitária da grei portugalesa, Portugal não careceu, para se ordenar e estabilizar, de recorrer ás funções coordenadoras do feudalismo, porque neste recanto da Península as comunidades agrárias tinham radicado fortemente o espirito localista, de maneira que o Estado entre nós concretizou-se como o necessário traço de união dessas laboriosas células da vida social, da soma das quais resultou na sua qualidade de instituição complementária. Ao contrário, no Brasil, incapacitado o poder central de effectuar a colonização que se impunha, ressuscita sabiamente, — e tal é a glória de D. João III, — na orgânica das Capitánias a organica do regimen feudal. Comenta o mestre illustre que é Oliveira Lima: — "O feudalismo brasileiro, que, como todas as instituições humanas, durou emquanto aproveitou ao progresso, facilitou a povoação de toda a costa e, garantindo a independência dos donatarios de qualquer autoridade que não fôsse ime-

diatamente a do soberano, deu incremento ao espirito local, fortalecendo-o para repelir as invasões de estrangeiros. Este espirito local, desenvolvendo-se mau grado a centralização dos séculos seguintes, veio a constituir um traço saliente da nossa história". Tão saliente que ninguém ignora o papel decisivo que na obra da Independência desempenharam no Brasil as Câmaras Municipais, — exactamente, como entre nós, em tanta crise da acidentada existência politica de Portugal.

Por outra parte, a par dos moldes institucionais que a colonização principiava a entretecer, o apostolado dos Jesuítas imprimia ao embrião da futura pátria brasileira a unidade moral, que só a fé assegura e que é a certidão de batismo dos povos que merecem, com a independência, a dignidade suprema da civilização. Para que em poucas palavras se avalie da acção benéfica dos Jesuítas no Brasil, basta recordar o que deles dizia um protestante dos mais formalistas e intransigentes, Luccok, o qual não hesitava em confessar que "falando geral e desapaixonadamente, é lícito afirmar ser a obra da Companhia de Jesus tudo quanto no Brasil se encontrasse engehado e executado, havendo a prosperidade e felicidade comum declinado desde a sua dispersão". Não aludiremos ao grau de desenvolvimento a que elevaram as fazendas e as plantações, atraindo á sociabilidade dos colonos os índios arredios ou rebeldes. A defesa dos índios, para os quais alcançaram disposições de protecção pontificia, não influndo também pouco na legislação emanada de Lisboa acerca de tão debatida matéria, confere á gloriosa Companhia de Jesus títulos de justificado louvor, que a prendem indissolúvelmente ao nome não menos glorioso do Brasil. Depois, a morigeração dos costumes, os rudimentos de ensino humanista divulgados com a missão e a catequese, tudo contribui bem cedo para que o Brasil reelabore com aspectos novos os valores culturais que a metrópole lhe comunica. Quando, no desenrolar do século XVII o holandês ocupa o norte brasileiro e o tenta dominar, há um sentimento unânime de que se nutre a resistência nativa e com que se consegue, por fim, expulsar os estrangeiros. Impossibilitada a metrópole de lhe valer, como naturalmente tanto quisera, a luta do Brasil com os holandeses reveste-se dum cunho nacionalista. — como nos expressariamos hoje —, que, na verdade, impressiona quem nela atente e medite. Tão agarrado a nós, como prolongamento e terreiro de expansão criadora, o Brasil enche já as preocupações do nosso século XVII, — século tão português, século tão alto e tão fecundo, como modesto e caluniado! Na sua entrevista célebre com o *Chevalier* de Jant, enviado de Luis XIV, D. João IV enuncia, numa intuição genial, a politica do Atlântico, considerando a Índia como um encargo onerosissimo e chamando ao Brasil, na sua linguagem pitoresca e chã do morgado alentejano, a "nossa vaca de leite". Na Corte, e colaborando com o rei agita-se, mexe-se, compõe memoriais, inventa recursos, sugere a vitres, o Padre António Vieira. Ainda que nascido em Lisboa, a sua meninice passara-a no Brasil, onde cingiu a roupeta de Santo Inácio. Por discutida que seja a abtude e a intervenção do Padre António Vieira em tantos problemas tocantes ao Brasil, o que ninguém imputará com acerto e base é o carinho e o cuidado que ao admirável jesuíta sempre mereceram todos os temas que de perto se entrelaçassem com as terras de Santa Cruz. Na situação desesperada em que Portugal se debatia, apertado pelas tenazes de Castela, encorpora-se então na mente de D. João IV a idéa de se transladar ao Brasil e aí fixar a séde da sua realleza, abandonando, com o fim de ganhar um auxilio effectivo da França, o trono de Portugal a seu filho, o príncipe D. Teodósio, para quem se buscava no sangue real francês. Este é o germen da resolução tomada cento e tantos anos depois, em situação igualmente difficil, por D. João VI e antes posta quasi em prática pelo marquês de Pombal, quando da guerra com Espanha, ao firmar-se o *Pacto de familia* entre as côrtes de Paris e de Madrid.

Nós nem de longe estamos esboçando a história do Brasil emquanto ligado á metrópole. Mas enumeramos aquilo que, se é a dívida do Brasil a Portugal, não deixa de ser igualmente a dívida de Portugal ao Brasil. Porque, saindo dos limites territoriais da nacionalidade, o nosso génio, trans-

placido à America, demonstrou a quanto ascendia o seu potencial de universalidade. Tudo, tirando o Brasil, na historia da nossa dilatação, é arrôjo, sacrificio, não passando, contudo, ou de descobrimento marítimo, ou transitória occupação militar. O Brasil constituiu, porém, uma realzação. Realzação tão abonatória do sentido positivo do nosso esforço de pequeno povo que, ao declará-lo D. João VI "Reino-Unido", não fazia mais que conceder fórmula jurídica ou legal a uma situação de facto, que vinha já, na sua magnifica evidência, desde o século XVII.

Não nos admiramos assim que no século XVIII um brasileiro, Alexandre de Gusmão, seja na corte o Escrivão da Puridade de D. João V e que D. Luís da Cunha redija uma copiosa memória acerca das vantagens de se transferir para a America-Portuguesa o centro da monarquia. O Brasil vivia já associado a Portugal, não como uma colônia, mas como uma parte sua em outro hemisfério. Costuma declamar-se às vezes em escritos brasileiros contra a pressão e contra os erros da metrópole. Desforrando-nos de acusações tão levianas como ingratas, opina Oliveira Lima no seu monumental *Dom João VI no Brasil*: — "Uma das afirmações mais reproduzidas, mais exploradas e mais falsas da nossa historia é sem dúvida a da antiga opressão colonial, que se diz ter sido pouco menos do que uma desalmada escravidão. O Sr. João Ribeiro recompoz muito bem esta leição, suprimindo o que nela havia de desproporcionado. Seguindo este escritor nacional, dotado de personalidade de concepções e dum critério filosofico apurado na convivência espirital dos mestres alemães, a famosa tirania à qual esteve sujeita a possessão brasileira não foi em nada maior do que a que pesou sobre a metrópole mesma. Numa e noutra vingavam pelo menos idênticas regalias e operavam idênticas restrições. A época na Europa, posterior às descobertas e ao Renascimento, pôde chamar-se de despotismo politico e, na própria America do Norte as tentativas para o seu estabelecimento por parte da mãe pátria... foram que provocaram a resistência e engendraram a separação". E Oliveira Lima adita: — "Tanta razão assistia ao Brasil para se queixar como a Portugal, e como prova de que o jugo da metrópole não era tão consumado como se pretende fazer acreditar, basta recordar o papel importante desempenhado na vida colonial pelos senadores das camaras, os quais às vezes até substituíam os governadores. E' de resto um axioma da historia da civilização peninsular que na luta contra os fidalgos a monarquia agiu de braço dado com o povo". Os progressos do absolutismo real favoreceram o bem estar do Brasil em mais ampla medida do que o faria o sistema feudal que nos primeiros tempos retalhou o país entre absolutismos minúsculos, mas dobradamente ferozes, dos donatários".

Em seguida, Oliveira Lima documenta-nos as suas asserções com o exemplo do Conselho Ultramarino. "No Conselho Ultramarino, — informa —, expressão a mais acabada da administração centralizada do trono, recebiam os interesses coloniais, o exame e sobretudo a proteção que tornavam indispensável os abusos dos governadores e os atentados dos agentes subalternos do poder, cometidos em sociedades ainda informes e variadas pelo sópro das paixões mal contidas. Se no século XVIII quasi se obliterou no Brasil a vida comunal, os motivos foram a descoberta das minas e a consequente decadência da vida agricola criando um estado de instabilidade e de desórden, o avesso do de equilibrio e legalidade com que tinham podido medrar as liberdades municipais. Quando mais tarde estalaram as revoluções emancipadoras, já não era a tradição nacional que se reatava, mas sim eram idéas estrangeiras que se adoptavam".

Porque, efectivamente, a emancipação estava atingida desde que em 1818 o Brasil se viu açado à categoria de "Reino-Unido". D. João VI, com isso, reconhecia ao Brasil a capacidade que durante perto de duzentos anos viera ganhando successivamente, a ponto de ingressar na assemblea das nações em igualdade de direitos aos da metrópole, — este "velho canapé da Europa", na frase pitoresca de D. João VI —, que o gerara e engrandecera com um todo uno na imensidão dum continente afastado e selvagem. Quando a ruptura se dá, não é já uma desmembração. O Brasil separa-se apenas do soberano comum às duas partes duma mesma raça e civilização, quebrando a união que não passava de ser simplesmente pessoal.

Ainda nas incertezas do lance a que se aventurava, o Brasil podia agradecer à mãe-pátria o beneficio que, em última dádiva, ella lhe dispensava: — a continuidade do Estado assegurada pelo penhor inestimável duma dinastia. Se rememorarmos as convulsões sangrentas que trágicamente alteraram a sociedade post-colonial das outras nacionalidades sul-americanas, melhor se abrange a amplitude de semelhante beneficio. Mais insuspeito que nós, tornemos a ouvir Oliveira Lima: — "No meio brasileiro a monarquia realizou plenamente a sua função protetora das regalias e liberdades duma grande massa inculta e portanto incapaz... Foi assim que conseguiu na America latina, num período anárquico para quasi todo o resto do continente, representar a paz doméstica associada à liberdade. O que o cessarismo de Bolívar não logrou alcançar com a sua repugnância pelo que o senhor Blanco-Fombona chama a "tentação liberticida..." alcançou-o completamente o Império de D. Pedro. A unidade do Brasil safu majestosa

da prova, comparada com o insuccesso da organização duma grande nação ou confederação hispano-americana, — insuccesso tanto mais sensível quanto, como muito bem diz o mesmo senhor D. Rufino Blanco-Fombona, "são as pequenas pátrias o calcinhar de Aquiles da America espanhola".

Deixou-se o Brasil invadir por um anti-portuguesismo politico e sentimental, sem ao menos reparar que o Império, como herança da formação portuguesa, o salvaguardou dos perigos dissociantes do federalismo. Só essa razão obriga os brasileiros que pensam a sério na grandeza e na supremacia do seu país a considerar Portugal através das altas e inspiradas razões porque se guia o nacionalismo de Elísio de Carvalho. Sofreu a America indevidamente chamada "latina", — porque apenas "hispânica" é —, aquillo que um notável publicista uruguaiano, Luis Alberto de Herrera, discorrendo acerca da Revolução Francesa e da sua influencia no Novo-Mundo, com raro acerto designou de "piagiato pernicioso". A sugestão inflamada

O momento futurista na Italia

Esteve recentemente em Paris, Marinetti, o grande criador do movimento futurista, nome hoje em voga no Brasil, mas para significar, não a arte preconizada por esse alto espirito italiano, mas todas as tentativas modernas, ainda que oppostas ao futurismo propriamente dito. Afinal de contas, isso tem importancia secundaria e nunca os rotulos dos movimentos literarios tiveram um significado exacto e razoavel. Mas, estando em Paris Marinetti, o Sr. Robert de Thiac, pela *Comoedia* foi ouvido sobre o desenvolvimento futurista na Ita-

panha que iniciaram os futuristas contra a direcção do Scala, contada ao mestre Toscanini que, si é um eminente chefe de orchestra, tem uma aversão pronunciada aos moços. Mas em breve, espera Marinetti, que o publico exigirá a montagem das operas dos jovens musicistas.

Quanto á pintura, escultura, artes decorativas, a extensão do movimento futurista, segundo Marinetti, não é menor, como provam numerosas exposições. "Estou certo, disse o illustre artista, de que a nossa época terá um estylo muito pessoal. Não se o definira senão mais tarde, mas não é sempre assim, não é com o recuo do tempo, que as características dos estylos de todas as épocas foram definidas?"

Depois Marinetti chamou a atenção de seu interlocutor para um projecto deveras interessante, de fundar um banco para os artistas-criadores. E explica: "Cada industria é sustentada pelos seus bancos. Só os artistas, os literatos, são obrigados a produzir com os seus proprios meios, sem outro auxilio além de sua sorte... ou da sua fortuna pessoal. O pintor Prampolini se preocupou com a questão e tem a idéa de fundar um banco que auxiliaria eficazmente os artistas que tivessem feito as suas provas. O projecto approved e sustentado pelo Sr. Mussolini esta prestes a realizar-se. Depois explicou como seria, ou será, o processo do banco: um literato, um pintor, um escultor, levaria ao banco um manuscripto, um quadro, uma estatua, o banco lhe adiantaria uma certa quantia para garantir-lhe o trabalho, que tomaria a seu cargo commercialisar.

Depois de se reter rapidamente ao progresso do Tactilismo, lento nas seguras, Marinetti interrogado sobre o Fascismo, disse: "Foram os futuristas que lançaram os primeiros principios do fascismo, assim fomos os primeiros que applaudiram o seu triumpho. O jornal mais fascista de Roma, *L'Impero*, é dirigido por Mario Carli e Settimelli, dois futuristas. O Governo do Sr. Mussolini restabeleceu a ordem na nação, apasigou as paixões desencadeadas pela guerra, é perfeito! E' de futuristas, dissidentes é certo, mas apenas por questões religiosas, razões de consciencia, com as quaes nada temos que ver."

Vê-se, pois, que o movimento empolgante de Marinetti, embora combatido, negado e atacado impiedosamente, não decresce de intensidade e fulgor. Quaesquer que possam ser nossas divergencias com o futurismo, em sendo de boa-fé, não nos hão de impedir de olhar com enthusiasmo esse movimento de libertação, conduzido pelo alto espirito de Marinetti.



Marinetti

lia. Marinetti disse ter ido á França para tratar de representações futuristas e ajuntou "esses espectaculos, de uma concepção absolutamente nova, quer como decoração, quer como encenação, não constituem um ensaio, mas a continuação de um esforço, encorajado pelo successo formidavel que obtivemos na ultima estacção no *Independi* com varias obras, entre as quaes *Bianco e Rosso*". O theatro futurista, explicou a seguir, é extremamente synthetico, na apresentação como no espirito da peça. Falando sobre Pirandello, a quem chamou o primeiro autor dramatico italiano, disse que tem tendencias avançadas, mas não é futurista, porque o seu theatro procede do desenvolvimento psychologico.

No dominio da musica, disse Marinetti que o triumpho futurista é completo, já tendo os seus compositores o favor do grande publico. Ha ainda resistencias, ajuntou, mas são feitas por certos directores de theatros. Dahi a cam-

das ideologias do Oitenta-novismo desenhou na América-Hispânica uma verdadeira tempestade de sangue, excepto no Brasil, pelo refugio que elle encontrou na monarquia constitucional, segundo o citado autor. Mas, se o Brasil escapou ás violências desagregadoras derivadas dêsse "plagiatto pernicioso", não ponde, talvez pelas condições pacíficas do seu rompimento, evitar durante o século findo a desnaturação do vinculo tradicional que intimamente o ligava a nós. A culpa, reconhecamo-lo, não era sua unicamente. Era de Portugal também, desorganizado pelo romantismo politico e olvidado completamente das direcções superiores da sua história. Apecebe-se enfim o Brasil da sua posição excepcional num continente reservado para amplos destinos e, ao elaborar a sua doutrina nacionalista, busca-lhe a genealogia no passado e no génio da raça lusitana. Este alvorecer do nacionalismo brasileiro coincide com o desenvolvimento do nacionalismo português e com a sua repercussão na idea orgânica do *hispanismo*, como síntese dos diversos nacionalismos gerados pela civilização, saída da Península Ibérica, envolveu o Atlântico e foi florescer na América, de mar a mar, como uma promessa de milagre. Praticando o seu exame de consciência patriótica, o nacionalismo brasileiro acha-se assim enlacado ao nacionalismo português e colaborador com elle nos trabalhos comuns do *hispanismo*.

Se o nacionalismo português ajuda o nacionalismo brasileiro no reconhecimento do papel que a este pertence na elevação do Brasil a potência mundial, — e só o conseguirá desde que participe da ardorosa tarefa de renovar a "civilização hispânica" e contribuir para a admirável politica do Atlântico "*mare nostrum*" — !. o nacionalismo brasileiro, sumariando e depurando as causas positivas que deram ao Brasil a posse duma nacionalidade, reforça-nos a nós, nacionalistas portugueses, na confiança e na defesa das instituições que nos conformaram e abriram lugar respeitoso no consócio dos povos. Se a dívida do Brasil a Portugal consiste em lhe agradecer o nascimento e a maioridade sasonada, a dívida de Portugal ao Brasil, no momento doloroso que se atravessa, consiste, sobretudo, em se verificar no desenvolvimento da grandiosa pátria americana a acção fecunda das duas disciplinas tradicionais. — a Igreja e a Realeza, que tão ingratamente repudiámos e caluniámos. Como o nacionalismo, para não perder no acaso dos tumultos da rua ou das improvisações salivas do *Forum*, carece de ser principalmente uma doutrina, sabem-se e justificam-se as conclusões contra-revolucionárias do nacionalismo português. Somos pela Monarquia. Somos pela Igreja. E' forçoso ao Brasil ser pela Monarquia? Respondendo eu mesmo á pergunta com aquellas sensatas palavras de Charles Maurras no seu expressivo prefácio ao livro de Marius André, *La fin de l'empire espagnol d'Amérique*: — "*Je ne viens pas prêcher la monarchie à l'Amérique... Monarchie, République, ne sont que des moyens, comme la liberté ou l'autorité. Chacun vaut ce qu'il vaut pour donner aux peuples l'ordre, le progrès, la justice, la prospérité et la paix. Il y a des pays où la république est une nécessité nationale. Il y en a d'autres où, comme l'a observé notre Renan, ce mot est synonyme d'un certain développement démocratique malsain*" et y signifie un encouragement, une excitation à l'anarchie. Dans ces derniers pays la monarchie est autochtone. Elle y a longtemps assuré la sécurité, la force, l'influence et l'honneur..." Se, inversamen-

te, o sistema republicano é autochtone na América (não esquecer, no entanto, o persuasivo livro de Eduardo Prado, *A ilusão americana!*), isso não impede que a América se liberte do "plagiatto pernicioso" expelindo inteiramente das suas engrenagens governativas o morbo democrático. Tão pouco elle satisfaz as exigências do meio e correponde á realidade da situação, que nós vemos allí constantemente esfarrapada a ficção legalista pelo *caudilhismo*. "*El caudillo ó cacique impera; y sobre el cacique, á menudo, el rabula, el charlatan; á quien el intonso jefe admira, y el pueblo, analfabeto, aplaude*". Eis a fotografia que nos oferece Blanco-Fombona das democracias americanas.

Claro que o Brasil se exceptua. E exceptua-se pelas características que o Império lhe imprimiu: — a *unidade na variedade, a concentração na descentralização*. "O Brasil imperial, — depõe a observação avisada de Oliveira Lima —, foi, em grande parte, com o seu soberano constitucional, a sua dinastia de aclamação popular, o seu Senado vitalício que serviu de escala aos homens de Governo do país, e com o seu espirito de administração, conservador e liberal a um tempo, a sábia realização das ideas de Bolívar. Estas ideas democráticas eram mais difíceis de realizar no seu meio falsamente democrático e dada a repugnância pessoal do grande Homem em se revestir das roupas e dos atributos de *Imperator*". Ajunta ainda Oliveira Lima: — "Accrescente-se que ao perpetuar-se no trono a dinastia tradicional, representante do passado português, mas cujo herdeiro se identificou com os novos destinos do país e até se fez agente decisivo da sua independência, não só se subtraía a coroa no Brasil ao conflito das ambições, como se dotava também a tradição nacional com um vigor e um realce únicos, comparado com o que sucedia nos países do Novo-Mundo espanhol. As revoluções de que o Brasil se viu teatro durante o primeiro reinado e a Regencia foram por isso mais representativas de ideas, não obstante traduzirem-se em paixões, do que da ambição do mando. Por estes motivos pôde dizer-se que a monarquia brasileira foi no século XIX o regimen politico verdadeiramente adequado ao *status social* da América latina".

Que concluir de todo o exposto? Concluímos que se a Monarquia não é autochtone na América, não o é também a democracia, tomada no seu significado europeu, — no significado de "plagiatto pernicioso", que o uruguaiano Luis Alberto de Herrera lhe confere. Cumpre, pois, aos Estados hispano-americanos pelo presidencialismo e pela constituição duma segunda Câmara, recrutada na representação moral e social, corrigir a tara democrática que os infama e que lhes perturba o funcionamento regular das suas instituições. O Brasil, corrigindo a herança que recebeu do Império, terá um modelo a imitar e aperfeiçoar. E assim se entenderá, debaixo de tal aspecto, se o *nacionalismo brasileiro* não é monarquico, como o nacionalismo português, carece de ser, pelo menos, abertamente *contra-revolucionário*.

Contra-revolucionario em politica, tenderá a rectificar as lutas dos partidos que enfraquecem a acção directora do Estado, proibindo-lhe todo e qualquer objectivo de ex-

pansão e de hegemonia exterior. Como o Brasil se dirige pela aspiração legítima de se afirmar potência mundial (vide os trabalhos e estudos de Elísio de Carvalho), de certo que o não obseca a miragem dum imperialismo, montado apenas no jôgo das forças materiais. A defesa do tipo de civilização em que o Brasil se insere e que tão nobremente enriqueceu, condu-lo, sobretudo, para um campo de natureza espiritual. Contra o bloco anglo-norte-americano, instalado no Atlântico, o bloco das nacionalidades hispánicas tarde ou cedo se constituirá, se o desejo de viver as anima e se desejam que se acerque a hora de se libertarem da tutela de Washington.

Eis, a traços sucintos, em que se condensa a "grande obra de renovação latina" que o nacionalismo brasileiro apetece para o seu país. Ora ainda al elle precisa de assumir a attitude contra-revolucionária. Porque "raça latina" supõe "Latinidade", — e a Latinidade não é mais que o Catholicismo, — o Catholicismo que amamentou a Europa e insuflou á America o hálito divino da existência!

A documentá-lo, pondera Charles Maurras: — "*Peuples latins, peuples catholiques, dit l'histoire, exception faite pour la lointaine Roumanie. Qui est-ce qui, a opté pour Léon X contre Luther? Est-ce la Saxe, est-ce le Brandebourg, est-ce l'Angleterre? Non: les peuples latins. Comment la Belgique en partie néerlandaise, s'est-elle séparée de la Hollande pour affirmer son âme, sa foi et sa nationalité? Par sa fidélité au catholicisme...*" E Maurras esclarece: — "*c'est à ce point de vue de fait que je me place pour demander par quelle abstraction monstrueuse on peut dissocier l'histoire des nations d'avec l'histoire de l'organisation religieuse née sous l'enseigne de Rome et qu'ils ont si fidèlement défendue contre les infiltrations et les assauts étrangers*" Não só por lei expressa do seu condicionalismo moral e historico o Brasil se emoldura no quadro geral da Christandade, como, quando, ao inflamar-se em zelos renovadores do Latinismo, é para a Igreja Católica que elle apela, — pátria comum de todas as inteligências e de todas as sociedades que amam a ordem, como fundamento primacial da civilização. De resto, é um encargo de espirito que vem dos alvôres da nação brasileira, — alvôres que despontaram na hora em que, sobre uma praia enigmática, a Missa se resou, entre o mar e a se'va, no ofertório a Deus de mais um povo que ia nascer á sombra da Espada e da Cruz.

Restauradores das admiráveis responsabilidades do seu passado, o Brasil e Portugal acordam desta forma para o resurgimento do conceito perdido de Christandade. Não há nacionalismo nenhum que se confine e seque na sua contemplação narcisista. Como desfecho lógico, tende a ampliar-se e a fixar numa expressão mais humana e mais duradoura de universalismo. Adversários tanto Portugal como o Brasil do cosmopolitismo ideológico da Revolução, o universalismo que a ambos se impõe é o da Contra-Revolução. Estendamos as mãos por cima do Oceano, — e a Lusitanidade, emancipada dos mitos ignóbeis que a prostituíram, há-de sorrir de novo com frescura singela e doce daquellas rosas que os marinheiros do Senhor Infante chamaram "rosas de Santa-Maria", ao colhê-las, enternecidos, para lá do Bojador!

António SARDINHA



LUGARES-COMMUNS SOBRE BUENOS AIRES, OU BUENOS AIRES DENTRO DE UM BRASILEIRO

-- Ha tempo?

-- Perfeitamente... Poderá fallar a respeito da viagem. Um observador intelligente...

Obrigado.

-- E se quizer, empresto-lhe as impressões de Laforgue sobre Berlim. E' só mudar: onde se diz Berlim, ponha-se Buenos Aires.

-- Ha tres systemas de viajar: com dinheiro, sem dinheiro, e com philosophia. Segui o ultimo, mais commodo, mais aristocratico para quem não acceita os outros dois. Assim eu só pensava nos

high angels that drive the horse of Time

como está escripto em "King's Threshold" de W. B. Yeats.

-- Interessante...

-- Sem duvida. Ainda poderia citar um pouquinho de Shelley...

-- Ainda?

§

Eu não sabia como deveria estudar Buenos Aires. Podia mover-me num mundo de abstracções e de edificios. De antenção imaginára commigo este quadro:

a) artista = creação + divulgação.

b) critico = analyse — creação + divulgação.

c) jornalista = analysê + divulgação — critica.

Commodo. Quando deixei o Rio, um official aduaneiro, com uma cara entre o velho Rotschild e o Unamuno que tanto tem impressionado o Sr. Coelho Netto, ainda me gritou: — "não se esqueça da duvida-fecunda-do-artistaaaA! a duvida..." E de repente começou a chover. Lembro-me agora que se choveu, foi na volta.

§

O rio da Prata só tem uma utilidade reconhecida por todos os logarithmistas e pilotos: levar os navios para Buenos Aires ao baloiço de uma agua escura. Mais de uma vez fiquei ao léo das minhas hesitações, como as folhas sobre o dorso invisivel do vento. Poderia mentir como um advogado no jury. Poderia dizer que a agua era realmente de prata, em vez de dizer que é escura, poderia dizer que, o porto é enorme, quando é apertado, formado por uma especie de canal ligando duas bacias, *dársenas*, onde os navios ficam quasi que uns sobre os outros, erguendo os mastros, ao mesmo tempo banaes e estranhos. A neblina matutina velava a cidade plana e esbranquiçada que eu entrevia, seguindo o navio por um canal marcado de boias, que nessa manhã estava sendo dragado.

§

A aldeia do seculo XVI, atravez do tempo, transformou-se na grande cidade de hoje. O que chama a attenção do brasileiro é a imponencia da architectura, tanto publica como particular. Mas a mania da imitação, de que os sul-americanos estão tomados, é tal que prejudica tudo, principalmente entre os argentinos. Buenos Aires, sem natureza, enorme em seu movimento, cidade pouco ou nada prismatica de aspectos, dá a impressão de ser uma cidade allemã, italiana, espanhola, ingleza, menos argentina. Eu só sabia que estava em Buenos Aires, por causa do palacio do Congresso, da Casa Rosada (Palacio do Gover-

no) cercada pelos granadeiros azul-vermelhos e vistosos de San Martin. Não pelo espanhol, que eu podia estar por acaso conversando com um espanhol nas Marquezas, e não me consta a mim nem aos francezes que essas ilhas sejam castelhanas. Um amigo, em Buenos Aires, disse-me seriamente: "o cosmopolitismo — absorvente — e — enorme — de — Buenos-Aires..., deriva — dos — 60 °º — de — estrangeiros" Como é de praxe, não lhe agradeçi. Em Buenos Aires edifica-se, na minha opinião de não architecto, para o futuro; no Rio para o presente. Dahi a importancia, a sumptuosidade da architectura argentina. Mas a imitação norte-americana degenera em mau gosto: vi um edificio em cuja fachada existem espumas de cimento armado, pedacos de alguma symphonia que se immobilizou em pedra e cimento. O centro, de ruas estreitas, asphaltadas e desarborizadas, divididas em quadras symetricas de cem numeros, é de uma monotonia triste. De dia, dentro do movimento, pouco se percebe. Mas de noite, quando as ruas ficam um pouco vazias (porque o centro tem uma grande vida nocturna), é que se nota essa *aplantante simetria*. Buenos Aires, como todas as cidades tentaculares (a capital argentina não deixa de ser tentacular se bem que cresca para cima), que não têm o encanto da paisagem, é triste, e só se sente alegria, indo-se para os magnificos jardins de Palermo. Está claro que desprezo os céus azues, que para mim têm menos importancia que um peignoir de mulher. Os astrónomos são os unicos cavalheiros que ainda se podem interessar pelos céus que apenas nos mandam a velha novidade da chuva.

Ao meio-dia e uma hora, Buenos Aires é a cidade mais sombria do mundo. As ruas do centro cheias, fervilhantes de movimento, exhibem milhares de physionomias representativas do facto de que cada um é um Torquemada moderno torturando e caçando pesos. E essa tristeza mercantil notei tambem nos bondes, no subterraneo, por toda a parte. Nós, brasileiros, somos melancolicos, como dizem os nossos gratuitos professores de pessimismo. Mas em nossos bondes ainda se vêem physionomias — aguas — claras (raras, é verdade), ainda se ouvem conversas e risadas. Em Buenos Aires, nada. Toda a gente ensimesmada. A esthetica da vida — vae em minusculo para evitar confusões — ainda é desconhecida dos sul-americanos que, moços como são, deveriam rir, ter uma alegria barbara de super-homem. Lembrou-me aqui citar Nietzsche, mas salvo o leitor de um abysmo vadeavel. Cada um dos sul-americanos deveria pensar sempre em Dionysos, o deus da ebriedade de existir. Mas sem rhetorica, tal como eu escrevi essa phrase sem os preparados unctuosos dessa senhora estabelecida com o seu gabinete numa academia...

§

Buenos Aires é uma cidade de maior numero de monumentos que o Rio. As praças tem-nos até demais. Cheguei a ver Rodin. E no entanto, é preciso saber que lá não existe um bairro ajardinado e arborizado como a nossa Beira-Mar que poderia ter muitos e bellos monumentos. Escrevo e digo isto aos dois ou tres leitores mal-humorados que de-

verei ter na certa. Mas se o Sr. Prefeito me ler, e se quizer tomar nota. Mas cuidado com o plagio..

§

A tracção animal é muito maior do que aqui. Os auto-caminhões são raros. Ora, isso depois de escripto, me fez pensar na phrase de um celebre escriptor e diplomata brasileiro: "*le Brésil c'est un paysage: l'Argentine c'est un pesage*"

§

Por uma variação em bemol, eu poderia fallar de Helsingfors (que não conheço); mas o meu amigo contava-me a anedocta: "passa-se num baile. Dois homens conversam a respeito de uma mulher que dança. — "Deves desposar-a!" — "Talvez.. mas ella já gastou dois terços de sua fortuna com a costureira..." — "Então?" — "Então... caso com a costureira. Estamos na Avenida de Mayo" Esta avenida, que os argentinos consideram a mais bella da capital, é na minha opinião muito inferior á calle Callao, por exemplo. E' uma avenida mais estreita que a Rio Branco, desarborizada, mal illuminada, com um commercio muito mais sumptuoso que o nosso, mas que, ao lado de um edificio de dez andares, apresenta um de dois ou mesmo de um, typo francez de residencia, e em seguida um muro branco tapando algum terreno baldio. A denticulação, sem transições, é desagradavel. Ademais as ruas cheias de soldados, de capacete, enquanto que por toda a parte, até mesmo no Jardim Zoologico, se vêem annuncios (o que é altamente pratico e innocuo) contra os ladrões.

§

A Recoleta, o cemiterio dos ricos, onde cada metro quadrado, custa milhares de pesos, não resolve o problema da crise das habitações, nem o do socgo da immortalidade. Se um dia os herdeiros empobrecem, os restos são rapidamente desalojados e levados para os cemiterios pobres. A Recoleta, como todos os cemiterios do mundo, não vale um epigramma ou poema futurista, nem o desenho de umas pernas de mulher de Préjelan.

§

Buenos Aires não tem praças. Montevideo tem-nas bellas — Ramirez, Pocitos, Carrasco. Tive occasião de conhecer as duas primeiras: bellas vivendas, um "footing" extraordinario de senhoras e senhoritas lindas, mas uma agua escura, encarvoada, mansa, que se desfazia em "cock-tails" de carvão, cascas e gravetos. Depois de ter supportado um calor de trinta e poucos em Buenos Aires, e enquanto o sol acabava ao longe, uma mulher — ou antes, o melhor par de pernas do sul — impossivelmente esbelta, num displicente *je-m'en-fichisme*, fallava-me de muitas coisas: perguntou-me se eu sabia desenhar "peignoirs" e vestidos; mofando da minha ignorancia, fallou-me por fim do pan-americanismo de Bolivar. Sorri, e achei que era uma coisa tão paradisiaca como um ice-cream-soda ou o "I have no bananas..."

Teixeira SOARES

AS BANDEIRAS

II

O traço característico e admirável do bandeirante está na heroicidade da sua luta contra a natureza.

Os aventureiros hespanhóes do século XVI conquistaram o Mexico, a America Central e o Perú — numa sombria tragedia de sangue e crueldade — commandando exercitos aguerridos e armando grandes massas de indios para combater o proprio indio. Cortez invade o imperio asteca com cavallaria e até com canhões de bronze de grosso calibre e colubrinas de campanha: Pedrarias d' Avila chega a America com 20 navios e 1.500 homens; Balbôa, para conquistar as costas do Pacifico, ajunta a seus soldados e indios, toda uma matilha feroz de cães de fila. Só Pizarro inicia o ataque ao imperio dos Incas, com um pequeno troço de 180 hespanhóes, mas logo a rainha regente de Castella o subvenciona com 300.000 maravedis, e mais 200 ducados para o transporte de artilharia. Era pouco esse dinheiro hespanhol desvalorizado, mas significava o apoio da metropole que se associava á empresa.

O paulista, ao inves, palmilhou a maior parte da "terra inhospita e grande" dos sertões brasileiros quasi só, na rudimentar organização da bandeira, sem nenhum auxilio official, e muitas vezes infringindo ordens severas de Ultramar.

No heroismo quotidiano da luta contra o Obstaenlo, vivo ou inerte, que a cada passo lhe armava a natureza hostil e aggressiva, está a verdadeira grandeza do bandeirante, fosse elle caçador de indios, guerrilheiro do gentio revoltado, ou buscador de ouro.

O que foi esse combate constante e pertinaz contra as mil difficuldades da terra e do céu desconhecidos, conta-o com minudencia o relato de Antonio Knivet, marinheiro inglez do corsario Cavendish, naufrago e prisioneiro de Salvador Corrêa de Sá.

Em 1597, fez elle partê da bandeira de Martim de Sá, que partiu do Rio de Janeiro a 14 de Outubro, para combater tribus inimigas de Tamoyos. Essa bandeira, passando por Paraty, subiu a serra de Paranapiacaba, perto de Ubatuba, pelas veredas de indios que a levaram ao planalto. Ahi vagou um mez á procura dos Tamoyos invisiveis. Veiu afinal dar em S. José dos Campos, segundo o itinerario decifrado por Theodoro Sampaio. A fome e a doenca já começavam a dizimar os expedicionarios; nas aldeias de indios que encontravam só havia como mantimento batatas, e essas mesmo em pequena quantidade. Mais adiante, a bandeira enveredou pelos campos do alto da Mantiqueira, guiada por um bugre velhaco que a atraioava. Ahi viu outro mez, soffrendo horribes privações. "Quem tinha um sapo ou uma cobra para comer — diz Knivet — considerava-se feliz". A penuria era tamanha, accrescenta Sampaio, que se chegou a comer o corpo dos escudos feitos de nelle de anta e o couro que servia de cobertura aos paramentos do serviço religioso. A roupa do corno cahia aos pedacos, e teve de ser deitada fóra. Da expedição já tinham succumbido 180 homens. A desordem e a indisciplina completaram o desastre. Nas margens do January dispersou-se a expedição, e por outros trilhos começou a viagem de regresso...

Identica deve ter sido a sorte de innumerables expedições que se afundaram pelo sertão, durante perto de dois seculos. "Morto no sertão", é o sinistro estribilho dos inventarios daquela época. "Cegos pela ambição, refere um escripto mineiro, arrostavam os maiores

perigos; não temiam o tempo, as estações, a chuva, a secca, o frio, o calor, os animaes ferozes, reptis que davam a morte quasi instantanea, e, mais que tudo o indomito e vingativo indio anthropophago, que lhes devorava os prisioneiros e lhes disputava o terreno palmo a palmo, em guerra renhida e encarnicada. Para elles não havia bosques impenetraveis, serras alcantiladas, rios caudalosos, precipicios, abysmos insondaveis. Se não tinham que comer, roiam as raizes das arvores; serviam-lhe de alimento os lagartos, as cobras, os sapos, que encontravam pelo caminho, quando não podiam obter outra alimentação pela caça e pela pesca; se não tinham o que beber sugavam o sangue dos animaes que matavam, mascavam folhas silvestres e os frutos acres do campo..."

Para essa luta sobrehumana, as circumstancias do meio, da raça e da educação, tinham preparado e affeçoado admiravelmente o "heroe providencial" no typo do bandeirante de S. Paulo.

Do cruzamento do forte sangue portuguez quinhentista, dos francezes, castelhanos e flamengos, com as cunhães, o mameluco surgiu perfeitamente aparelhado para o seu destino historico. A montanha isoladora dos contagios decadentes do littoral; a attitudo sempre sobresaltada de quem vivia na orla das immensas mattas virgens, sombrias e espessas; a convivencia diaria e intima com o gentio da terra de quem fallava correntemente a lingua; a feliz situação geographica e topographica, que o locava á margem e nas proximidades de grandes rios, correndo para o interior das terras; a aspereza fortificante de um clima de bruscas variações, em que ás geadas das manhãs clarissimas succedem sóes abrazadores do meio-dia — todos esses factores conjugados criaram um admiravel exemplar humano, bello como um animal de raça, e que só puderam realizar nessa perfeição physica, os homens da Renascença italiana, quando Cesar Borgia seduzia o genio de Machiavelli.

A longevidade, expressão da sobrevivencia dos mais aptos, foi notavel nessa rude gente. O visitador Fernão Cardim, em 1585, dizia de Piratininga: "é cheia de velhos mais que centenarios porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos annos". A excellencia do clima, dos ares e do temperamento — dizia o governador Antonio Paes de Sande — se infere bem de não haver até hoje alli medico algum. De Antonio Dias, Garcia Paes e Borba Gato sabemos que morreram mais que nonagenarios.

Em 1741, numa justificação de nobreza do Dr. Pedro Dias Paes Leme, se inquiriram seis testemunhas, das quaes 4 eram maiores de 80 annos.

O cruzamento com o indigena corrigiu de modo feliz a excessiva rigidez, a dureza, inteiriça e fragueira do colonizador europeu do século XVI; o indio, nesse amálgama, trouxe o elemento mais afinado, a agilidade physica, os sentidos mais apurados, a intensa observação da natureza quasi milagrosa para o homem branco. Um governador, em 1692, dizia: "Paulistas embrenhados são mais dextros que os mesmos bichos..."

Não tardou a se espalhar por toda a colonia, e até á Metropole, a fama paulista. A elles recorrem as autoridades para a pacificação das tribus inimigas do Reconavo da Bahia e do norte ao Rio S. Francisco, e para a destruição do quilombo de Palmares. A elles aconselha Antonio Paes de Sande, em 1693, que se appelle para o descobrimento das minas de Sabarábussú, Paranaguá e outros das

capitanias do Sul. O unico meio para se conseguir esse descobrimento — accrescenta o governador ao Conselho Ultramarino — é "servir-se S. M. de encarregar aos moradores de S. Paulo este negocio, pois a confiança que faz daquelles vassallos os empenha ao effeito das obrigações della"

E num trecho que bem frisa a independencia e susceptibilidade dos habitantes de S. Paulo nessa época longinqua: "a pessoa que S. M. nomear para ir a S. Paulo será um sujeito de cuja autoridade e prudencia se possa fiar negocio de tanto peso e não levará consigo mais que seus criados e as ordens e poderes reaes..."

Desses homens de acção tres ou quatro sentimentos deviam compor a rudimentar psychologia. Antes de tudo o aneio pela mais absoluta independencia, acima das leis divinas e humanas; a ambição do mando, o irrefragavel desejo de exercer a autoridade incontestada, de dominar sem veias — e o afan imperioso do lucro e da riqueza. Do fundo do subconsciente, das influencias atavicas da Terra e do Sangue, vinha-lhes sem duvida a activa inquietação, a que se devem os grandes descobrimentos e as grandes viagens da época, o irrequieto espirito de mudança, de levantar sempre o vôo, na curiosidade do desconhecido, e que fazia Ponce de Leon exclaimar na Florida: "Gracias te sean dadas, Señor, que me permites contemplar algo nuevo"

Esses sentimentos fortes fizeram o paulista tão temido quanto admirado. As lendas de Charlevoix e Vaissette, indignados diante dos excessos mamelucos, têm uma singular mistura de odio e respeito.

Quando em 1671, após o insuccesso das bandeiras bahianas de Roiz Adorno, as autoridades pediram a intervenção paulista para a pacificação dos tapuyas insubordinados, aos elogios á acção de Estevam Ribeiro Bayão Parente, succediram dentro de poucos annos, as queixas e lamentações dos habitantes do Reconavo. Em 25 de Maio de 1677 escrevia o governador a Bayão Parente: "S. A. não quer que seus moradores sejam vexados, nem ainda é justo que os indios se tratem como escravo... o fim das vossas ordens é trazel-os do certão para os domesticar, e se fazerem christãos... E se o intento de Vmçê é outro — pôde recolher-se logo..."

Annos depois, em 1692, o Capitão-Mór de Porto Seguro avisava o governador da Bahia das insolencias que faziam, havia tres annos, uns trinta paulistas, de que eram "cabeças uns Domingos Leme de Moraes, e seu irmão Verissimo da Silva, que como regulos se tinham levantado, sem o dito capitão-mór poder sahir fóra de sua casa, nem os officiaes de justiça poderem administral-a, sequestrando-lhes os bens, fazendo insolencias e tiranias que havia muitos tempos a esta parte se não accordava de outro excesso semelhante..."

Nunca, porém, essa actividade dominadora e indisciplinada attingiu os requintes de crueldade e aspereza dos conquistadores hespanhóes; a doçura portugueza temperou de certo modo o que Blanco-Fonibona chamou — a hyperrestesia de rapina e sangue dos aventureiros castelhanos.

Handelmann, referindo-se aos preadores de indios de S. Paulo, diz que para elles "não ha nenhuma desculpa" e que as suas conquistas constituem "uma das manchas mais negras da historia do Brasil". Que diria o historiador das terriveis expedições que devastaram o Mexico e o Perú? Os dezeseite annos de dominação allemã na provincia de Venezuela (de 1529-1546) excederam em sanha sangrenta e destruidora os mais negros relatos da conquista hespanhola. Ainda neste seculo, são conhecidas as façanhas da colonização allemã e belga no

CHRONICAS DE MALAZARTE

VII

Este movimento modernizante de arte que se vem delineando cada vez mais altido e rico, teve em São Paulo o seu início. Quebrado trouxe uma sistematizada manifestação de arte moderna para o Brasil foi Anita Malfatti. Em 1915... Não. Parece-me que antes. Ou depois... Não me lembro mais da data em que ella abriu a exposição dos seus trabalhos na rua Libero Badaró. Só me lembro bem do escandalo publico e da fecunda importancia que teve para nós essa confissão de independencia. Dentre as criticas apparecidas uma ficou inesquecivel pela influencia que teve sobre o espirito da artista. Assignava a descompostura um nome feito: Montelro Labato. "Paranoia ou Mistificação" chamava-se a tollice; depois eternizada em livro pelo bilioso. E que dor me deu o artigo!... Naturalissimo. Era a primeira vez que eu sofria a injustiça, provinda da ignorancia organizada em sistema de valorização. Agora já me acostumei. Depois da exposição Anita se retirou. Foi para casa e desapareceu, ferida. Mulher que sofre. Todo aquele mascu o poder de deformação, que dirigira as pinceladas do Homem Amarelo, da Estudante Russa, desaparecera. Mulher que sofre. Quiz voltar para traz e quasi se perdeu. Começou, para contentar os selvícolas, a fazer Impressionismo colorido. Não nos encontramos mais. Ela ocultava-se. Só 4 ou 5 annos depois resolveu-se a fazer uma segunda exposição propicia aos anlausos da semi-cultura. Seu encontro com Malazarte foi divertido, lembro-me... O amigo desapontadissimo. Ela envergonhada. Ele dedicou-lhe um cumprimento com avesso; coisa barata. Anita revoltou-se. "Malazarte, você não tem direito de gostar destes quadros. Cale a boca!" "Fizeram as pazes. Anita vendeu alguns quadros, teve alguns elogios fechou a exposição. Resoivida energicamente a ser o que era: mistificadora ou paranoica, segundo o juizo da divindade.

Ora Oswaldo de Andrade passando pelas ruinas em construção do Palacio das Industrias, soube por um operario que no segundo andar do prédio vivia um escultor. Subiu disposto a caçoar das academias. O hominho narigudo, com voz de baixo russo, abriu a porta. Brecheret. Este caso tambem é comico. Oswaldo olhou o artista, já divertido. Já desdenhando as náíades de carne que la ver. Brecheret olhou desdenhosamente o intruso. Mals um idiota que vem procurar carne nas minhas náíades! se dizia. Inimigos. Uma hora depois: amigos intimos.

Mas Oswaldo sofreu golpe decisivo. Ficou doente. Doença deliciosa e gravissima, não registrada nos dicionarios medicos. Mania de descobrir genios. De repente todos nós vivamos genios. Di Cavalcanti era genio. Menotti del Picchia era genio. Brecheret outro. Tambem Anita, Guilherme de Almeida e todos nós. Um limbo dantesco! Só que ti-

nhamos o semblante alegre. Foram momentos de gostosa obriedade. Que entusiasmo! Penada não sabia, nem pincelada ou golpe, que não fossem divinos. Malazarte tocava o membr. E a corea dansante das Illusões nos separava do mundo. Mas logo começou a luta por Brecheret, nosso estandarte. Oswaldo, Menotti e eu pelos jornaes, criticos improvisados, pagavamos a injustiça dos selvícolas com a injustiça, porventura menos cruel mas certamente mais irritante, do entusiasmo-clope, dum só olho, unilateral. Puxa! fi-



Brecheret

zemos uma barulheira danada. Divertimo-nos á farta. Dessa grita sincera, irreverente, anti-diplomatica, cujos males não mediamos, ninguém, senão algum raro espirito mais observador, podia perceber o intimo sofrimento. Mesmo tragico. Porquê essa é a verdade pouco percebida. O lançar-se em novas aventuras pôde ser belo. Entusiasmo facilmente. Mas é tambem trocar a certeza do presente e as riquezas adquiridas pelo odio dos que ficam, pelos descaminhos em terras ignoradas e sem generosidade. Perspectiva sem segurança, inquietação. Medo. Cabotinismo? Qual seria o cabotinismo de Guilherme de Almeida? Continuar o "Nós" e a "Dansa das

interior da Africa. O drama de horror e loucura criminosa, em que todas as más paixões dos homens do seculo XVI foram açuladas como matilhas de cães contra as velhas civilizações americanas, torna quasi innocente e livre de culpa a "furia paulista" nos seus mais exaltados desvarios.

A pouco e pouco, pela propria diminuição do seu dynamismo, foi a bandeira desaparecendo, como factor vivo e caracteristico, da conquista e povoamento do territorio da colonia. E' o phenomeno dispersivo da desagglomeração individualista.

O bandeirante transforma-se no colono e povoador das regiões do Sul, da ilha de Santa Catharina e da antiga Ca-

pitania de S. Pedro; ao Norte é elle o criador e fazendeiro dos catiungás bahianos, até o Piahy, Ceará e Maranhão, o gado como elemento estabilizador fixa-o nos latifundios desses sertões; para o interior profundo do paiz, a mina, em Goyaz e Matto Grosso, extingue por seu turno e pela sua riqueza o nomadismo tradicional do antigo piratingano.

Ahi, no primeiro quartel do seculo XVIII, se destacam as figuras dos irmãos Lemes — ultimos depositarios da ambição de mando e independencia do velho paulista: — um succumbe, acuado como animal feroz, nas mattas de Ararytaguaba, e outro degollado nas prisões da Bahia. Em 1740, num arraial goyano, morre miseravelmente o segundo Anhanguera.

Foram, talvez, os ultimos bandeirantes

Paulo PRADO

Horas". Mas escreveu a "Soror", que é o seu melhor livro. Onde o exito anterior? Essa previsão do insulamento futuro, porém, nós a escondiamos sob a gargalhada malcriada. Gargalhada que não era sinão mais um sintoma de inquietação. E, junto dela, as afirmativas mais arrojadas, os destampatorios mais inócuos. Tollice. Burrada. Quando vimos a inutilidade da nossa gritaria e que o Monumento das Bandeiras não se realizava, aumentamos o barulho. Não é engraçada! Recordo-me dum artigo, inscripto por Belazarte, horrendo! que elle ingenuamente queria publicar. Allí se insultava céo e mundos. O Governo, o Presidente do Estado, os millionarios paulistas eram tratados da maneira mais... sim: da maneira mais aviltante.

— Reconheço: fui injusto. E' preciso descontar as tres quartas partes de imbecillidade, que formam o lastro interessante das instituições humanas sejam ellas governos, classes de ricos ou de pobres, grupos de artistas ou de "sportsmen". O que faz a imponencia dos clans é a imbecillidade. Não ha duvida. A função dos agrupamentos é justa, humana e creio que de imposição divina. Mas essa função originaria desaparece. O que na pratica dentro das sociedades se vê, não é a origem que as constituiu, mas o character actual que as deforma e a directriz que as desnortea. O character não é determinado pelo espirito de justiça; a directriz não segue a estrada do bem commum. A igualdade intelligente trocou-se pela ambição. O sacrificio corrigiu-se pela fraude. O homem é o maior imbecil de todos os animaes.

— Cala a boca, Belazarte! Quero contar. Foi nesse delirio de profunda ralva que Paulicea Desvalrada se escreveu, no final de 1920, Paulicea manifesta um estado de espirito eminentemente transitorio: cólera cega que se vinga, revolta que não se esconde, confiança infantil no senso-commum dos homens. Estes sentimentos duram pouco. A colera esfria. A revolta perde sua razão de ser. A confiança desluda-se num segundo. Comigo duraram pouco mais que um defluxo. Passaram. Deveria corrigir o livro e apagar-lhe esses aspectos? Não. Os poemas foram muito corrigidos. Muita coisa delles se tirou. Alguma se ajuntou os exageros, tudo quanto era representativo do estado de alma, e não desfalecimentos naturaes em toda criação artistica, ahi se conservou. Uma obra de arte, não é expressiva só pelas bellezas que contém. Ou o Sr. Alberto de Oliveira seria superior a Castro Alves. Muitas vezes os defeitos são mais interessantes e comoventes que as bellezas. Direi mais: muitas vezes o defeito é uma circumstancia de beleza. Exemplo: O ser claro é norma aceita universalmente. Leia-se o abscrisissimo Dante. Veja-se a imprecisão de Vuillard. Escute-se. Aliás reconheço que antes de mais nada de ver-se-hia definir o que é ser claro.

Nesse tempo estava definitivamente estabelecido em S. Paulo um verdadeiro núcleo de modernistas. Menotti descobrira o architecto Antonio Moya. Eu descobrira Haarberg, o escultor expressionista. John Gras, pintor suizo era então nosso amigo. Vejam bem que não falo de precursors. Outras vezes pôde haver surgidas antes. Mas viveram l'hadas; e realmente nenhuma influencia tiveram nesse grupo, do qual partiu todo o movimento de modernização, hoje espalhado; e que lutas de tão nobres proporções determinou agora no Rio entre Ronald de Carvalho e o Sr. Jackson de Figueiredo. Isso de precursors traz sempre discussões que não adiantam nada. O caso do verso livre. Sergio Milliet affirmou, num artigo publicado na França, que o introdutor do verso livre no Brasil é Guilherme de Almeida. Clamoroso injustiça. Lembro-me duma tarde em que o proprio Guilherme me assignalava os versos livres de Manoel Bandeira. Guilherme então metrificava inteiramente os seus poemas. E' Manoel Bandeira será o primeiro? Malazarte propõe que se considerem como precursors de verso livre os admiraveis poetas recusados pelo Malho... Uma embrulhada!

O real movimento de modernização, antes: de actualização das artes brasileiras partiu do caso de se encontrarem um dia em São Paulo 7 ou 8 artistas paranoicos e mistificadores. Em meados de 1921, Oswaldo escre-

veu o seu artigo sobre Paulicea, intitulado "O meu Poeta Futurista". É o maior escândalo literário a que até agora assistiu. O espanto causado pelo poema reproduzido no artigo foi impagável. Mas, apesar de espantados, divertidos.

Toda a população ria. Toda, porque nós também ríamos. Choveram as paródias. Engraçadíssimas algumas. Chiste pesado, sem ironia. Mas engraçadíssimas. O brasileiro raramente é irónico. Nisso não somos nada latinos. A chalaça é a ironia do brasileiro. Foi uma esculhambação fantástica. Mas nós também ríamos. E diante das ararices, tive meu segundo dia de revolta. Produziu os *Mestres do Passado*. Este, sim, trabalho alegórico, que escrevi a rir sem intermitência. Lefeitos dos mestres do passado. Mas em geral as outras verdades, as boas, deixava proposadamente de as dizer, isso representam os *Mestres do Passado*, que já mais porei em livro.

O mal de tudo isso foi o batismo do grupo. Futurismo! Eu chamara a atenção de Oswald sobre isso. Elle insistira na palavra. Oswald impunha-lhe, não uma significação estreita de escola, mas a mais larga de renovação universal, em que se poderiam reunir as tendências mais dispares. Comuniquei-lhe que recusaria o título. E o fiz. Poucos dias depois do artigo, publiquei pelo mesmo jornal a resposta em que regeitava a escola italiana. Tenho horror inato ás escolas e abomino aquelles que se imaginam condutores de artistas. E assim serei sempre. Só um orgulho eu tenho e só duma prerogativa não desisto. Orgulho do que fiz para mim mesmo, e a prerogativa de que ninguém me conduziu ou conduz. Quanto a religião e filosofia: sou catholico e sigo o expresso Aristoteles-Neoscolastica (com a formidável baldeação por Santo Thomás) que me trouxe ao país desassombrado da minha calma e completa felicidade. Mas sobre essa felicidade risca um rastro, luzindo estranhamente! Que é, que não é? É o scepticismo esse resíduo duma lagrima que secou. Mas não faz mal! é objectivo. Olha só para as coisas da vida.

E da mesma forma com que não sou cauteloso de ninguém, previ o perigo de um outro se deixar levar pela liberdade exagerada de Paulicea. Isso me ditou aquella "blague", de fundo verdadeiro, muito pensada, de crear uma escola e destruí-la no mesmo livro. E Klaxon? Pois não viveram nella, Graça Aranha, Guilherme de Almeida e Luis Aranha; Renato Almeida, Menotti del Picchia e Carlos Alberto de Araujo; Ronald de Carvalho, Couto de Barros? Sendo que muitos desses artistas nem se compreendem mutuamente. Onde a escola, pois? Onde o chefe? Onde os generais? E a nossa homenagem a Graça Aranha não significou jamais preito de acólitos, mas gratidão por quem desceu da sua altura para nos dar confiança, e a admiração pelo maior artista das letras vivas nacionais. Divago...

Aliás não precisava escrever essa recusa ao rótulo que me dá Oswald de Andrade. Desde 1919 eu atacara o futurismo numa conferencia sobre "Arte Religiosa Brasileira", publicada nos principios do ano seguinte pela Revista do Brasil. Também pelo *Jornal dos Debates* o fizera. Tudo inútil. O nome ficou para nós todos. Isso não tem a mínima importancia. Jamais as Urracas deixaram de ser belas porque eram Urracas. Quanto a corpo e alma do futurismo brasileiro, esses um dia se analisarão.

Guilherme de Almeida escreveu as *Cancões Gregas*. Ronald de Carvalho os *Epigramas Ironicos e Sentimentais*. Esquecia-me do nosso músico... Villa Lobos, numa evolução racional, compusera já numerosas obras em que, si alguns processos do impressionismo perduravam, principalmente na harmonização, acentuava-se, tanto na constituição formal das peças como na nitidez crua, incisiva dos temas, certa reacção contra o mesmo impressionismo.

Nesse tempo Malazarte já incutira em nós o proposito duma manifestação colectiva. A idea pertence a Di Cavalcanti. Chegando do Rio nesse 1921 guerreiro, comunicara-me o projecto, bem como a Oswald, Anita e outros. Pretendíamos abrir um salão de pintura e escultura, com tardes literarias em que se recitariam versos e conferencias. O

projecto mal sabia do local grandioso onde breve se realizaria. Sempre adiado. Inexequível, pela fraqueza das nossas forças. Graça Aranha chegou do Rio. Quis conhecernos. E imaginou então, sem que soubesse do nosso projecto, a semana de Arte Moderna. Auxiliado por Paulo Prado, René Thiollier e outros, organizou-a. Nessa inesquecível Semana, passaram-se em revista as forças da orientação. Bruta sacudida nas artes nacionais! Lembremos embora a revolução romantica e a reforma naturalista, recordemos a transição parnasiana: é indiscutível que jamais reviravolta de arte movimentou, apaixonou e enlouqueceu mais a monotonia brasileira que o chamado futurismo. Enchentes de tinta, vulcões de lama, saraivada de calúnias. Muito riso e pouco sizo. De ambas as partes.

— A Semana de Arte Moderna foi um triumpho!

— Ainda repetes isso, Malazarte! Maluquice, imprevidencia é que foi. Disparatada, sem norma, contraproducente. Confusão e e cáos em que orientações quasi opostas, em vez de convizinharem, libertas umas das outras, se confundiam numa barafunda de estardalhaço. Oh! Semana sem juizo. Desorganizada, prematura. Irritante. Ninguém se entendia. Cada qual pregava uma coisa. Uns

pediam liberdade absoluta. Outros não a queriam mais Catilinas. O público vinha saber. Mas ninguém se lembrava de ensinar. Os discursos não esclareciam coisa nenhuma. Nem podiam, porque não havia tempo: os programas estavam abarrotados de música. Noções vagas; entusiasmo sincero; ilusão engraçada, ingenua, moça, mas duma ridiculez formidável. Muitos de nós poderíamos nos queixar do sacrificio que fazíamos, si o sacrificio não fosse geral. A Semana de Arte Moderna não representa nenhum triumpho, como também não quer dizer nenhuma derrota. Foi uma demonstração que não foi. Realizou-se. Cada um seguiu para seu lado, depois. Precipitada. Divertida. Inútil. A fantazia dos acasos fez dela uma data que, creio, não poderá mais ser esquecida na história das artes nacionais. Eis a famosa Semana. A culpa não cabe a ninguém. A culpa é do idealismo brasileiro que mais uma vez manifestou a sua falta de espirito pratico. Maior defeito da alma nacional.

— Você está maluco, Mario.

— Malazarte, não me amole! Não sei o que tenho hoje. Ando macambúcio, brasileiro. Não repudio a Semana de Arte Moderna... Mas quis dizer umas sinceridades. E disse. Pano para as mangas dos araras.

Mario de ANDRADÉ

A DEPORTAÇÃO DE UNAMUNO

A proposito da deportação de Unamuno, grande tem sido a onda de protesto nos meos intellectuaes de todos os paizes, prestando ao mestre hespanhol uma homenagem sincera e vibrante ao seu alto espirito. Foi o nosso illustre collaborador, Sr. Francis de Miomandre o primeiro a lançar no *Paris-Soir* o protesto contra o acto do chefe do Directorio Militar da Hespanha e foi seguido por Valery Larbaud, em nome dos escriptores francezes, a que se associaram a Condessa de Noilles, René Boylyne, da Academia Franceza, Paul Appell, do Instituto de França e reitor da Universidade de Paris; Ferdinand Brunat, da Faculdade de Letras de Paris; Lucien Descanes, da Academia Goncourt; Abel Hermant, Pierre Mille, em nome também da "Bureau des Compagnons de l'Intelligence"; Paul Souday, Fernand Vandérem, Henri Bérard, Jean Schlumberg, Eugene Montfort, Georges Pioch, André Soares, Jacques Riviere (director de — *Nouvelle Revue Française*), Ventura Garcia Calderon, Emmanuel Berl, Jules Supervielle, Max Daireaux, Jean Paulhan, Paul Reboux, Francisco Garcia Calderon, Gonzalo Zal Dumbide, A. Zérega-Fombona, Paul Monsegur, E. de Lascano Tegui, Léon Pacheco, Tomo Salazar, Cardenas Castro, Maribona, Di. Juan Calderon, Manoel Mantilla, Armando Godoy, Julien Guillemard e André Béarn.

O protesto de Valery Larbaud está concebido nestes termos:

"A sentença de deportação pronunciada pelo Directorio hespanhol, contra D. Miguel de Unamuno é uma injuria feita não só a uma das maiores figuras da Hespanha e da Europa, mas aos trabalhadores intellectuaes de todos os paizes. Francis de Miomandre fez contra esse acto um protesto justissimo, ao qual pu-

blicamente me associo e, sem duvida, o farão também todos os nossos confrades, sem distincções de opiniões politicas.

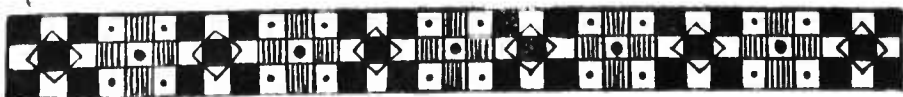
"Não se trata de criticar o Governo de um paiz estrangeiro pelo qual temos a mais viva sympathia e que consideramos como uma das primeiras nações intellectuaes do presente, mas de expressar o nosso despreso pelos homens que, depondo da força, trancam o pensamento e punem a expressão, e, neste caso, nenhuma insulto seria bastante forte para attingil-os.

"Se os nossos confrades regridirem um protesto nesse sentido, peço-vos, Srs. Directores de "Les Nouvelles Littéraires" o favor de incluir o meu nome entre os deiles."

Como se sabe, Gabriel d'Annunzio, em termos venenentes e com um desusado vigor, protestou contra o acto do General Primo de Rivera, a quem tratou com uma aspereza vivissima. Em outros paizes não menor foi a onda de indignação pelo castigo ao poderoso mestre, que não é politico e foi colhido no exercicio de seus direitos de pensador e escriptor.

Na Espanha, o Club dos Poetas, Ensaistas e Romancistas realizou um banquete de protesto, tendo á cabeceira da mesa uma cadeira vazia coberta de rosas e junto a cada conviva havia um cartão com o elegio de Barrès Unamuno. Foi Azorin quem falou, num breve e emocionante oração, saudando o vice-reitor de Salamanca.

A esse protesto estamos certos que se junta também o dos escriptores brasileiros e, embora sem delegação, acreditamos interpretar-o, rendendo a D. Miguel de Unamuno a homenagem da admiração nacional, nesta hora de degredo, mas que é também de merecido triumpho.



O BOLSHEVISMO

A Rússia bolshevista, vista na hora do desaparecimento de Lenine

Para dar aos leitores uma idéa da Rússia, quando desaparece o chefe bolchevista e um dos criadores do regimen novo, transcrevemos o trecho abaixo do interessante artigo Lenine e a Revolução Russa, apparecido no numero 46 de La Vie des Peuples, da autoria do Sr. Gregorio Alexinsky.

No fim de 1920, Lenine annunciou um discurso, a curiosa descoberta que fizera, depois de tres annos de seus estudos anti-capitalistas. "Em varias regiões da Rússia vemos um renascimento do capitalismo. Toda uma série de phenomenos elementares e fundamentaes do capitalismo ressuscitam. A economia capitalista se desenvolve entre nós e engendra uma burguezia como em outra qualquer sociedade capitalista."

Uma nova politica economica estabelecida em 1921 deu impulso a essa restauração capitalista, na qual se exprime a resistencia espontanea do organismo economico do paiz.

Na vespera da morte de Lenine, os seus collaboradores verificaram o mesmo. Segundo o *Ekonomitcheskaja Jim* (de 17 de Janeiro de 1924) no fim de 1923, no commercio interior da Rússia comunista o capital privado eclipsou quasi o capital do Estado: sobre um total de 3 bilhões de rublos-ouro de mercadorias, de que dispõe o mercado interior, a parte do capital privado já é de 1.290 milhões, isto é, cerca de dous terços. Ao mesmo tempo, observa-se a iniciativa individual e o "espírito burguez" na pequena industria.

Quanto á grande industria, que permanece "socializada", soffre hoje dous males extremamente graves: a alta dos preços, que se explica pelas más condições de sua organização sob o regimen comunista, e a crise da venda, dado o empobrecimento geral da população e a situação lastimavel dos camponezes. O

Governo sovietico, com impostos pesados, força o camponez a vender o seu trigo ao Estado que monopolizou o commercio de cereaes e aproveita a diferença entre os preços do trigo no interior do paiz e nos mercados estrangeiros, para se enriquecer.

Todos esses phenomenos economicos se manifestaram claramente na segunda metade de 1923 e tiveram immediatamente uma grave repercussão sobre o estado social e politico da Rússia dos Soviets.

A "renascença do capitalismo" provoca a colera de certos communistas "puros", que verberam a traição. A crise industrial, e o repouso crescente enervam os nossos operarios tanto quanto aos *Souboury* (burguezes sovieticos) que enriqueceram no periodo da "nova politica economica" e levam uma vida de luxo verdadeiramente imprudente. Uma "oposição operaria" se formou nas fileiras do proprio partido bolshevista, pedindo a volta ao "verdadeiro communismo"

O descontentamento dos camponezes se reflete na attitude de outros membros do partido bolshevista, accusando os dirigentes de espoliar a Rússia rural em beneficio dos "parasitas governamentais" e chegam a pedir a liquidação de toda industria estatista, que vive ás expensas dos camponezes, e a abertura dos portos á importação das manufacturas estrangeiras, menos caras do que as produzidas, a preços loucos, pelos "trusts" communistas.

Outros bolshevistas respondem, contrariamente, dizendo preferivel proteger sempre e cada vez mais a industria do Estado, porque ella e os operarios, que occupa, constituem o proprio fundamento do regimen sovietico.

No fim de 1923, todas essas questões foram objecto de violentas discussões nos meios dirigentes dos Soviets. Lenine, paralytico, não podia mais impôr aos seus camaradas em divergencia a sua autoridade reconhecida igualmente por todos os membros do partido. Alguns tyrane-

tes que o substituíam e agiam em seu nome queriam constringer a opposição ao silencio com medidas policiaes; o "grupo da opposição operaria" foi excluido do partido e os seus chefes foram presos. Mas o espirito de protesto já penetrou nos circuitos muito largos de militantes e, em resposta á violencia do "comité" central, lembrou-se a "democratização" do partido. Trostzky, aspirando uma situação de dominio, se enfileirou ao lado dos opposicionistas e foi immediatamente ferido pelo "Comité" central, que lhe deu uma licença forçada.

O começo de 1924 encontrou as circumstancias do partido governamental dos Soviets numa crescente decomposição.

Ninguem se espante em ter a discussão aos problemas chegado a tales conclusões. É preciso considerar, desde logo, que o partido bolshevista tem um programma marxista, baseado num "materialismo economico" e, por medidas de ordem economica, é que promettam "libertar os proletarios". O fracasso da politica economica do bolchevismo foi para elle um golpe mortal, que o compromette para sempre. Tanto mais quanto o Governo dos Soviets, Governo de repressão e de terror, não tem nenhum laço moral com o povo, que mantém sob o seu jugo. Se, ao menos, pudesse satisfazer certas de suas necessidades materiaes, seria possível esperar a salvação da séria situação abalada e prolongar a sua duração no poder. Mas é sobretudo no dominio economico e material, que a sua incapacidade se tornou de uma evidencia absoluta. A sua situação fica, consequentemente, insolavel.

Se Lenine vivesse, capaz de pensar e agir, saberia talvez, com o seu sangue-frio e a sua decisão rapida, encontrar uma solução momentanea e impol-a aos demais, para adiar a derrocada. Nos partidos tão centralizados, como o bolshevista, o papel do chefe, em momentos de crise, é particularmente importante. Mas Lenine não existe mais, está morto, deixando atraz de si as ruinas da Rússia e ao seu proprio partido.

Não se póde duvidar que o partido comunista na Rússia esteja em declinio. Os primeiros rugidos da colera popular já se fazem ouvir..



Os funeraes de Lenine

THEREZINA

I

A pacata cidade de Therezina tem os seus fogões e lares assentados nas esquecidas lagoas requeimadas do velho e tradicional arraial do Poty, fundado nos fins do século 18 pelos indomitos e aventureiros criadores que, partidos das margens do rio S. Francisco e chapadas do Gurgueia e do Canindé, eram levados pela corrente magestosa do rio Parnahyba em procura do littoral oceânico. Fôra, consoante o conceito anthropogeographico, um como que especie de perdido poiso ou acampamento das populações semi-nomades dos primeiros annos do povoamento e da utilização economica do sólo plauhyense.

Atravessando periodo de crise duradoura e épocas de prosperidade passageira, o vetusto arraial plantado entre campos relvosos e horizonte vastissimo ás vistas dos sertanejos de então, tomou alento com a fundação e a localização de avantajadas fazendas de criação que se estenderam e se ampliaram desde as margens do rio Parnahyba até os sopés das muralhas cretaceas das rudes lazeiras da chapada do Ibiapaba, nas fronteiras limitrophes com o Ceará.

Para o norte em franca direcção ás planícies e ilhas do curioso e avantajado delta do rio Parnahyba, as chapadas carrasquentas, os taboleiros cerrados e as lombadas agrestes se iam povoando com os elementos migratorios provenientes das terras meridionaes, despontando, consequentemente, em meio dos carrasquenhos rebeldes notaveis propriedades sertanejas que constituem, hoje, as sédes de uns tantos povoados e villas prosperas.

E' a era chronologica da formação de muitos centros populosos, dispersos entre os extremos occidentaes da chapada de Ibiapaba e a grandiosa e perenne caudal parnahybana.

Ao dobrar do século 19, salvo as terras dos carrasquenhos e caatingas mui afastadas dos cursos affluentes da bacia hydrographica do rio Parnahyba, toda a exuberante área territorial do Piauhy estava povoada e nella se apascentavam innumerables rebanhos que constituíam a principal riqueza de toda a região comprehendida entre as serranias austraes e as muitas ilhas lodosas do delta.

As estradas de rodagem, atravessando os vastos sertões se dirigiam ao Salvador e a Recife. Pernambuco e Bahia se supriam do gado necessario á fabricação do xarque nos sertões do Piauhy, valorizando dest'arte todo o territorio além do rio S. Francisco e tributario do rio Parnahyba.

O homem civilizado estava, por consequencia, senhor da terra e explorava os seus recursos economicos fixando-se ao sólo profundo.

Possuindo economia propria e certa autonomia conquistada pelos seus esforços particularistas, foi elevado o vasto territorio de prospera pecuaria á categoria de provincia com o advento da nossa independencia.

Coube, pois ao sertanejo povoado de Mucha as honras de ser a capital da nova circumscripção politico-administrativa do Imperio. Mocha d'ahl em diante teve a denominação de Oeiras, em honra do celebre ministro de D. José I.

Oeiras está situada no alto sertão banhado pelas aguas do rio Canindé e respectivos affluentes, desfrutando magnifico scenario da natureza bella e encantadora da terra brasílica.

Constitue pela flagrante posição geographica um grande centro de pecuaria com varios negocios nas praças commerciaes do Recife e da Bahia.

Mas apesar desta face economica de facil apreciação, com o andar dos tempos tornou-se apenas conveniente aos interesses regionaes do alto sertão plauhyense.

Não consultava e nem podia superintender a intensa vida economica e politica que desabrochava, com intensidade, nas terras septentrionaes da nova provincia do Imperio.

Seria quando muito a cabeça da administração das terras povoadas pelos sequazes dos aventureiros Domingos Jorge Velho e Do-

mingos Affonso Mafrense, quando da jornada gloriosa de 1674.

A evolução natural da provincia exigia que a capital fosse mudada para logar melhor adequado e que melhor consultasse aos interesses geraes da população.

Com a elevação da capitania do Piauhy á categoria de provincia, já não havia mais razão accetavel de ser Oeiras a capital.

Continuou apenas por uma questão de arraigada tradição historica, que tomara pé e alento em 1811, com a separação total do territorio plauhyense da administração oscillante da Bahia para o Maranhão.

Os interesses primaciaes anhelavam que outro centro populoso fosse escolhido para capital da provincia.

Por isso, desde muito que o centro de convergencia dos interesses politicos da provincia estava deslocado e rodava na direcção do littoral ou do medio Parnahyba.

Bem avisado, pois, andou o conselheiro José Antonio Saraiva, quando em 1851, transferiu a capital da provincia do Piauhy da cidade de Oeiras para a de Therezina, construida e mui bem situada na chapada do Corisco.

Deste modo attendeu ás necessidades de ordem geral, visto que a cidade de Therezina está situada em ampla área capaz de immenso desenvolvimento urbano.

O logar escolhido pela perspicacia administrativa do notavel vulto politico do regimen monarchico é apropriado, porquanto além de ser saluberrimo fica relativamente mais proximo da sahida para o Oceano do que Oeiras encravada nos sertões dos longes das margens do Parnahyba.

Pela sua posição geographica, attende aos magnos interesses das regiões do norte e sul e se acha ás margens de um curso fluvial adaptado á navegação adstricta aos interesses de vasta região agricola.

Já é alguma coisa que justifica plenamente a politica de previdencia e alto descortino administrativo do notavel homem de estado do Imperio, o conselheiro Saraiva quando presidia a provincia.

Desde 1851 até os nossos dias, a cidade de Therezina tem continuado como capital do immenso e rico territorio plauhyense, sendo portanto o incontestavel centro da convergencia dos interesses de todas as regiões subordinadas a esta circumscripção administrativa do norte do Brasil.

Nos annaes da historia do Piauhy, se inscreverá que já fôra notavel arranco de fructificante progresso transportar a sede do governo provincial da sertaneja villa de Oeiras para o vetusto povoado do Poty.

Mas o Piauhy carece de mais alguma coisa.

As suas aspirações não se cifraram na mudança da capital de uma villa para a outra.

A evolução normal vai exigindo transformações de accordo com o espirito e condições medias da época.

Com o ser a cidade de Therezina a capital do immenso territorio do Piauhy, ha a necessidade imperiosa de se desenvolver e valorizar os recursos avultados do seu sólo.

Comparticipando Therezina da sorte e da fortuna da provincia do Piauhy sentia-se apixada, pois que lhe faltavam os meios facéis de communicações com o exterior, carecendo por consequencia de bons portos por onde pudesse escoar a sua producção que, de anno a anno, se ia avolumando e desdobrando.

Estava toda provincia num circulo de accidentes geographicos que, em essencia, impediam as communicações tão necessarias ao seu desenvolvimento economico.

De um lado, se erguia a barreira do Maranhão pelo eixo hydrographico da bacia do rio Parnahyba e, além, os vastos sertões e campos do Mearim e do Itapicurú; tendo pois de vencer avantajadas distancias para chegar ao desapparelhado porto de S. Luiz, na ilha do Jeviré.

Ao norte, avultam as terras incohesas do delta com o emaranhado de ilhas, de canaes

e de baixios perigosos, tendo apenas um porto de pouca efficiencia no fundo da pouco profunda bahia da Tutoya.

No sul, erguem-se as serranias divisorias com os territorios da Bahia e de Pernambuco, franjadas pela mals esteril e maninha de todas as regiões geographicas, a comprehendida entre a serra dos Dois Irmãos e a margem esquerda do rio S. Francisco.

A leste, constituem a linha fronteiriça as asperas lazeiras da chapada de Ibiapaba.

Analysados estes aspectos geographicos e deduzidas as consequencias sociaes e economicas, é facil concluir que o territorio plauhyense estava quasi que segregado da vida progressiva do exterior.

Era a estagnação acabrunhadora quanto ao progresso e o isolamento quanto a população.

Era uma como que China immobilizada na vasta superficie do Brasil. Não podia pois persistir tal estado de cousas tão prejudicial ao desenvolvimento economico e social do Piauhy.

Urgia, por isso, encontrar remedio efficaç para tão afrontosa situação que, com a criminosa continuação, seria o eterno empecilho e pesado obstaculo ao seu progresso, tanto social como economico.

Tratava-se, pois, de arranjar portos e estradas de ferro.

Percebendo as cousas com a visão condoreira do futuro, mui bem procedeu o saudoso barão Homem de Mello, quando em 1890 na fixação dos limites orientaes, conseguiu que ficasse pertencendo ao Piauhy o porto da Amarração, situado na extremidade da barra velha do Igarassu', desonerando-o assim da tributação obrigatoria ao Maranhão no porto da Tutoya.

Era a conquista do Oceano, tanto da vontade dos dignos descendentes dos conquistadores d'antanho.

Quando ás estradas de ferro, somente em pieno regimen republicano conseguiram o Maranhão e o Piauhy que os seus respectivos territorios lograssem usufruir as vantagens destes meios de facéis e rapidas communicações.

Era de esperar, no emtanto, que com o desenvolvimento das vias ferreas no Sul do Brasil, houvesse a salutar preocupação dos governos em dotar o norte do paiz com estes meios de facil transporte.

Era pelo menos a applicação rudimentar dos principios de igualdade e de equidade.

Mas tal facto não se deu e, por isso somente uns seis decennios após, tiveram os Estados do Maranhão e do Piauhy uns tantos kilometros de estradas de ferro que estão quanto a insignificante quantidade, mui aquém das suas necessidades reaes e em pleno contraste na parte relativa as respectivas populações, superficies e producções do sólo.

Do terreno da apathia condemnavel os maranhenses e plauhyenses passaram a exigir os melhoramentos de que careciam e tinham direito na partilha dos beneficios da União ás suas unidades componentes.

A lucta travada fôra tremenda e persistente, visto que ás solicitações justas e honestas destas esquecidas circumscripções territoriaes, feridas nos seus interesses vitaes, havia a resposta negativa ou o adiamento calculado e desalentador.

O governo central só culdava das regiões do Sul; para estas tudo; para o norte, a União era a intoleravel madrastra.

Os altos interesses paulistas e mineiros, synthetizados num egoismo intoleravel e bafejados com calor pelos presidentes coestaduanos, creavam situações vantajosas em detrimento e prejuizo das outras unidades da federação.

Afinal, tudo para o Sul e nada para o norte.

Mas a custo venceram os justos e são principios de justiça e equidade defendidos pelos nortistas sedentos de progresso.

Ja era tempo de cuidar das cousas e interesses do norte do Brasil.

O septentrão reclamava.

Era preciso attender.

Tratava-se agora de dar radical solução ao grave e vital problema economico dos transportes por via ferrea.

O governo da União, rompendo pelo carascal dos obstaculos creados pela politica

multa, voltou as vistas e esclarecida atenção para o inadiável problema ferro-viário do norte do Brasil, especialmente na parte concernente ao Piauí e ao Maranhão.

Procurou dar soluções compatíveis com os interesses em jogo e as necessidades prementes do momento.

Therezina estava sem comunicações seguras com a cidade de S. Luiz, porque com a vazante o rio Itapicuru não permitia que a navegação se tornasse desimpedida efectiva durante todo o anno.

Para obviar taes inconvenientes prejudiciaes nos interesses commerciaes, o governo federal ordenou a construcção da estrada de ferro S. Luiz á Caxias, atravessando assim vastas e prosperas regiões agricolas e cobertas de palmares de coco babassu', hoje tão procurado para variados fins industriaes.

Foi traçada e construída pelas margens do rio Itapicuru', não só para evitar os variados accidentes do terreno, como também para ter trafego resistente após a terminação da construcção.

O que foi a construcção desta estrada de ferro não são necessarios muitos esforços para narrar as peripecias.

Fôra uma fonte perenne de escandalos e deshonestidades que se tornaram proverbiaes.

Ficou a estrada de ferro ao governo federal por um custo, formidavelmente exagerado.

Mas, em todos os casos, regosijemo-nos porque se construiu a estrada de ferro, vindo pois facilitar, enormemente, as comunicações da capital do Maranhão com a cidade de Therezina.

Houve gastos escusaveis, mas a estrada de ferro ficou...

Lucta presentemente com umas tantas difficuldades.

Quando, porém, fô dotada de material rodante sufficiente para dar vazante ao trafego intenso exigido pela exportação das avultadas producções piauihyense e maranhense e tiver sido inaugurada a ponte metallica sobre o canal dos Mosquitos, lançada entre o continente e a ilha de S. Luiz ou Jeviré, será incontestavelmente notavel aparelho e vehiculo do progresso e da prosperidade das regiões atravessadas.

Assim esperamos.

Por enquanto, poucos serviços vai prestando em relação ás necessidades das duas unidades fronteiriças, embora outra seja no entanto a situação economica das fertes terras da bacia do rio Itapicuru'.

Basta que se tenha em vista as cifras globaes da exportação e importação de 1920 para cá.

Mas aos interesses reaes e tangiveis do Piauí não bastavam as vantagens offerecidas pela estrada de ferro de Caxias á Flores intelramente situada em territorio maranhense, pois que com tal dependencia sómente lucraria o porto de S. Luiz.

Novo problema de economia interna apparecia, exigindo immediata solução.

Havia necessidade immediata, palpavel e urgente de remediar os inconvenientes da navegação precaria no rio Parnahyba que, nem sempre, possui volume da agua capaz de dar franca passagem aos pequenos navios que, da Tutoya ou da Amarração, vão até a barra do rio Urussuhy-Assu'.

Sujeito o rio principal ao regimen das grandes cheias e extrema vazante, é bem de ver que os prejuizos causados, com a carencia do trafego fluvial durante certa parte do anno, são avultados.

Tratava-se da construcção de uma estrada de ferro que viesse annullar, em parte, os inconvenientes da navegação no rio Parnahyba. Era exigencia natural em nome dos altos interesses de grande parte do territorio capaz de proporcionar avultada carga á ferrovia. Subtrahia-se, assim, a producção piauihyense da tributação maranhense no porto da Tutoya.

Demonstrada a necessidade imprescindivel da construcção da estrada de ferro que partisse da Amarração, o unico porto piauihyense, em procura das terras altas, delibrou o governo federal metter mãos á obra e decretar a união de Therezina áquelle porto, no costão oceanico, por este meio de facil communicação.

Ficou, pois, deliberado que, com o fim de proporcionar relações economicas entre as laboriosas populações do interior, a linha se afastaria das margens do rio desde que tivesse attingido a cidade da Parnahyba.

Desta manelra, a navegação pelo rio Parnahyba continuaria, no entanto, a prestar os seus serviços ás populações ribelrinhas, facilitando assim a exportação vultosa das producções oriundas das fertes terras adubadas pelas alluviões das enchentes periodicas. Além disso, a curva descripta pela linha ferrea depois de construída, da qual é corda o eixo hydrographico da bacia do rio Parnahyba comprehendido entre a barra do rio Poty e o canal do Igarassu', fôra medida de alto alcance economico porque evita assim os ruinosos danos provenientes das formidaveis enchentes e vai servir á uma região de notavel fertilidade.

Foi uma medida tomada com muito acerto e prudencia pela administração federal.

Já temos o exemplo doloroso da linha de S. Luiz a Caxias, localisada e construída nas margens do rio Itapicuru', a qual ao governo federal tem custado milhares de contos só com a conservação e preservação contra as enchentes inundantes das baixas margens.

Deliberada a construcção da linha da Amarração á Therezina, justificado alento de progresso antegozou toda a generosa terra piauihyense, não só porque ficaria evitada a penosa navegação fluvial pelo rio Parnahyba como seria aparelhado o porto da Amarração para assim facilitar o escoamento das producções agricolas, florestaes e dos campos de grande parte do seu amplo territorio.

MAHATMA GANDHI

Todo o fervor moral que representa a vida de Mahatmá Gandhi é que só elle, entre todos os homens do mundo póde representar, nos é necessario. Que um thesouro tão precioso seja posto sobre o fragil batel de nossa politica e lançada sobre as ondas interminaveis das re-eriminações irritadas é uma grande desgraça para o nosso paiz, cuja missão é reviver os mortos, pelo fogo da alma... O desperdicio de nossas energias espirituaes em aventuras que, no ponto de vista da verdade moral, são más, é doloroso. E' um crime transformar a força moral numa força cega.

RABINDRANATH TAGORE

Mas, infelizmente, as cousas não tem occorrido ao sabor dos justos interesses e conveniencias das populações sedentas de adiantamento a que, incontestavelmente, tem direito.

Têm apparecido uns tantos entraves a boa marcha de tão rotavel empreendimento.

A aparelhagem do porto da Amarração ha sido morosa e tudo quanto se ha feito, como preliminares ás obras de maior vulto, não tem sido de immediata applicação.

Tem havido desperdicio de dinheiro tempo que, applicados com rigor e seguro methodo, poderiam permittir que a população, tão carecedora de transporte e de facilidade de embarque, já gozasse das vantagens proporcionadas pelo unico porto que possui Piauihy na orla oceanica.

Identico facto se ha observado com a construcção da estrada de ferro, pois que já são passados alguns annos após o inicio das obras e a ponta dos trilhos ainda não logrou attingir a cidade de Campo Maior.

E' lastimavel que assim aconteça porque esta estrada vai servir ás importantes cidades da Parnahyba, de Piracuruca e da Barra transportando para o porto da Amarração a avultada producção de algodão, de coco ba-

bassu', productos estes que, presentemente, alcançam em todos mercados preços altos, capazes de incentivar novas plantações e compensar largamente o trabalho.

Infelizmente, no estado em que está a estrada com a sua construcção bastante atrazada, presta insignificantes serviços que não cobrem a avultada despesa do trafego entre a Amarração e Piracuruca e, demais, como elemento concorrente desta situação desoladora, sobrevem a falta de material rodante necessario ao movimento da producção do territorio tributario atravessado pela linha.

Concluída que seja a desejada construcção desta linha ferrea de interesses vitaes, ficará assim o Piauí a coberto da irritante tutela economica do Maranhão, porquanto os seus avultados interesses se deslocarão, muito naturalmente dos portos de S. Luiz e da Tutoya para o embarcadero da Amarração que, embora não offereça boas condições á entrada e permanencia dos navios, tem capacidade bastante para ser o escoadouro de grande parte do fertil territorio piauihyense.

Além do mais, urge terminar a construcção desta ferro-va de proclamado valor economico e de certo valor estrategico, visto que na cidade de Campo Maior se conjugará á linha cearense que, partindo do porto de Camocim, já atravessou a chapada do Iblapaba no boqueirão aprumado do rio Poty e procura attingir ás terras altas das cabeceiras do rio Longá.

A ligação, tão desejada e necessaria da cidade de Therezina aos portos da Amarração e de Camocim, facilitará sobremodo o intercambio commercial entre os Estados do Ceará e Piauí e irá valorizar o uberoso sólo dos vallas dos rios Longá, Poty e Camocim, sem olvidar a fatal subordinación de todo oeste cearense ás influencias da terra piauihyense.

Constituirá, sem duvida, um notavel sistema de estradas de ferro que irá concorrer para o total desenvolvimento economico das terras d'aquem e d'além da chapada fronteira entre as duas entidades da nossa federação.

Será também o porto de Camocim segura sahida á região agricola e de pecuaria, marginaes das ladeiras da chapada de Iblapaba. Pela cidade de Therezina passarão os viajantes e immigrants que, aos poucos procuraram penetrar nas fertes e inexploradas terras de matas virgens das bacias dos rios do Grajahu', do Pindaré e do Gurupy, em pleno territorio Maranhão.

Mas para que a terra piauihyense possa usufruir estas vantagens de real evidencia, torna-se inadiavel que a administração não fique inactiva.

A terminação das obras da estrada de ferro, que parte da Amarração e está estacionada em Piracuruca, é tarefa que poderá estar concluída dentro de uns dois annos, emquanto a que, partindo de Camocim e já atravessou a chapada, de Iblapaba, em menor prazo será entregue ao trafego publico.

E' mera questão de boa vontade.

E' bem verdade que uns tantos trechos de ambas as estradas já foram inaugurados, porém melhor fôra que não tivessem sido porque não tem dado resultados satisfatorios quanto á renda.

Torna-se evidente tão estranho facto economico, pois que são trechos desarticulados que não tem capacidade bastante para manter o trafego intenso de qualquer estrada.

No entanto, estudadas as cousas com certo e elevado criterio, balanceados os variados recursos do territorio sob o ponto de vista economico, pesada a avultada producção agricola do sólo; o calculo rigoroso nos mostrará que estas linhas ferreas são importantes e necessarias como elementos coordenantes de variados interesses e promettem auspicioso futuro com o trafego resistente dos seus inumeros productos transportados aos portos da Amarração e de Camocim.

Não nutrimos nenhuma duvida, que possa desmentir as nossas previsões, porquanto são innegaveis os valores numericos dos dados que entram no computo arithmetico das nossas cogitações.

Honorio SILVESTRE.

FLORIANO PEIXOTO E OS AMERICANOS

I

Em Nova York está prestes a sair do prelo um livro mais; e, pelo que delle já conheço, é muito interessante.

O seu autor, um homem de negócios, conta-nos lá, como levou a bom termo, uma enorme série de operações ora commerciaes, ora politicas, ora as duas cousas juntas.

Chama-se Charles R. Flint e deu ao seu livro o titulo: MEMORIAS DE UMA VIDA ACTIVA.

Ainda mesmo antes delle sair do prelo seu autor enviou para a imprensa ingleza do Sui America alguns capitulos, assim como que para *inglez vêr*; mas, se por acaso, alguém mais o souber vêr, Mr. Flint sentir-se-ha il-songeiado com certeza.

Tenho presente os primeiros capitulos já publicados; o VIII tem por titulo: "Servindo belligerantes — Perú, Brasil.

Mr. Flint tem um estylo correntio; estylo de homem de negocios; fluente; espirituoso; ironico. A sua moral é a moral dos homens da *Wall street*; e é dentro desta moral que elle julga os homens; os governos; os povos...

A sua mentalidade é tambem a do rico negociante, feliz em suas operações, e que julga saber tratar de tudo o mais com a mesma habilidade com que adquirio seus milhões.

Principia este capitulo contando-nos que iniciou suas operações de fornecedor de artigos de guerra e seus annexos lá nos annos já distantes de 1869-70. Era empregado do Ministro do Perú nos Estados Unidos e por conta delle comprou dous monitores e tres transportes de guerra.

Depois, a sua firma forneceu, quando o Chile estava prestes a declarar guerra ao Peru, material bellico a este paiz, posto que elle individualmente fosse consul do Chile em Nova York e, porque o respectivo Ministro estava ausente, encarregado tambem da legação respectiva. Ser representante de um paiz posto que demissionario, fornecer o que com este está em guerra de material bellico, Mr. Flint diz que é estar em dous lados ao mesmo tempo.

Se isto não é ter espirito, então é cousa peor.

Ainda antes de entregar a legação e o consulado e respectivos archivos, a um chileño que lá appareceu, um empregado do telegrapho propoz-lhe a compra das segundas vias dos telegrammas que o Governo do Perú enviava a Nova York; Mr. Flint commenta dizendo que mal sabia elle, que estava tentando ensinar á sua mão esquerda, o que a direita já sabia!

Afim de apressar a entrega das armas que o Perú lhe comprava, elle enviava-as atravez da Colombia, como contrabando de guerra, porque previra que este paiz ficaria neutro.

Através delle e como encerados, elle enviou em caixões enormes, muitas toneladas de munições de guerra de toda a ordem; como caminhões enviou cincoenta barquitos a vapor de onze metros de comprimento e a que chama torpedeiros; como toucinho, milhões e milhões de cartuchos, etc, etc.

Para ensinar os peruanos a fazer uso das lanchas, enviou-lhes um machinista perito no seu manejo e que como soldado, fôra um bravo nas lutas civis dos Estados Unidos. Um verdadeiro heróe, diz elle; e a quem os officiaes peruanos despojaram, apropriando-se da gloria de varias proezas bellicas por elle levadas a effeito contra os chilenos. Foi por isto que elle foi pouco feliz no Perú!

Mr. Flint, neste ponto, apresenta-nos uma omissão assaz evidente: não nos explica a razão porque os officiaes aduneros da Colombia, nunca notaram que o Perú estava importando em quantidades tão extraordinarias, carros, toucinho e encerados.

Certo de que o Perú seria bloqueado, enviou tambem machinismos preciosos para montar uma fabrica de cartuchos; foi recebida e instalada pelos peruanos, no seu paiz, e funcionou regularmente.

Finalmente, o Perú estava bem preparado, mas a esquadra chilena era superior em tonelagem; as guarnições estavam tambem, muito bem exercitadas. Derrotado embora, elle teve no Almirante Gran um valente e a historia das lutas maritimas não tem encontro superior áquelle de Huascar, em actos de commando e actos de valentia pessoal.

Muitos annos depois, coube ao Brasil a vez de ser freguez dos artigos bellicos do Sr.

Flint, e elle aproveita habilmente o ensejo para contar aos seus leitores como e porque cahio no Brasil o regimen monarchista.

Diz que o Imperador D. Pedro II ia ficando velho mas não ficava esperto na mesma proporção; e, se no Brasil ha mais tempo não havia republica, era porque o Imperador dava emprego a todos os que se mostravam capazes de a instituir, porque no Sul America é essa a maneira de evitar revoluções. Quando ha politicos de mais sem emprego, pôde-se contar na certa com revolução para breve.

Afinal, um grupo de revolucionarios bem organizado e decidido, poz um dia D. Pedro II, sua familia e seus amigos mais intimos, dentro de um navio, enviou-os para Portugal, desejou-lhes muito boa viagem e... proclamou a Republica. A acção foi tão bem conduzida que não houve, nem mortes nem sobresalto; correu tudo na melhor ordem.

O Imperador, diz Mr. Flint, pouco se importou de ser promovido a ex-Imperador, olhando até com prazer a perspectiva de terminar seus dias longe do seu paiz! (1)

BALZAC EM 1819

O mundo onde viveu é estranho por completo ao movimento dos espiritos. O seu pae conhece melhor os chinezes, cuja longevidade como povo o interessa mais vivamente, do que os escriptores contemporaneos. Estamos em 1819. Balzac leu Chateaubriand? Leu Mme. de Staël? Leu Adolphe de Benjamin Constant, aparecido em 1816, e o primeiro livro sobre a *Indifferença* de Lamennais, publicado em 1817? As poesias de André Chénier, editado por Latouche nesse anno de 1819, lhe causaram uma emoção, que consignou mais tarde nas *Illusões Perdidas*. Mas 1819 é tambem o anno de *Manfred* de Byron que embriaga Michelet até a intoxicação — Michelet não se embriagava de outra fórma — o que faz uma joven de Nohant, George Sand, perder a tramontana. O cenobita da rua Lesdignières não parece atingido por essa admiração contagiosa. Por seu lado, conhece Ossian, que estima muito pouco; possui Jean Jacques; colloca muito alto Richardson e sobretudo Sterne, cujo realismo minucioso o encanta e que, além disso, era apreciado e muitas vezes citado na familia de Balzac. Em summa, pertence ainda ao seculo XVIII.

BELLESSERT

Ao contrario do que acontece em outras partes da America Latina os revolucionarios mostraram certo desinteresse pessoal no manejo dos fundos publicos... Ruy Barbosa, afim de evitar embarcos de caracter politico ao Governo Provisorio, propoz como Ministro da Fazenda, que a circulaçao fiduciaria fosse augmentada tanto quanto fosse necessario para attender a todas as exigencias de um periodo de evoluçao industrial tal, que a todos se patenteasse um modo facil de ganhar dinheiro desinteressando-se assim dos centros politicos e revolucionarios. E' assim que Mr. Flint dá aos seus leitores idéa do que foi no Brasil a época do *encilhamento*. Que o Governo Provisorio não teve os embarcos que depois sobrevieram graças á sabia idéa do Ministro da Fazenda; que a Constituiçao brasileira tomou a americana por modo e que o primeiro Presidente eleito foi Floriano Peixoto!

(1) E' uma mentira clamorosa; mas o leitor não se espante: Mr. Flint nas suas narrações, tem muitas affirmações que estão longe da verdade como a que se acaba de ler.

Mr. Flint desconhece a figura saliente do proclamador da Republica e seu primeiro Presidente!

Segundo elle, o Dr. Salvador Mendonça teve-o como o guia mais valioso na sua missão nada facil, noutras circunstancias, de conseguir que a Republica lá fosse reconhecida; quem apresentou em Washington, ao Ministro do Exterior, o Ministro da novel Republica, foi Mr. Flint. E de tal fórma lhe fallou na grandeza do Brasil e nas possibilidades economicas que elle representava, que o Ministro Blaine ficou atordoado. Depois, a sós, concluiu que o Governo Provisorio lhe seria muito grato se fosse logo reconhecido; e que o commercio e a industria americana poderiam ganhar assim no Brasil as vantagens que taes circunstancias proporcionavam. E, por isto, elle ficou com tanta vontade de reconhecer o Governo que derribára D. Pedro II do throno como este Governo tinha de ser reconhecido.

Apressou-se portanto a escrever a Mr. Flint, que voltára rapidamente a Nova York; por ser interessante e instructiva, traduzo na integra a carta do Ministro americano:

Prezado Sr. Flint:

A sua volta a Washington no menor prazo possivel é uma cousa importante, porque a sua presença na conferencia é tão necessaria, que nós constantemente precisamos de si: reconhecemos comtudo que seus negocios são tão importantes que lhe reclamam a maior attenção.

Mas agora tem que ser: patriotismo primeiro; negocios depois.

V. e o Dr. Mendonça teem razão, eu estou certo, quando garantem a estabilidade do Governo existente, e eu offereci-me para levar a effeito a sua recepção na Casa Branca como representante da nova Republica do Brasil, apenas os discursos possam estar regulados.

Seu amigo de sempre,

(Assignado) James G. Blaine.

Ora aqui está, segundo Mr. Flint, como a Republica do Brasil foi reconhecida pelos Estados Unidos.

Agora Mr. Flint vai contar-nos como salvou o Brasil da separação e concorreu para estabilisar a Republica e tornar impossivel a restauração do imperio, fornecendo ao Governo legal tudo o que foi preciso para derrotar Custodio de Melio, chefe da rebelião que, segundo elle, queria restaurar a monarchia, protegido pelas grossas couraças e poderosos canhões dos navios da esquadra.

Diz que os revoltosos aproveitaram a occasião em que o *encilhamento* demonstrava que era artificial tudo o que se apresentava ao povo como uma amostra de como a Republica sabia agir para tornar a nação feliz e prospera; então, em certo momento, resolveram abatel-a.

Revoltaram a armada e com o "Aquidaban" por capitanea abalaram do Rio e foram-se com todos os navios de guerra, todos, para o alto mar, deixando Floriano confuso e a pensar no que elles iriam fazer!

As cidades e demais povoações costeiras do norte corriam assim, um perigo imminente: Custodio de Melio, podia sorprendel-as; tomal-as; e, consequentemente, lá restaurar a monarchia, ajudado por elementos locais.

Assim o Brasil dividir-se-hia em dous. Floriano concluiu que era preciso aterrorizar as populações e esmagar as pretensões dos monarchistas antes que os rebeldes chegassem: mas, para tanto, era mister possuir uma esquadra. Telegraphou então ao Dr. Salvador Mendonça, para que lhe enviasse uma, com a maior rapidez; e, como elle não entendia de nada disto, forçoso foi recorrer á experiencia de Mr. Flint para a conseguir.

Este promptamente respondeu que para a obter necessario era que o nervo da guerra se patenteasse tentadoramente: lampeiro, seductor, elle appareceu logo a seguir, disfarçado em cheques da Casa Rothschild de Londres, contra August Belmont & C., seus agentes em Nova York!

Era indispensavel e muito importante que noticias desta armada e de sua efficiencia se fizessem circular no norte do Brasil, com a maxima intensidade; uma agencia de informações foi instituida em Nova York e á sua testa foi collocado um dos talentos mais bri-

lhantes da época: W. M. Ivins, aquelle advogado celebre que em Syracuse morreu esgotado de tanto trabalhar na questão Barnes-Roosevelt. Ivins era o advogado de Barnes.

Floriano mantinha a censura telegraphica no seu paiz; e, em Nova York, Ivins lançava em circulação interessantes e graciosas descrições da armada dynamite que em breve vigiaria as costas do septentrião brasileiro.

Logo que o dinheiro chegou, nada mais havia a fazer do que operar com decidez e rapidez, mas Floriano pedia uma esquadra, e uma cousa destas não se improvisa. Firmas particulares não constróem navios de guerra; e, os Governos só vendem os que não conveem.

Construill-os era tambem impossivel; um couraçado leva dous annos; um cruzador doze mezes; e, para construir um submarino ou um torpedeiro são precisos mezes e mezes.

Para manter uno o seu paiz, Floriano precisa immediatamente da esquadra que pedia: Mr. Flint resolveu então, enviar ao Governo brasileiro, rapidez e dynamite.

Estava aberta então em Chicago a Exposição Universal (World's Fair); havia lá mostruários de apetrechos de guerra: fallava-se de um canhão de dynamite, que revolucionaria completamente a arte de guerrear no mar.

Examinando os barcos á venda, Mr. Flint concluiu que arranjaría uma esquadra ligeira composta de navios mercantes armados á pressa em cruzadores. Procurou Mr. Huntington, poderoso constructor naval e pssuidor de barcos varios e sondou-o para tão extraordinario e imprevisito negocio; o constructor naval ficou desconfiado; pilheriu; Mr. Flint, habil, cauteloso, queria fechar o negocio sem explicar o fim da operação.

A perplexidade do constructor naval explica-se assim: era um grande accionista de varias empresas de navegação e não queria vender navios a entidades que fossem fazer concorrência ás empresas de que era socio. Por outro lado, se soubesse que o pretendente era o Governo de um paiz e não uma firma particular, o preço a pedir seria muito mais elevado. Afinal concordaram em entabolar negociações sob a condição de que os barcos não iriam fazer concorrência a varias linhas de navegação, nos dous oceanos — Pacifico e Atlantico.

Mr. Flint obteve assim de Mr. Huntington, por 600.000 dollars, um magnifico barco de 6.000 toneladas: era o EL CID que Floriano chrismou "Nictheoy"

Activamente, febrilmente levaram-se a cabo os serviços de adaptação do navio ao novo mister a que se destinava, incluindo a aquisição das munições e lança-torpedos. Em Iarrow Mr. Flint comprou um torpedeiro; a Armstrong e a Hotchkiss os melhores canhões que o navio comportava.

Zilinski, unico que tinha os taes canhões de dynamite, não vendia menos de tres, ou antes tres ou um, custava a mesma cousa: 180.000 dollars! E aqui, Mr. Flint conta-nos que discussão extraordinaria elle e seu advogado tiveram com o homem para o convencer a ceder-lhe um por 70.000.

Mas todas estas munições puderam ser obtidas devido á Exposição: ellas estavam lá expostas. Um simples e extraordinario acaso...

Ainda assim, como só a governos se vendem estas cousas, Mr. Flint teve que ter uma conferencia com a entidade official de que isso dependia. Ella cedeu; mas cedeu sómente ante o perigo que se corria, de ver restaurado na America, um Governo de systema monarchico.

Este argumento vencía todas as difficuldades; as confissões de Mr. Flint provam-no em demasia.

Entretanto a agencia de propaganda espalhava sobre o poder offensivo da armada em preparação, noticias fantasticas e tendenciosas.

Erielson vendeu um "destroyer", invento muito superior ao monitor do mesmo engenheiro naval; na Noruega Mr. Flint comprou o "Midnightsun", o navio de 4.000 toneladas a que Floriano chamou "America".

O Consul do Brasil no Canadá, passou por Nova York um dia e foi visitar e felicitar Mr. Flint pelo serviço extraordinario que estava prestando ao seu paiz; á sahida, um dos policias de serviço secreto de Mr. Flint, poz-se a observar a conducta desse personagem: elle era um partidario de Custodio de

Mello. Era o que mais tarde se conveio em chamar — espião. Perigos desta natureza mais de uma vez puzeram á prova a sagacidade esplendida do "florianista" Flint.

Mr. Flint conta-nos ainda as pretensões dos fabricantes de dynamite: confessa que não percebia nada do artigo. Pilheria a respeito de um dos aspirantes ao negocio; e pilheria com muita graça. Mas, para liquidar o assumpto, elle aceitou a proposta do mesmo que fornecia o Governo americano; o mesmo artigo e a mesma marca.

Tripular os navios foi a difficuldade maior que lá surgiu. Os agentes do almirante Mello agitavam-se e disputavam para si (?) os marinheiros que se propunham a vir mercenariamente servir nas lutas civis do Brasil; e elles convenciavam-nos porque lhes pagavam mais!

Triumphou-se afinal. Graças aos artigos do defensor da causa forianista, Ivins, um forte partido se formou na opinião publica americana. A mocidade "yankee" elle conseguiu fazer acreditar que repelir as pretensões dos monarchistas do Brasil era um dever que se lhe impunha: nada de monarchias na America.

Quando a hora de tripular os navios chegou, mil individuos se apresentaram, de uma fidelidade perfeita á causa da republica.

Os officiaes eram todos antigos alumnos da Escola Militar de Annapolis e della possuíam o respectivo diploma. Para tornar a expedição bastante imponente, havia mister que ella fosse commandada por um almirante; no Capitão Baker foi encontrado o homem talhado para tal missão. Elle era valente e era intelligente; e sabia sobretudo, infundir respeito aos commandados.

Na hora da partida, com a presença do Ministro do Brasil acreditado em Washington e a bandeira brasileira no lugar que lhe competia, só uma cousa lamentavel se notou: nem um dos homens engajados para combater a seccção revoltada da nação brasileira conhecia a lingua do paiz onde ia arriscar a vida!

Muitos jornalistas, artistas e amigos de aventuras se empenhavam para tomar parte na expedição: Mr. Flint julgou de bom aviso indeferir taes pedidos.

Lafontaine, um reporter americano, compoz um hymno contra Custodio de Mello, cujos primeiros versos — "Mello, Mello,

Where are you old fellow?
A "yankee" ship
And a yanke crew

Is out ou the sea
To look for you
To knock you all to hell-o
dão idéa não de um hymno de guerra mas sim de carnaval; a gaiatice que se nota nos versos que aqui deixo não é menos intensa no resto do poema: tem espirito; faz rir.

E assim zarpou de Nova York a esquadra dynamite, que segundo letra do seu hymno ia combater um inimigo cujo paradeiro constituia um enigma perturbador, disfarçado embora pelo bom humor de seu autor.

Mr. Flint continua a narrar...
A propaganda fóra tão efficiente que a esquadra aterrorizou os habitantes das costas do norte do Brasil de modo tal, que elles todos fugiam leguas e leguas pelo interior affóra iogo que suspeitavam que ella se aproximava. Todos elles eram monarchistas: se conseguem o seu intento; se proclamam a monarchia nas provincias do norte do Brasil a Republica era uma vez — Cahia.

Um velho almirante que Custodio deixara em terra quando abalou com a esquadra, foi por Floriano enviado á Bahia para embarcar no navio capitanea. Apenas chegou a bordo, pediu para ver o canhão dynamite e que exercicios de tiro ao alvo fossem com elle effectuados.

O 2º Tenente Craven, filho do Almirante americano do mesmo nome, rectificou tão bem a pontaria que o alvo foi attingido; foi um milagre que ninguem soube explicar, commenta Mr. Flint!

O almirante brasileiro ficou animadissimo; ordenou sem demora que a armada partisse para o Rio onde ancorou na manhã do dia em que chegou.

Mas por uma destas coincidencias inexplicaveis, Custodio rendia-se no mesmo dia e rendia-se sem combate!

E, orgulhoso, Mr. Flint adianta: "o Almirante em chefe da armada, desceu a terra e enviou-me o seguinte telegramma — Flint — Nova York — Ancoramos ás 9.30. Mello rendeu-se. A revolução terminou — (assignado) — Braker.

A ignorancia de Flint sobre o movimento revolucionario de 1893 e o estado da opinião publica brasileira de então é patente. Mas é por isso que se torna conveniente elucidar os leitores da "America Brasileira" da idéa que ficarão fazendo os leitores estrangeiros que não conheçam o Brasil e lerem o interessante escriptor "yankee" na sua parte referente a este paiz.

A D DE MIRANDEIRA

ESTATISTICA DAS EMISSÕES EM FRANÇA

(EM MILHÕES DE FRANCOS)

NATUREZA DOS VALORES	1919	1920	1921	1922	1º semestre 1923
I — Empréstimos francezes:					
Rendas	—	18.034	—	—	—
Bonus a prazo curto	24.293	14.484	22.947	8.898	3.361
Colonias e Protectorados	—	—	275	42	(1)
Departamentos e cidades garantidos por annuidades do Estado	—	—	365	131	(1)
Sem garantias	1.500	230	1.800	141	(1)
Credito Nacional	4.000	4.000	3.000	8.000	5.000
Sociedades ou grupos sinistrados	—	—	2.036	2.167	(1)
Estradas de ferro, inclusive a rede do Estado	1.397	1.211	3.207	2.561	977
Total	31.190	37.959	33.630	21.940	9.338
II — Sociedades francezas e estrangeiras:					
Acções	1.514	4.104	2.379	1.378	1.226
Obrigações	1.595	3.843	3.341	2.711	2.015
Total	3.109	7.947	5.720	4.089	3.241
Total geral	34.299	45.906	39.350	26.029	12.579

(1) O total dos empréstimos das colonias, departamentos, cidades e grupos sinistrados em 1923 está comprehendido no total das obrigações das sociedades privadas.

NOTAS & COMMENTARIOS

Homenagem ao nosso Director

O nosso Director, Sr. Dr. Elyσιο de Carvalho, acaba de receber mais uma homenagem do estrangeiro. Desta vez é a Republica da Venezuela, a florescente nação sul-americana, que decide premiar a obra de grande intelligencia e de extraordinaria operosidade do nosso chefe. O Sr. Dr. Elyσιο de Carvalho foi agraciado, pelo Governo venezuelano, com o grão de Cavalheiro da Ordem do Libertador. Junto ao respectivo diploma, que lhe foi dirigido, o nosso Director recebeu o seguinte officio firmado por S. Ex. o Sr. P. Itriago Chacin, Ministro das Relações Exteriores da Venezuela:

Caracas: 9 de Febrero de 1924. — 114° — 1 — 65°.

Dirección del ceremonial y de cancelleria — n. 156.

Señor: Tengo el honor de llevar a su conocimiento que, por disposición del ciudadano Presidente Constitucional de la Republica, previo el voto favorable del Consejo de la Orden del Libertador, i Resolución de este Ministerio, se le ha conferido a usted la Condecoración de la misma Orden en el Grado de Caballero. Espero que usted apreciará en todo su valor esta distinción con que Venezuela premia los servicios i méritos sobresalientes.

Acompaña a la presente nota el Diploma correspondiente i un ejemplar de las disposiciones legales sobre la Orden.

Válgome de la oportunidad para ofrecer a usted las seguridades de mi distinguida consideración. — P. Itriago Chacin."

"America Brasileira"

A COMEDIA, de Paris, de 16 de Março ultimo, assim se refere á nossa revista: "Entre as revistas sul-americanas, mantendo os seus leitores mais ao corrente da literatura francesa, devemos mencionar de um modo particular a que dirige, no Rio de Janeiro, e sob o titulo *America Brasileira*, nosso distincto confrade Sr. Elyσιο de Carvalho, que nada ignora do nosso movimento intellectual. O numero de Fevereiro, que acaba de apparecer, apresenta-se, como os precedentes, de uma copiosa documentação, bella factura e de um grande bom gosto. Excellentes illustrações lhe augmentam o interesse."

Jubileu do Cardeal Arcoverde

A 4 do corrente o Brasil celebrou o 50° anniversario da ordenação de S. Em. D. Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Arcebispo desta Capital, Principe e Presbytero da Santa Igreja Romana, dos titulos de S. S. Bonifacio e Aleixo, que dirige a familia catholica sul-americana e especialmente a brasileira, com inexcidível bondade, vigilancia e sabedoria, sendo um dos mais insignes filhos do Brasil. A 4 de Abril de 1874 o venerando Cardeal ordenou-se em Roma, na Universidade Gregoriana, onde fizera o seu curso, sendo doutor em theologia, tendo, antes, estado em Paris, para cursar a Sorbonne, aperfeiçoando os estudos. Em 1875, o padre Arcoverde veio para o seu Estado natal, Pernambuco, sendo nomeado Reitor do Seminario, nomeado pelo inolvidavel Bispo D. Vital, sendo depois professor de chimica e de francez do Gymnasio estadual. Em 27 de Maio

de 1884 foi, pelo Papa Leão XIII, agraciado com as honras de prelado domestico de sua santidade, sendo logo apresentado para Bispo coadjutor do Arcebispo da Bahia, por decreto imperial de 9 de Maio de 1888.

Tendo renunciado a esta nomeação, foi eleito, no Consistorio de 1890, Bispo de Goyaz e, como tal, sagrado em Roma pelo notavel Cardeal Rampolla, a 29 de Outubro do mesmo anno. Tendo ainda uma vez renunciado nas mãos do santo padre o bispado de Goyaz, antes de tomar posse, foi eleito Bispo titular de Argos e coadjutor com futura successão do Bispo de São Paulo durante tres annos. Promovido a Arcebispo do Rio de Janeiro, por breve apostolico de 31 de Agosto de 1897, tomou posse do Arcebispo por seu procurador, Monsenhor João Pires do Amorim, em 24 de Outubro de 1897.

Fez a sua entrada solemne na Cathedral e recebeu de D. Thomé da Silva, o recente fallecido Primaz do Brasil, a imposição do Pallio, em 16 de Dezem-



S. Em. o Cardeal Arcoverde

bro de 1897, succedendo o inesquecível primeiro Arcebispo desta Archidiocese, D. João Esherard.

Foi no posto de Arcebispo da Archidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro que o venerando principe, cujo jubileu sacerdotal o Brasil catholico acaba de rememorar, foi creado e publicado Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, no Consistorio Secreto de 11 de Dezembro de 1905, recebendo do Papa Pio X (cujo processo de canonização corre actualmente em Roma) a imposição do chapéo cardinalicio com o titulo dos SS. Bonifacio e Aleixo no Consistorio publico, de 14 do mesmo mez e anno.

Quando a nação celbra cheia de alegria o jubileu ecclesiastico de S. Eminencia, exaltando a sua figura nobre de pastor e de cidadão, pois tem sido um brasileiro eminente, velando com amor pelos destinos deste paiz, juntamos as nossas homenagens ao insigne principe da Igreja Romana e ao chefe espiritual da familia catholica brasileira.

Sr. Elbert H. Gary

Acabamos de receber a visita de uma das figuras mais proeminentes no mundo financeiro norte-americano e cuja reputação é hoje universal, o Sr. Elbert H. Gary, presidente da *United States Steel*

Corporation, a maior organização produtora de aço do mundo, valendo ao seu illustre presidente o titulo de "rei do aço". O Sr. Elbert Gary é um typo empolgante de vencedor, á força de vontade energica e extraordinaria capacidade de acção, que logo impuzeram a sua pessoa no mundo financeiro "yankee", marcada com desusado fulgor. Advogado e juriconsulto, o Sr. Elbert Gary, sendo procurador, em 1898, da "Illinois Stell Company", foi convidado a organizar a "Federal Stell Company", que era um consorcio de emprezas de aço, de que foi nomeado presidente, com o apoio do millionario J. Pierpont Morgan, que prestigiava a organização citada. Foi então que a alta visão do Sr. Elbert Gary sonhou com a formação da "United Stell Corporation", cujo plano organizou minuciosamente, fundindo nella todas as companhias americanas de aço, o que daria á nova sociedade um formidavel prestigio, como de facto aconteceu. Foi, pois, obra do nosso illustre visitante essa poderosa empreza, que é uma das maiores organizações financeiras e industriaes do mundo. A par disso, o Juiz Gary, como é universalmente conhecido, se dedica ao estudo de todas as condições de melhoria e conforto da vida operaria, proporcionando aos trabalhadores as maiores vantagens e esforçando-se constantemente pelo seu bem-estar, o que lhe vale immenso prestigio nos circulos proletarios. É essa poderosa individualidade que ora visita o nosso paiz, onde tem recebido as mais gratas provas de admiração e as maiores homenagens.

A nossa expansão economica

O movimento do nosso commercio exterior em 1923, já conhecido na sua totalidade e em torno de cuja significação a nossa imprensa diaria tem bordado tantos commentarios entusiasticos, póde ser encarado de dous modos, como, aliás, o poderia ter sido o de qualquer dos annos anteriores: do ponto de vista do restabelecimento de nossas forças productoras e do ponto de vista das nossas possibilidades no dominio da expansão economica. Na primeira hypothese, isto é, observado como manifestação do revigoramento da nossa capacidade de produção, não ha duvida que esse movimento póde ser classificado de auspicioso. Na verdade, as nossas remessas, em 1923, attingiram, em quantidade e em papel, a cifras ainda não registradas no quadro da exportação, indicando que se accentua de modo positivo a reparação da crise sobrevinda em 1920-1921. Por ahí só temos motivo para regosijo.

Mas o mesmo não se dá, segundo entendemos, se encararmos o movimento de nossa balança commercial em 1923 do ponto de vista de nossas possibilidades no dominio da expansão economica. É certo que o facto do valor papel de nossa exportação ter alcançado em 1923, cifras superiores ás dos outros annos, significa que o paiz se restabelece, de todo, da depressão soffrida, restaurando por inteiro a sua capacidade de trabalho. Mas dahi a concluir que reencetamos a marcha para os nossos grandes destinos economicos, vai uma enorme, uma formidavel distancia, que não se póde transpôr com palavras. É facil provar por que não reencetamos essa marcha: simplesmente porque não se póde reencetar aquillo que ainda não se encetou.

Repetimos conceitos já aqui formulados. Nos não somos pessimistas. O conhecimento que dia a dia procuramos fazer do nosso paiz, estudando os seus valores, computando as suas riquezas, medindo as suas possibilidades, si nos permite encarar a situação brasileira com o maior, o mais elevado, o mais consciente optimismo. Mas nem esse optimismo exige para se firmar, que cheguemos à sonogação da verdade, nem tampouco essa sonogação aproveita em casos como este, em que não ha meio de se attingir á comprovação senão pela realidade mesma. Desse modo, podemos negar a nossa voz ao hymno de enthusiasmos e louvores com que se celebra o resultado de nosso commercio exterior em 1923, sem que isso signifique que estejamos incluídos entre os descrentes de nosso progresso e de nossa grandeza.

E' muito facil, aliás, de expôr e justificar a nossa dissenção nesse caso. O total, em valor papel, do nosso commercio exterior em 1923, sobe a pouco mais de tres milhões de contos. A imprensa diaria entende que, chegados a esta cifra, só agora attingida, estamos no caminho da realização de nossas immensas possibilidades. Pelo mesmo motivo, isto é, porque só agora attingimos a esta cifra, pensamos nós que o paiz ainda está muito longe de haver chegado á phase das grandes realizações compatíveis com os seus formidaveis elementos. Na verdade, que significa, para um paiz como o Brasil, a realização de um commercio exterior de tres milhões de contos, quando Cuba, que é apenas um punhado de terra perdido no oceano, realiza, annualmente, somma quasi igual, não com a totalidade de sua producção, mas apenas com dous dos seus artigos? Paiz imenso, com mais de quatrocentos annos de existencia, contando mais de um seculo de nação soberana e uma população superior a 30 milhões, possuindo todos os climas, capaz, por isso mesmo, de tudo produzir, o Brasil não se deve considerar em phase de perfeito desenvolvimento economico só porque o seu commercio de exportação tenha attingido a cifras que são pouco mais do que as do valor total da exportação de dous artigos da Republica de Cuba, uma pequena ilha de menos de dous milhões de habitantes, menor do que o menor dos Estados brasileiros.

Além disso, ha a considerar este facto: as cifras da exportação em 1923 sao grandemente superiores ás dos outros annos, apenas em valor papel. Em quantidade, o augmento não é de vulto a assignalar. Isso basta para fazer ver que a nossa expansão economica não apresenta novo grande surto. Sem uma maior exportação no sentido geral, isto é, sem a comprovação de que ao maior valor corresponde um consideravel augmento de volume, não ha razões para affirmar-se que o paiz alarga a sua potencialidade economica. E mesmo esse augmento no valor papel, verificado em 1923, não constitue facto com que nos possamos regosijar. O de que nós precisamos é que o valor da exportação augmente, não em papel, mas em ouro, pois é de ouro que carecemos para as nossas coberturas no exterior. Com todo o papel agora realizado, conseguimos adquirir pouco mais de metade do ouro que nos deu a exportação de 1919. Isso quer dizer, afinal, que todo o nosso trabalho em 1923 valeu apenas metade do de 1919.

Mas isso é apenas uma consequencia da baixa do cambio, e nós não precisamos chegar á baixa do cambio para provar o erro dos que vêm no resultado do nosso commercio exterior em 1923 a demonstração de que o paiz reenceta a marcha para a realização dos seus grandes destinos economicos. Esse erro está: primeiro, em que se não quer ver que a cifra de tres milhões de contos na ex-

portação não pôde nem de longe reflectir a grandeza de nossas possibilidades e valores; segundo, em que se não observa que, sendo pouco maior, em quantidade, á de outros annos, a nossa exportação em 1923 não pôde significar a maior expansão de nossas forças productoras.

A reforma do ensino

Parece que se inicia um outro anno lectivo, sem que o Governo resolva fazer a projectada reforma do ensino. E' certo que o Ministro do Interior, respondendo a collegas nossos que extranharam tambem essa demora, excusou-se com a necessidade de estudar o caso em seus multiplos aspectos, pois foram innumeras as suggestões recebidas pelo Governo, exigindo todas ellas detido exame e analyse minuciosa. Mas, sem pretender forçar a capacidade de trabalho do Governo, achamos que será prejudicial vir a reforma depois de abertos os cursos, tumultuando o ensino desequilibrado a sua marcha normal. Seria preferivel que viesse desde logo, evitando esses embaraços e perturbações, extremamente maleficos.

Já femos, por vezes, mostrado o nosso ponto de vista em relação ao assumpto. Somos partidarios da reforma, mas que seja digna desse nome, completa, absoluta, radical. Em ensino, andamos tão errados, que só se reformará com beneficio, numa alteração completa e basica dos cursos. De vez em quando, temos reformas, ou "leis organicas", mas em geral feitas para desorganizar e atrapalhar, todas sem espirito pratico, imbuidas de um theorismo avelhantado e, em absoluto, fóra do tempo e das correntes modernas de pedagogia. Por isso, são inuteis e se compensam, nos seus erros e defeitos, porque beneficios não costumam trazer. Essa reforma deve cuidar de um dos mais graves problemas nacionais, que é o ensino primario, constando que o Governo, á guisa do que praticou em relação á Saude Publica, entrará em accôrdo com os Estados, para resolver o caso. Sempre nos pareceu que a União prestaria os mais assignalados serviços ao paiz, avocando a si a instrucção primaria, mas as "vestaes" da Constituição, logo observam que isso seria uma indebita intervenção na autonomia estadual, coisa que faria o mundo vor abaixo, se fosse feito na nossa Republica. . . O meio encontrado é habil, mas depende das condições dos accôrds, variaveis conforme cada Estado, pois as circumstancias muito se differenciam.

Quanto ao ensino secundario, a reforma precisa ser completa, pois, nesse assumpto, o que temos é o maior absurdo, a complicação mais terrivel e a mais completa desorientação. O resultado é ser o nosso ensino basico totalmente falho, obrigando a um auto-didatismo, no qual só triumpham as intelligencias superiores, quando servidas por vontades firmes. Todas as experiencias têm provado mal, quer a seriação da lei Epitacio Pessoa; quer os exames vestibulares da lei Rivadavia e quer o systema actual, dos exames parcellados, da lei Maximiliano, e isso porque não visaram nunca a essencia do problema, que está nos programmas das materias e na sua seriação. Estuda-se em pouco tempo muita coisa e o resultado é que nada se aprende. O systema do curso gymnasial, não fallando na corrupção dos "equiparados", seria o preferivel, mas era preciso que melhor se fizesse a distribuição das disciplinas e em numero maior de annos. Mas exigir-se em 6 annos, dos 11 aos 17 annos, um conhecimeneto de varias linguas vivas, latim e grego, de toda a mathematica elementar e parte da superior (algebra superior, trigonometria, mecanica e astronomia) de geographia, especialmente do Brasil; historia geral e

do Brasil, physica e chimica, historia natural e logica, em programmas completos e curso de oito mezes, é totalmente impossivel. O resultado é o superficialismo, quando não a ignorancia completa. Os professores nunca terminavam os programmas, de sorte que o alumno se via obrigado a saltos, pois, no anno seguinte, o novo lente retomava o curso, não no ponto em que o estudante ficara, mas naquelle que determinava o programma. Dahi toda série de absurdos, que avultam sem necessidade de demonstração. O exame de madureza é uma prova que não tem significado e a pratica mostrou quanto vale, ao menos como corrupção. O exame vestibular, que tem os defeitos da madureza, mas é um exame *sui generis*, porque o alumno é aprovado por maioria. Se faz exame de nove disciplinas, pôde ser reprovado em quatro, ainda que essas sejam portuguez, arithmetica, geographia e francez. O systema actual, melhor do que esse, até certo ponto, tem inconvenientes que por igual o invalidam. E' que com a nossa mania de nos formar cedo, vamos apressando os exames, e acontece, por via de regra, que aos 11 ou 12 annos, o menino presta o exame de portuguez, logo depois de arithmetica e assim por diante, como se fosse possivel, com essas idades, um estudo razoavel dessas disciplinas. Ha mais ainda: as mesas equiparadas, onde não pequenos são os abusos, que começam pela nomeação dos examinadores. Portanto, só uma longa seriação, no minimo de oito annos, resolveria o problema, enquanto uma fiscalização séria e sufficiente garantiria o bom funcionamento do machinismo.

Sobre o ensino superior, sem duvida, o melhor dos tres, ha muito a fazer, embora seja aquelle em que a iniciativa do estudante possa supprir as deficiencias do magisterio e do systema de ensino. Mas, resente-se sobretudo da falta de um caracter pratico, sobretudo o curso juridico, entre nós, pessimamente feito. Tambem o de engenharia e muito theorico e não ha, como em outros paizes, a separação entre o curso de mathematica e o de engenharia propriamente dito. O de medicina, o mais perfeito, ainda assim se resente de lacunas, que os technicos vivem a apontar.

Um ponto, porém, essencial na reforma é o rejuvenescimento do professorado. Seria necessario talvez uma compulsoria, não só porque é demasiado fatigante a profissão, como porque a mentalidade do professor não deve se afastar de muito da do tempo do estudante. O professor moço é um grande beneficio, ao qual o reformador do ensino deve dar a maxima importancia, pois do contrario não haverá como vencer velhos preconceitos enraizados na nossa instrucção e que só a mocidade extirpará. Não sabemos o que pensa a respeito o Governo, mas o actual Presidente sempre se apresentou á nação como um amigo dos mocos, disposto a terminar com a fossilização de nossas cousas, que contraria o ambiente novo e radiante da terra.

Um caso politico

Nesta nossa interessante democracia republicana, a politica é sem duvida um dos aspectos mais pittorescos, que seria delicioso contemplar da montanha de Lucrecio, se não envolvesse o nosso destino e seriamente o compromettesse. Mas, desde que nós não creamos a politica, nella não nos dão o direito de intervir, resta-nos o spectaculo e os seus ridiculos, através aos quaes muito se pôde aprender e os moralistas encontrarão nelles motivo de longas meditações. Vimos, agora, mais um "caso" politico. Quando foi na campanha presidencial civilista, a Bahia esteve ao lado de Ruy Barbosa, salvo um de seus proceres, que

ficou sendo *persona grata* do vencedor de quem foi ministro. Na successão governamental, esse político se candidatou, mas como o Governo estadual tinha a machina, não lhe seria possível, dentro das normas regulares, assumir o poder. Todos se lembram do que houve: bombardeio, conflictos, depredações, em summa, pela violencia lhe foi entregue o Estado. Os adversários clamaram em nome da moral federativa, e o artigo 6º da Constituição foi chorado e carpido, mas elles foram derrotados. Ha quatro annos, novamente perigou a situação para esse politico, pois o grande Ruy levantára o povo contra a situação deveras lastimavel a que chegara o Estado. Foi pedida a intervenção federal e entre bayonetas, o mesmo politico, entrou no Palacio Rio Branco, com os mesmos protestos da opposição, que decantou outra vez o artigo 6º da nossa complacente Constituição. Tudo muito bem. Na derradeira campanha, o então "dono" da Bahia foi contra o Governo Federal e contra a candidatura do actual Presidente da Republica. Todos lhe contaram os dias. Houve naturalmente eleições, resultados differentes, duplicatas, o diabo, mas, na hora em que se approximava a posse, o Governo decretou o sitio e reconheceu eleito o seu partidario, homem dos opposicionistas de hontem. Houve então uma amnesia completa: os "intervencionistas" da vespera, hoje levantaram a bandeira da defesa da autonomia, com a flammula do tal art. 6º; e os "anti-intervencionistas" de hontem julgavam que o Governo exercia logicamente a lei, através das interpretações capciosas que davam. Logo, tudo está certo, as opiniões são relativas e dependem das coordenadas do poder. O erro é dos ingenuos, de hontem, de hoje e de amanhã.

No Brasil, as situações só cahem pela traição, ou pela violencia. Peio voto ou pela opinião, nunca se vio ninguem cair, porque o povo ainda é aquella figura de rhetorica, a que nos referimos num dos nossos ultimos commentarios. Emquanto não houver uma educação civica perfeita, o melhor é acabar com o art. 6º e tambem com o 72 da Constituição. O direito só se exerce com consciencia e nunca póde ser uma tolerancia. Mas, depois que o estado de sitio virou medida preventiva, quem disse que direito vale? Só se estiver no mundo da lua.

O problema da carestia da vida

O Governo da Republica no nobre intuito de attender á situação geral de encarecimento da vida, muito especialmente nas classes pobres depois de varias conferencias com os seus auxiliares, expedio o deocr. de 19 do mez findo, chamado de emergencia, no qual adopta medidas varias para a consecução de seus intentos. Antes de particularizar, estudemos o assumpto no seu ponto de vista geral, ou mais propriamente, theorico, de onde tiraremos as conclusões sobre a melhor pratica a seguir.

O encarecimento da vida, pelo custo elevado das especies e generos, decorre de leis economicas invariaveis, cuja solução não está na acção administrativa, senão na propria politica economica, buscando o equilibrio de forças de que resulta a harmonia. Seria preciso, pois, antes de estudar o phenomeno em suas manifestações, procurar a essencia e o movel determinantes. Resaltam logo como razões capitaes da vida cara: a baixa cambial e a falta de transportes. Aquella desvaloriza a moeda, e, como vivemos em grande parte de artigos importados, mesmo em generos de primeira necessidade, como acontece com o pão, temos que os

preços augmentaram para corresponder ao maior custo da moeda estrangeira; esta torna menores os *stocks* de generos do paiz e pela lei de procura e da offerta, os seus valores augmentaram invariavelmente e logicamente. Ora, a crise cambial, problema complexo que não temos que discutir aqui, não se resolve á custa de lei e sim de uma politica de prudencia financeira e de fomento economico, que não parece ser das preocupações primordiales do Governo presente. Quanto aos transportes, o decreto citado no seu art. 7º, se limita a essa impreciza referencia: "O Ministro da Viação e Obras Publicas fica autorizado a tomar as providencias que lhe competirem para execução deste decreto, inclusive as que facilitem por qualquer modo o transporte dos generos alimenticios". Não parece o bastante, pois a questão dos transportes, entre nós merece reflexão mais attenta e medidas mais definidas do que simples providencias de Secretaria.

Portanto, não ferindo os pontos capitaes do problema, não é de crer que muito consignam com as simples providencias administrativas do decreto, ainda que de extremo rigorismo. O caso do pão e typico: esse aumento é fabricado com farinha de trigo importada da Argentina e dos Estados Unidos. Vendo-se o cambio com esses paizes, ter-se-ha idéa, sobretudo com o segundo, da desvalorização do mil réis, resultando dahi a dificuldade de baratear um producto dessa ordem. E' certo que o Governo restringio de 40% o imposto de importação de farinha de trigo, medida sabia e razoavel, mas insufficiente. Só a melhoria cambial operaria o milagre. Conjuntamente, de um modo geral, não nos parece efficaz a acção do Governo.

Particularizemos agora. O decreto, depois de estabelecer a instalação de entrepostos de leite e de peixe, e armazens de emergencia, amplia a acção das feiras livres, cousas cujo proveito depende da pratica, na certeza de que, perdurando os citados embarcaos de ordem geral, não se poderão diminuir as suas consequencias. E' certo que esses centros mercantis, não estando sujeitos aos pesados impostos e taxas que paga o commercio, pódem vender com uma relativa differença, mas, ao menos nas feiras livres, não tem correspondido á expectativa do publico. E sobre o governo-commerciante, cousa que não é nova, o exemplo tem sempre demonstrado a sua inefficacia absoluta em toda parte em que se o tem executado.

Ha um artigo, porém, que merece a maior attenção nesse decreto e é o seguinte:

'Art. 5º. Fica o Ministerio da Agricultura autorizado a requisitar e desapropriar, ou a adquirir no exterior, na fórmula das leis vigentes, os generos alimenticios a que se refere este decreto, para o que serão abertos os creditos necessarios, nos termos do art. 2º do decreto legislativo numero 4.034, de 12 de Janeiro de 1920, desde que taes providencias se tornem indispensaveis.'

Volvemos a persistir num monstruoso absurdo. Em primeiro lugar, desde a acção do passado (Commissariado de Alimentação Publica, cuja inutilidade ficou comprovada, se vio o abuso dessas desapropriações, que o Judiciario reconheceu, dando depois ganho de causa a todos os negociantes que foram victimas dessa extorsão legalizada. Attentando directamente contra a liberdade do commercio, que a constituição garante em sua absoluta plenitude, essa desapropriação só comprehensivel nos casos extremos de calamidade publica, medidas de defesa ou salvação publica, não póde ser utilizada como recusa para torcer e desforrar as leis economicas, quando não se póde

resolver os problemas consequentes á sua actuação. Se o Governo precisa baratear a vida, o que repetimos ser um nobre intuito, porque não suspende os impostos excessivos e exorbitantes que obrigam o commercio a uma licita defesa de seus haveres? Como justificar leis de emergencia, se temos um imposto de viação, em paiz que luta com uma intensa crise de transportes? Porque o Governo não procurou, por esse lado, solver o problema ao invéz de se lançar á aventura de desapropriações, sempre caras ao Thesouro, que os pagará amanhã, por sentença judiciaria? Queremos crer que esse dispositivo não seja executado e o Governo, pensando melhor e mais maduramente sobre o caso, evitará esse erro funesto e, sobretudo, sem effeito algum benefico. Estamos vendo o caso sem interesses, mas fixando-o através de uma analyse rigorosamente logica, fóra da qual só restarão fantasias, preconceitos e erros. Se o Governo deseja sinceramente promover o barateamento da vida, comece por valorizar a moeda de cuja baixa procedem todos esses desvios economicos de que soffremos as pesadas consequencias.

Os nossos serviços postaes

Das informações prestadas pelo Director dos Correios ao Ministro da Viação, verifica-se que em 1921 a renda postal arrecadada e recolhida aos cofres foi de 17.212:000\$, emquanto que a do anno de 1923, se elevou a 25.774:000\$, não incluindo o periodo adicional, ou sejam mais 8.563:000\$, nos dous exercicios, com uma média de 4.281:500\$, por exercicio, augmento assás apreciavel e por onde se vê a somma de trabalho feito sem augmento de taxa.

A correspondencia ordinaria recebida da em 1921 foi de 30.842:096, a registrada de 10.252:625, a expressa de 344.113 e a de valor declarado de 779.955 objectos, com o valor de 272.449:000\$, e em 1923, respectivamente, de 369.022.545, 12.980.437, 344.117 e 822.262, com o valor de 295.876:000, o que dá os seguintes augmentos: na ordinaria, de réis 68.180.449; na registrada, de 2.727.752; na expressa, de 55.738, e na de valor declarado, de 48.307 objectos com o valor de 23.427:000\$000.

Nessa mesma proporção foi o augmento das correspondencias expedidas e de transito.

Em vales postaes o augmento foi apreciavel: em 1921 foram emittidos 261.000, no valor de 33.856:000\$, e em 1923, a emissão foi de 268.992, no valor de réis 43.176:000\$, havendo assim um augmento de 6.300 vales, no valor de réis 9.320:000\$000.

Concurso para novellas regionaes brasileiras

L'Amérique Latine, de Paris, abriu um concurso para novellas regionaes brasileiras, recebendo até 31 de Julho deste anno os originaes, assignados por pseudonymo e tendo em envelope fechado o nome do autor. Deverão ter de 4 a 6 columnas desse jornal, cujo formato é semelhante aos dos nossos jornaes diarios. O 1º premio é de 500 e o 2º de 300 francos, sendo as novellas premiadas publicadas no dito periodico. Serão juizes do concurso os Srs. Luiz Guimarães, José Severiano de Rezende, Delgado de Carvalho, José Feliciano de Oliveira e Fonseca Montarroyos. A direcção da *L'Amérique Latine* é Avenue des Champs Elysées, 82, Paris.

NOTULAS

Os peritos de Wall Street predizem que a renda do Sr. Henry Ford será em 1934, de um milhão de dollars, se a sua fortuna continuar a augmentar na mesma proporção que a até hoje seguida.

O commercio exterior francez soffreu consideravel augmento em 1923, tendo as importações attingido 32.614.560.000 francos contra 23.930.328.000 em 1922 e as exportações subido de 21.378.943.000 a 30.431.510.000 francos. O excedente de importações é de 2.183.050.000 francos. Na Inglaterra, tambem o commercio exterior augmentou no ultimo anno: as importações foram de £. 1.098.015.000 contra £. 1.003.918.000 em 1922, e as exportações de £. 885.901.000 contra £. 824.274.000. O "deficit" do balanço commercial é, pois, de £ 212.114.000.

Assumio o Governo do Egypto o patriota Zaghoul Pachá, que os inglezes tinham exilado para Seychelles e depois para Malta. Num discurso que pronunciou, pouco depois de ter assumido o cargo de Presidente do Conselho de Ministros, Zaghoul disse: "O nosso maior problema é a independencia nacional. Estamos promptos a conferenciar com o Governo britannico na base da realização dessa independencia, respeitando os seus razoaveis interesses e que, com ella, não sejam incompativeis"

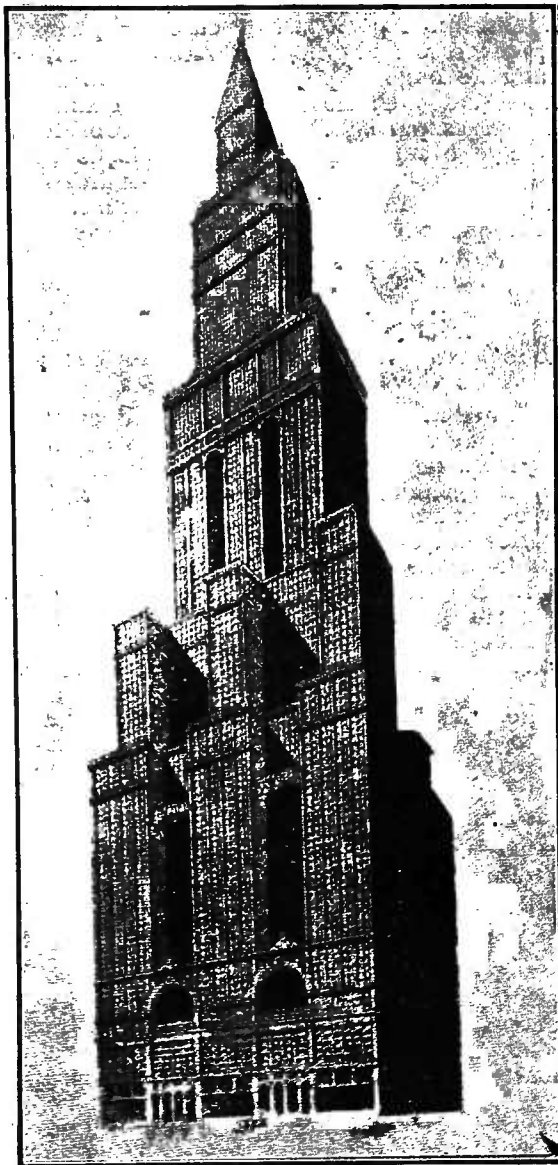
Foi observado que, na Academia Francaza, são numerosos os academicos, cujo nome começa por B: Bourget, Bordeaux, Boylesve, Brémond, Bazin, Bergson, Barthou, Bédier, Falleceram, não ha muito, Boutroux e Barrés. Entre os modernos, a letra mais commum é o M: Mauriac, Morand, Massis, Montherland, Maurois, Marx.

As estatisticas mostram que em 1923 a producção carbonifera em França cresceu de modo animador. Assim, a de hulha e de linhito attingio a 38.576.815 tons, contra 31.940.845, em 1922; a de coke a 1.985.735 tons, contra 1.030.735; e a dos agglomerados a 3.056.576 tons, contra 2.804.400. Tambem as exportações augmentaram: a de hulha e linhito a 2.364.172 tons, (2.147.435 em 1922), 496.398 tons, de coke (463.128) e 238.116 tons, de agglomerados (114.054). Para as importações, a de hulha cresceu 22.269.865 tons, contra 22.334.126, em 1922; mas baixaram as de coke e agglomerados, tendo sido aquelle de 3.628.393 tons, contra 5.140.153; e esta, de 776.267 tons, contra 1.422.374, em 1922.

O Sr. Jean Brunhes que obteve, com uma plaquette sobre Michelet, o premio de eloquencia em 1898, cita esse inesperado elogio aos jesuitas, que descobriu na obra de Michelet, em 1838: "On ne saurait assez louer le dévouement des jésuites. Leur héroisme en Europe nous est connu, mais il faut les suivre en Asie. Il faut voir la facilité, l'empressement avec lequel ils recoivent le martyr. Ce sont là des titres à la gloire. Chez nous, le dévouement ne meurt pas... Pour caractériser l'esprit des jésuites, ce fut un esprit monumental"

Em Beauvais foram encontrados, numa escavação, varios objectos e moedas, que se presumem pertencerem ao começo do reinado de Carlos V, de França.

O *Echo de Paris* fez uma estatistica da consumação de victualias por um homem normal, vivendo 70 annos: 225 a 250 kilos de pão; 18.000 kilos de carne; 10 a 15.000 ovos; 6.000 kilos de peixe; 25.000 litros de liquidos, sem fallar nas verduras, queijos, doces, fructos, etc. O sal consumido numa vida humana é de 1.750 kilos...



Projecto de 12 hotéis a serem construidos nos Estados Unidos, com 180 andares, cada um, custando mais de 200 mil contos por edificio.

O grande esforço de Pasteur, nos estudos de raiva, acaba de ser completado pela descoberta da parasita desse mal, feita pelo Dr. Monuchiene, do serviço do Dr. Roux, assistido pelo Sr. Viala. O parasito foi por fim isolado e recebeu o nome complicado de *encephalitozoon rabie*. Não é preciso encarecer o valor da grande descoberta, que foi um dos sonhos mais ardentes de Pasteur.

São os seguintes os feriados na Italia, de accordo com o decreto expedido a 30 de De-

zembro de 1923: Os domingos; o dia de Epiphania; 21 de Abril, fundação de Roma; o dia da Ascensão do Senhor; o dia de Corpus Christi; 29 de Junho, S. Pedro e S. Paulo; 15 de Agosto, Ascensão de Nossa Senhora; 20 de Setembro, anniversario da entrada em Roma do Exercito italiano; 1º de Novembro, Todos os Santos; 4 de Novembro, anniversario da victoria; 8 de Dezembro, Immaculada Conceição; 25 de Dezembro, Natal. Ha ainda as festas nacionaes do 1º domingo de Julho, celebrando a unificação da Italia e do "Statuto"; 24 de Maio, anniversario da declaração da guerra; e 11 de Novembro, anniversario do Rei.

Quem fará as honras de Downing Street? o Sr. Macdonald é viuvo e a sua filha mais velha tendo somente 20 annos, acredita-se que dessa missão será incumbida a senhora do primeiro lord do Almirantado, Lady Chelmsford. Outros jornaes designaram Mme. Sidney Wobb, filha do Presidente de uma grande companhia de estradas de ferro, em cujos cações, nestes ultimos tempos, se têm encontrado os socialistas de toda parte. Ficará porventura prejudicado o protocollo com o Ministerio socialista?

A proxima fita de Charles Chaplin (Carlitos), *The Gold sush* (A marcha para o ouro) será comica. O seu protogonista apparecerá na sua figura conhecida, passando-se a acção na California, em 1849, a idade do ouro nas minas.

Como fez recentemente com outros paizes, entre os quaes a Italia e os Estados Unidos, o Summo Pontifice Pio XI resolveu instituir a visita apostolica ás pessoas e cousas ecclesiasticas do Brasil. Para este fim, Sua Santidade acaba de nomear, pelo orgão da Congregação do Concilio, tres ecclesiasticos eminentes para fazerem aquella visita ás dioceses brasileiras. Os visitantes apostolicos, que já chegaram ao Brasil, são o padre Jose da S. Giovanni in Persiceto, superior geral dos padres capuchinhos; abbade Benedicto Lopez, da Congregação Benedictina do Monte Cassino; e Marcello Reinaud, da Companhia de Jesus.

Noticia-se em Londres que o professor Clarence Fisher, Director da expedição organizada pela Universidade da Pensylvania, que foi realizar pesquisas historicas, em Thebas, Egypto, descobriu um "papyrus", constando do mesmo um decreto de divorcio, datado de 236 annos antes de Christo.

Descobriu-se que existe em grande quantidade nas regiões inter-montanhasas dos Estados Unidos, uma especie de argilla muito propria para dar superficie ao papel dos livros. Applicada com outros cosimentos de papel, taes como o barro English China, ella melhora-lhes a retenção e o acabamento. As experiencias no Forest Product Laboratory indicam que o poder de suspensão do novo barro torna possível a sua distribuição de um deposito central para os batedores de um moinho de papel por meio de longos tubos, isso sem perigo de se emmaranhar ou de parar.

Portugal

RAUL BRANDÃO

A obra literaria de Raul Brandão, augmentada agora com *Os Pescadores* (Aillaud & Bertrand, Lisboa 1924), é superiormente formosa, tanto pela harmonia e inspiração, como pela honestidade de processos. Tendo surgido, ha cerca de trinta annos, com a geração a que pertencem Cesario Verde, Antonio Nobre, D. João da Camara Abel Botelho, Eugenio de Castro, Carlos Malheiro Dias, Julio Dantas, Alberto d'Oliveira, João Barreira, Antero de Figueiredo, Correia d'Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Julio Brandão e outros, revelou-se escritor de raça, sobremaneira pessoal, assaz independente, e até revoltado, e desenvolveu a individualidade consoante as leis de seu estranho temperamento e a indole singularissima do seu ingenho. "Sou talvez uma arvore, escreve no prefacio de suas *Memorias*, que cresce á sua vontade, pernada para aqui, pernada para acolá, á chuva e ao vento; e não admitto poda." Da *Historia de um palhaço*, que data de 1896, a hoje, ha um persistente sulco luminoso, definindo um prosador consciente do poder do seu peregrino talento, senhor dos meios de expressão e só preocupado com a finalidade de seu labor espirital. Artista no mais nobre significado desta qualificação, na sua grande espontaneidade, que é verdadeira, como na sua singeleza, igualmente genuina, logrou, desde o periodo inicial de sua inconfundivel carreira, afirmar-se pela originalidade das idéas, pela qualidade do estylo e pela mobilidade, perspicacia e agudeza da intelligencia. O estylo é elemento preponderante na obra de Raul Brandão, e iguala aos mais floresentes ou maiores da arte escrita. Não se escreve melhor por esse Portugal afóra. A sua linguagem é materia viva, e a palavra energica, nervosa, ductil. Antes de tudo, dotado de visão plastica do mundo, e conhecendo o valor e a virtude dos vocabulos, reproduz a côr, os gestos, as sensações e as imagens numa fórma verdadeiramente esculptural, metallica ou marmorea, que lembra ás vezes Balzac ou Mirbeau, sem a impetuosidade da inspiração de um e sem o crudelissimo realismo do outro, mas com um sentido agudo das coisas e de seu rythmo individual. O esplendor da lingua, o sentimento das fatalidades cósmicas, o sopro irresistivel da vida instinctiva, taes os traços característicos da obra do magistral prosador português, que é quasi auto-biographia ideal, uma confissão lirica. *Qui est Mme. Bovary? C'est moi!*, disse um dia Flaubert. Com effeito, cada livro desse creador de belleza que é Raul Brandão é transcripção directa, ainda que poetica, de uma existencia consumida e meditada fóra de toda consideração especulativa ou esthetica. Não ha nelles um plano abstracto em que os motivos, os actos e as figuras se derivem de uma theoria moral preconcebida ou se dissimulem sob o véo philosophico. O pensamento de Raul Brandão é producto da realidade humana, e pensar para elle é seguir pela intelligencia o curso natural da vida nos seus aspectos mais intimos, e sentir a vibração generica dos seres e das coisas. Ironico e sentimental, sarcastico extremado, analysta implacavel, a sua philosophia é livre de toda articulação abstracta, pois é inspirada pelo especta-

culo da experiencia quotidiana, em que o bem e o mal muita vez traduzem os mesmos valores e se confundem. Se a *História de um palhaço*, *Os Pobres*, *Humus* e *Memorias* dão a exacta medida de seu temperamento, *Os Pescadores* mostram o artista na plena posse de seus dons e recursos, no apogeu das

natureza. Destas paginas exalta-se um forte odor de terra. A bella região da Fóz do Douro o nutre, deu-lhe a robustez physica e o equilibrio moral, dotou-o do vigor rustico que se admira nos seus livros, communicou-lhe esse naturismo mystico que é fonte da grande inspiração lusitana. O artista traz quasi sempre o ar do torrão onde nasceu. A paisagem da Turena nunca deixou de impressionar Balzac. Aix viveu na memoria de Zola. Flaubert acariciava a imagem de Ruão e bem assim Mirbeau lembrava-se continuamente de Trevièrs. A imaginação de Barrès tem raizes na Lorena. "Fóz, declara elle na portada do seu livro, é para mim a Côguinha, o Castello e o Monte com o rio da vila a atravessal-o, e a rua da Cêrca até ao Farol. O que está para lánão existe... Só me interessa a villa de pescadores e maritimos que cresceu naturalmente como um ser, adaptando-se pouco e pouco á vida do mar largo. E ainda essa Fóz se reduz cada vez mais na minha alma a um cantinho — a meia dúzia de casas e de tipos que conheci em pequeno, e que retenho na memória com raizes cada vez mais fundas na saudade, e mais vivas á medida que me entranho na morte. O mundo que não existe é o meu verdadeiro mundo" Raul Brandão está inteiro neste livro, repleto de seiva, tão cheio do ambiente que lhe ensinou a amar a vida humilde, o heroismo obscuro e o fatalismo de seu povo, e lhe communicou o segredo do eterno lamento das arvôres, das pedras e dos mares. Ahi surge a força rude aliada a uma doçura infantil, a uma ternura singularmente penetrante e voluptuosa, a uma bondade infinita. "Extraio ternura de uma pedra", diz elle. Identificado com a existencia e a história da gente simples do país, reconhece, louve e esculpe no bronze ou na argila da sua prosa evocativa, a coragem, a perseverança e a tradicional energia dos pescadores; seres que melhor summariam as qualidades da raça e symbolisam a actividade creadora da nação. Aliás, não se comprehenderia Raul Brandão sem as emoções de melancolia ou de saudade, exilado do commercio affectivo, despido dos predados e dos pendores ethnicos, fóra do amor da patria e principalmente dos limites do recanto caro ao seu coração, e desligado dessa sympathia profunda, piedosa e humana que lhe perfuma o espirito e illumina a obra. "E" saudade, mas não é só saudade. Isto vem de muito fundo. Os meus actos são copiados por mãos desaparecidas e a minha convivencia é com fantasmas. Este cheiro de alcatrão vou leval-o nas narinas para a cova; esta paisagem — mar, rio e céu — entranhou-se-me na alma, não como paisagem, mas como sentimento." E' isto que faz d'elle um maravilhoso escritor Solitario, nostalgico, apaixonado, nutrido da tradição amorosa e penetrado de extase pagão, fundamentalmente bom, estranho não só ás disputas literarias e á esterilidade das discussões estheticas, mas desinteressado da propria litteratura contemporanea, com suas falsas posturas e sua accentuada insinceridade, é um dos espiritos mais capazes de comprehender, sentir e interpretar a poesia simples, espontanea, eterna, em que se envolve o uinverso. Por isso, a sua figura se eleva em violento contraste sobre o tumulto actual e o fundo anemico do mundo lite-

UMA HOMENAGEM AO BRASIL

A brilhante revista de cultura, que se publica em Portugal, *Nação Portuguesa*, sob a direcção do nosso illustre collaborador Antonio Sardinha, dedicou o seu ultimo numero ao Brasil, publicando uma série de artigos, deverás interessantes, sobre o nosso paiz, a sua historia, as suas letras e a sua finalidade politica, assignados por nomes de grande relevo na mentalidade portugueza. Abre a revista a formosa saudação de Afonso Lopes Vieira, uma das mais formosas e lidimas expressões do genio lyrico de Portugal, a qual transcrevemos noutro local desta revista, e que é um hymno vibrante ao Brasil, "a mais moça e mais bella de todas as Nações, destinada a levar para os confins dum futuro immensuravel o espirito da Latinidade, afeiteado ao esplendor das *novas estrellas*" O artigo de apresentação *Definindo intenções* é pagina forte e suggestiva, mostrando quaes devem ser os elementos basicos da união das duas Patrias, analysando-se com clarividencia e nobre espirito de amizade. E assim termina esse artigo: "Sem nos alargarmos a construcções prematuras, comecemos pelo principio! E começar pelo principio é empenhar-nos sinceramente por nos conhecer e estimar, — longe dos mameluocos do jornalismo mercenario e fora dos agapes dos arrivistas e profissionaes da politica. Viva o Brasil! E que Portugal viva na sua lembrança com o doce carinho duma pessoa de familia, que, á imagem do pelicano symbolico, esfarrapou as veias, para que o seu filho morgado crescesse formoso, desenvolto e forte!" J. Lucio de Azevedo grande conhecedor da historia dos dois paizes, escreveu sobre o papel desempenhado pelas misões religiosas na obra da colonisação do Brasil. A Manoel Músiás coube dissertar acerca da lingua portugueza no Brasil. Luiz de Almeida Braga assigna um ensaio sobre a nossa evolução litteraria. Além de outros trabalhos, estampa o artigo *A lição do Brasil*, de Antonio Sardinha, que transcrevemos neste numero. A homenagem da *Nação Portuguesa* muito nos sensibilisa, a nós brasileiros, que amamos Portugal e reconhecemos a sua gloriosa ascendencia.

faculdades intellectuaes, por momentos transbordante de exaltação, simultaneamente realista e romantico, misturando os mais bellos accents da verdade ás virtuosidades da imaginação e aos jogos da phantasia. O livro é de muita emoção, poesia e realidade. O observador penetrante dos homens, é apaixonado da

rario dos nossos dias. Mercê da sinceridade artística, a sua obra difunde tão fortificante aroma vital. Em summa, é uma gloriosa consciencia de escritor que floresce fiel ao seu genio exuberante, são e exclusivamente sensível ás formas robustas da belleza. Raul Brandão reduziu o mundo ás mingnadas proporções de sua villa, "adormecida ha cem leguas do Porto e da vida", mas nesse recanto exiguo palpita elle com o rythmo mysterioso da vida universal...

A LIVRARIA DO CONDE DO AMEAL

Foi leiloadada no dia 31 do mês findo no Porto a livraria do illustrado bibliophilo português Conde do Ameal. O catalogo descriptivo e analytico dessa preciosa colleção que temos em mão, redigido com proficiencia pelo livreiro José dos Santos, na parte ds livros impressos, e pelo erudito Gustavo de Matos Sequeira, que teve a seu cargo a catalogação dos manuscriptos, e ainda lhe escreveu o prefacio, documenta copiosamente nas suas 768 paginas o valor da magnifica bibliotheca, composta na totalidades de obras de história, e principalmente portugüesa, de literatura classica e de arte. Abrange nada menos de 2.555 especies bibliographicas, sem contar os manuscriptos, que vão dos numeros 2.556 a 2.904, provenientes de quatro notaveis bibliothecas, que foram reunidas e completadas posteriormente pelo eminente colleccionador Conde do Ameal. O prefaciador destacou, em primeiro lugar, os livros de arte, em edições de grande luxo e encadernações sumptuosas, taes como a *Luz da Liberal e nobre arte de cavalaria*, de Manuel Carlos de Andrade, também denominada *Arte de Marialva*; *Les Paysans*, de Queyroy, Paris, com aguafortes; a edição badoniana dos *Pitture*, de Corregio; tres obras de Dalanne com preciosas aguafortes; *L'Etruria Pittrice*, de Pagni e Bardini, Florença, 1791, e a edição setecentista de *La conjuración de Catiliua y la guerra de Jugurta*, de Sallustio, feita em Madrid. Ha, porém, obras de maior raridade e preço excepcional, e são, entre outras, *A vida e milagres da gloriosa rainha sancta Isabel*, de Diogo de Macedo edição conimbricense de 1546; o *Libro dela Cosmographia*, de Petrus Apianus, Enveres, 1548; a edição *princeps* (?) d'Os *Lusiados*, que é de 1572, a do Morgado de Matheus e a castelhana de Alcalá de Henares, feita em 1580; os *Commentarios*, do grande Afonso de Albuquerque, segunda edição, 1576; a rarissima segunda edição, 1549, do *Breviarium Bracharense*; os *Capitulos das Côrtes*, impressos em gothico, por Germão Galhardo, em 1539; as *Copias de las Cartas* escritas da China e do Japão pelos jesuitas missionarios e estampadas no seculo XVI, 1565; os *Dialogus Seraphice*, de Santa Catharina de Sena, famoso incunabulo impresso em 1496; a edição portugüesa de 1605 do *Don Quixote*, impressa por Pedro de Crasbeck, Lisboa; a *Chronica do Condestable*, de 1554, Lisboa; *Las Meditaciones*, de Augustinius, Valladolid 1515; a *Chronica de Nuremberge*, outro preciosissimo incunabulo, illustrado, de 1493; o *Tratado em que se contam as cosas da China*, de Fr. Gaspar da Cruz, impresso em gothico, Genova, 1569; a *Legenda dos Santos Martures*, rarissimo, Lisboa, 1515; a primeira edição da *Chronica de D. Manuel*, de Damião de Gões, Lisboa, 1566; o *Index Librorum Prohibitorum*, Lisboa, 1564; a *Cosmographia*, de Pomponio Mella, magnifico incunabulo de alto valor, edição de 1482; a edição de 1584 de uma *Regra de Santo Agostinho* e a edição, também quincentista, da de S. *Thiago*; o *Gracioso côbite*, de Ossuna, Sevilha, 1537; o *Livro da Reza e Perfeçam da Conversaçam dos Mençes* que a infanta D. Catharina, filha

de D. Duarte, traduzio de Justinnus, Coimbra, 1531; o *Regimento Nautico*, de Lavanha, impresso em 1595, Lisboa; a *Cronica de Hispania*, de Diego de Valera, Salamanca, 1493; o *Descobrimento e Conquista da India*, de Castanheda, Coimbra, 1554; o famoso livro de Raimundo Lullus *Ares Inveniva veritatis*, Valentia, 1515; e a soberba edição da *Cronice de Aragon*, de Lucius Marineus siculus, Valencia, 1524. Além destes e tantos outros livros preciosos e raros constantes da colleção Ameal, notamos ainda: a *Monarchia Lusitana*, de Bernardo de Brito, 1597; a rarissima versão, de D. Leonor de Noronha, da *Cronica Geral* de Marco Antonio Sabelico; o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, edição de Roma, por Estevam Paolino, 1640; a *Portugalia Monumenta-Historica*; o célebre *Atlas* do Visconde de Santarém; a *Historia Genealogica*, de Caetano de Souza; a *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado, 1741; as *Décadas*, a *Rópica* e a *Cronica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, em primeiras edições; o *Repertorio dos tempos*, de André de Avelar, na edição quincentista de Coimbra, 1590, cheia de curiosas xilografuras, e na de Lisboa, de 1602; uma colleção de 54 *Sermões* de autos de fé, quasi completa, etc. Dds livros mais importantes sobre o Brasil ou que interessam á nossa historia, notamos: *Coğrafia Brasilica*, de Avres do Casal, Rio de Janeiro, 1822, muito rara (n. 27); *Relaçam diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife, recuperaçam das capitarias de Itamaracá, Parahiba, Rio Grande, Ciará e Ilha de Fernão de Noronha*, por Francisco Barreto, etc., etc., de Antonio Barbosa Bacellar, Lisboa, 1654, in-4. fls. 16 (n. 209); *Brasil Pitturesco*, de Ribevrolles, Paris, 1861 (numero 331); *Nova Lusitania, historia da Guerra brasilica*, de Brito Freyre, Lisboa, 1675 (n. 344); *Viaje da Armada da Companhia de Commercio e Frotas do Estado do Brasil*, de Brito Freyre, Lisboa, 1665 (n. 344); *O Valeroso Lucideno e triumpho da liberdade*, de Fr. Manoel Calado, Lisboa, 1648 (n. 369); *Memorias da campanha do senhor D. Pedro d'Alcantara, ex-imperador do Brasil, no reino de Portugal*, etc., de Cunha Mattos, Rio de Janeiro, 1833 (n. 757); *Descripção geographica da America Portuguesa*, de escritor anonymo, interessante e valioso para o estudo de geographia e cousas do Brasil, de que foi editor Fr. Conceição Velloso, sem data nem lugar de impressão (n. 802); *Quitubia*, poema de José Basilio da Gama, publicado anonymo, primeira edição, Lisboa, (numero 1.050); *O Uruguay*, de Basilio da Gama, Lisboa, 1769, estimada e muito rara (n. 1.051); *Memorias para servir á historia do Reino do Brasil*, de Gonçalves dos Santos, Lisboa, 1825, muito rara (1.109); *Jornada dos Vassallos da Corôa de Portugal, para se recuperar a cidade do Salvador, na Bahia de Todos os Santos, tomada pelos olandezes, a oito de Mayo de 1624*, etc., de Bartholomeu Guerreiro, Lisboa, 1625, relação extremamente rara, interessante e mui estimada, e de muita valia para a historia das lutas contra os hollandeses, tendo o exemplar do leilão Samodães (n. 1.472) sido adquirido pelos livreiros londrinos Magg Bross pelo preço de 1:000\$, que o cotam actualmente por £ 52.10 (n. 1.134); *Cas-trioto Lusitano, empreza, e restauraçam de Pernambuco*, etc., de Fr. Raphael de Jesus, Lisboa, 1679, muito raro, (1.222); *Diario da navegaçam*, etc., de Pero Lopes de Souza, publicado por Varhagen, em Lisboa, 1839, pouco vulgar (1.371); *Viaçens ao interior do Brasil*, de João Mawe, Lisboa, 1819 (n. 1.479); *Relaçam verdadeira de tudo o succedido na restauraçam da Bahia de Todos os Santos*, est., etc., por João de Medeiros Correia, Lisboa, 1625, estampada sem o nome do

autor, interessantissima e de muito valor para a historia dos acontecimentos que descreve, rarissima (n. 1.486); *Obras oratorias de Monte Alverne*, Rio de Janeiro, 1853; *Relaçam da aclamaçam que se fez na capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao senhor rey Dom João IV*, etc., Lisboa, 1641, interessantissima para o conhecimento historico dos acontecimentos que relata e muito rara (1.914); *Relaçam verdadeira da entrada que o governador das armas Mathias de Albuquerque fez em Castella neste mes de Abril do anno presente de 1644, e successo de Montijo*, Lisboa, 1644, curiosa e rarissima (n. 1942); *Resposta anologetica ao poema intitulado o 'Uruguay' composta por José Basilio da Gama*, etc., Lugano, 1786, publicado anonymo, mas attribuido ao jesuita Francisco Romão, estimado e pouco vulgar (numero 1973); *Historia da America Portuguesa*, de Rocha Pita, Lisboa, 1730, primeira edição, muito rara (n. 2.024); *Santuário Mariano*, de Fr. Agostinho de Santa Maria, Lisboa, 1707-1723, 10 volumes, edição unica e muito rara e obra muitissimo estimada por ser fonte (vols. 9 e 10) copiosa de noticias e coisas do Brasil, além de classica (n. 2.123); *Orbe serafico*, etc., de Jabotam, Lisboa, 1761, rara (n. 2.128); *Istoria delle guerre del reano del Brasil*, etc., de Fr. G. Santa Tereza, Roma, primeira e unica edição, estimada e muito rara. (n. 2.133); *Tratado discriptivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Souza, publicada por Varhagen, Rio de Janeiro, 1851, edição primitiva e rara (n. 2.267); *Chronica da Companhia de Jesus*, de Simões de Vasconcellos, Lisboa, 1563, primeira edição, rarissima (n. 2.456). A colleção canoneana, ns. 379 a 456, é rica de edições valiosas. Figura na segunda parte do catalogo porção consideravel de manuscriptos genealogicos, historicos, religiozos, etc. de real interesse, oriundos em grande parte dos celebres archivistas da casa dos Souzas Coutinhos, que foram governadores no ultramar, membros da Regencia, embaixadores, ministros, secretarios de estado, homens de côrte e politicos, e de outras colleções afamadas. Dentre esses manuscriptos, são dignos de menção duas dezenas de *Executorias* illuminadas dos seculos XVI e XVII, uma Biblia do seculo XIV, um missal illuminado do seculo XV e varias arvores de costados. Ha varios escritos sobre o Marquês de Pombal e sua época, constituindo esta parte, sem duvida, secção importante do catalogo. Sob o numero 2.821, encontra-se uma série de vinte e tres peças relativas ao Brasil, sendo as mais interessantes as seguintes: *A extracção dos diamantes brutos*, 1802; *Relaçam da invasão feita em 1801 nas missões do Uruguay*; *Panel politico sobre o Estado do Maranhão, apresentado em nome da Camara ao Senhor Rey D. Pedro Segundo*, por seu procurador Manoel Guedes Aranha, 1685; *Mappa do movimento da escravatura para os portos do Brasil em 1807*; e *Memoria sobre a historia do estado de Pernambuco*, 1792. Também nos devem interessar alguns dos papeis concernentes á missão diplomatica do embaixador Souza Coutinho, que se occupou do tratado de paz e limites do Brasil em 1777, da questam da ilha de S. Catharina e outros assumptos nossos (n. 2.729), e a correspondencia particular de Lord Strangford dirigida do Rio de Janeiro a D. Rodrigo de Souza Coutinho em 1807 e annos seguintes (n. 2.745). Verificamos mais existir entre os papeis do lote n. 2.593 cópia, em letra do seculo XVIII, de uma 'Satvra de Gregorio de Mattos feita na Bahia'. Outras e muitas outras preciosidades regista o catalogo da livraria do Conde do Ameal, que, numa noticia succinta do seu conteúdo, tinham que escapar forçosamente á nossa analyse. Não obstante, ficam indicadas as princi-

paes especies bibliographicas nelle enumeradas, e assignalados aquelles dentre os livros que dizem respeito ao Brasil. E agora nos cumpre apenas tornar publico o nosso applauso aos catalogadores, que fizeram obra de escrupulosa, paciente e exhaustiva erudição, transformando um inventario bibliographico num excelente repertorio de informações, dados e commentarios para os estudiosos ou simples livreiros.

CAMILIANA

No Brasil, como em Portugal, tem Camillo Castello Branco innumerados admiradores e devotos, e até fanaticos, estes victimas da ganancia incontida de certos livreiros. O culto camiliano tem quasi accentos religiosos, e propaga-se não só entre intellectuaes, eruditos e letrados, mas, o que é sobremaneira singular, communica-se á classe modesta de amadores ou simples leitores. Ha ainda a assignalar que é principalmente no meio dos profissionaes da medicina e do direito que se encontram os mais ardorosos apreciadores do grande romancista português. Os camilistas são aqui sem conta, e as colleccões dos Srs. Coelho Neto, Simões Corrêa, João Marinho, Aloysio de Castro, Agenor Porto, Dionysio de Cerqueira, Francisco de Garcia Saraiva e Elycio de Carvalho passam por ser das mais opulentas, algumas, como as dos dois ultimos colleccionadores, enriquecidas de autographos originaes do mestre. O Sr. Garcia Saraiva por exemplo, acaba de adquirir precioso lote de autographos camilianos. Trata-se de cerca de 8 cartas do punho de Camillo e de 556 outras dirigidas na maior parte por escritores ao autor do *Amor de perdição* durante a longa carreira do eminente português. Destacam-se da referida collectanea 208 cartas de Antonio Feliciano de Castilho, o que já constitue thesouro á parte e muito cobijado por quantos estimam ou admiram o opulentador e o mais castiço cultor da lingua, 7 de Alberto Pimentel, que foi grande amigo de Camillo, 4 do poeta Bulhão Pato, 4 de Custodio José Vieira, tão intimamente ligado á biographia do romancista, 3 de Gonçalves Crespo, 6 de Ignacio Pizarro Moraes Sarmiento, 16 do projecto bibliographo Innocencio da Silva, 7 de Silvestre Ribeiro, 5 de D. Maria Vaz de Carvalho, 2 de Pinheiro Chagas, 5 de monsenhor Pinto de Campos, traductor brasileiro da *Divina Comedia*, 3 de Ramalho Ortigão, 8 do padre Senna Freitas, e 64 do Visconde de Azevedo, erudito e dilecto da casa de São Miguel de Saide. Ha ainda uma longa carta de Lady Jackson, em inglês, com esta nota de Camillo: 'A authora do *Formosa Lusitania* queixando-se de mim que a encommodei nas notas á traducção'. Por fim, faz parte da colleccão, authenticando-a, uma carta de Camillo, datada de 20 de Setembro de 1882, que acompanhou os mencionados autographos quando cedidos ou offerecidos ao primitivo possuidor, cujo nome se mantem em reserva. Referindo-se ao genero e ao valor desses documentos intimos, que delles se desfez o destinatario oito annos antes de sua morte, escreveu: 'V. Ex. entre muitas cartas de interesse, encontraria inutilidades, que só decorridos 30 annos, quando V. Ex. volver olhos á juventude, lhe hão de parecer documentos ethnographicos e talvez sejam elementos nas paginas que V. Exa. escrever dos homens de letras desta quadra que a minha morte fechará *daqui a mezes*. As cartas mais antigas que conservava e lhe envio são as de Ignacio Pizarro, o tão preconizado author do "Romanceiro Portuguez", que foi o encanto das raparigas minhas contemporaneas. Fui muito amigo desse homem que morreu obscuro depois de vinte an-

nos gloriosos em Lisboa onde se distinguio pela formosura e pelo talento, — *talento* em relação a uma época de românticos muito ignorantes que esfervilhavam á roda de Garrett. Tambem lhe envio não sei que mais de mulheres letradas, e um fragmento da illustre *Suicida* cuja historia lhe mando impressa". Concluia Camillo dizendo: "Tem V. Exa. muito que lêr nas noites de inverno, quando o enfastiarem os theatros. Decerto encontrará nas cartas de Castilho, Antonio Augusto, etc., muitas apreciações de homens contemporaneos, cujo melindre na divulgação V. Exa. compreenderá. O certo é que alguém no futuro, os seus filhos, quando estudarem esta época, terão bons auxilios nesses papeis. O que elles e V. Exa. devem registrar é o que ahi encontrarem de louvor exagerado para mim" Traz ainda a carta em questão este *post scriptum*, assaz curioso, e não deixarei passar a oportunidade para aqui registá-lo. "Em 1860 queimei todos os papeis que possuia, resolvendo sahir de Portugal. Nesse incendio perdeu-se uma correspondencia que tive com Herculano em 1856 a 1859. Esse illustre e exquisito homem rompeu comigo as suas relações quando ao seu honrado pudor

ANTERO DE FIGUEIREDO

Na sua sessão de 3 do corrente, a Academia Brasileira de Lettras prestou uma significativa homenagem ao illustre escriptor portuguez, Sr. Antero de Figueiredo, elegendo-o seu socio correspondente, na secção portugueza, em substituição a Theophilo Braga. E' o autor de *Leonor Telles* um nome tão conhecido e admirado no nosso paiz, que se torna desnecessario ajuntar quaesquer referencias a essa nota, em que registamos o gesto da Academia de Lettras, para quem são as nossas felicitações, não só pelo acerto da escolha, como por ter vinculado por mais esse laço o illustre e poderoso escriptor á mentalidade brasileira. Ainda ha pouco tivemos ensejo de publicar um estudo sobre a sua personalidade litteraria, da autoria de nosso Director, no qual o perfil de Antero de Figueiredo é debuxado com firmeza e segurança, permitindo aos leitores um conhecimento exacto de sua obra e dos seus admiraveis valores. Em Portugal é considerado como uma das mais altas expressões intellectuaes modernas e, nessa qualidade, vem com muita justiça, succeder o grande Theophilo Braga.

chegou a noticia de que estava processado por adulterio! Os seus biographos ignoram esta virtude, digna de Fr. Antonio das Chagas e do Conselheiro Viale." Tal é o thesouro, preciosissimo e unico, que veio parar ás mãos do nosso amigo Sr. Garcia Saraiva, já agora nababesco camilista, perturbando o somno dos menos aquinhoados colleccionadores de obras e reliquias do insigne prosador. Quanto á outra colleccão de autographos de Camillo, existente no Brasil, compõe-se de perto de 40 cartas do romancista, mais da metade ineditas, e entre estas varias endereçadas ao poeta Faustino Xavier de Novaes, e outras já publicadas por Silva Pinto. A proposito, sabemos que se encontram no Rio de Janeiro os originaes do *Anathema* na posse dos quaes está conceituado negociante, e bem assim fomos informados de que foram recentemente offerecidos particularmente á venda os manuscritos do famoso romance

Amor de perdição pelo preço de libras 1.000 ou sejam 40:000\$ brasileiros. As colleccões camilianistas do Brasil cada dia se enriquecem, máo grado as cotações elevadas, e para varias especies não justificadas, a que atingem os livros, opusculos e impressos do celebrado autor. As vezes o alto custo da obra é provocada exclusivamente pela vulgar ambição de colleccionadores endinheirados aliada á ausencia de escrupulo do livreiro. Neste sentido poderiamos citar alguns exemplos documentando a parvoice blasonada de um amator retardatario.

Archivo literario

Delfim Guimarães, nome vantajosamente conhecido no Brasil, principalmente por sua interessante monographia ácerca de "Bernardim Ribeiro e o poeta Crisfal", tão controvertido, dirige e redige desde algum tempo o "Archivo Literario". A publicação está no terceiro tomo e apparece em Lisboa, editorada pela Livraria Guimarães & C. Traz sempre copiosa docommentação, commentarios e notas concernentes á historia litteraria portugueza antiga e moderna, e mais de um problema de erudição tem sido tratado ou agitado pelo seu director, com competencia, probidade e abundancia de factos. Para aquilatar-se da importancia da revista, basta ver a relação de alguns estudos insertos nos citados tomos, publicados, o primeiro no ultimo trimestre de 1922 e os outros dous no primeiro e segundo trimestres de 1923. No summario do unico fasciculo de 1922, figuram, entre outras cousas, *Um escandalo na corte no seculo XVII, Notas á margem dos "Novos estudos sobre Sá de Miranda" de Dona Carolina Michaelis, Diogo Bernardes e Agostinho Pimenta, Um romance apocripho attribuido a Bernardim Ribeiro, Os Tavoras na obra de Diogo Bernardes, "As Sentenças" de D. Francisco de Portugal e Frei Thomaz de Sousa. No tomo II, encontram-se O poeta da "Lyra Meridional", A data do nascimento de Sá de Miranda, No seio da Virgem-Mãe, Em prol de Bernardim Ribeiro, etc. No terceiro, destacam-se os seguintes artigos: Um livro de Theophilo Braga annotado por Camillo, Raul Soares e a lenda do Crisfal, Autos de Gil Vicente, O condestavel D. Pedro de Portugal e Lições de Castilho. O estudo intitulado Raul Soares e a lenda Crisfal, que será transcripto nesta revista, quando concluida a sua publicação, é trabalho que muito se recommenda pela sabia argumentação do autor, que defende a thèse contraria á que empresta existencia real a Christovam Falcão como poeta e autor da encantadora egloga chamada "Crisfal" e affirma que Christovam Falcão é Bernardim Ribeiro. Se a monographia de Delfim Guimarães sobre o assumpto é trabalho que honra a erudição portugueza, o referido artigo, embora não estampe facto novo que melhor esclareça o problema, reforça os argumentos anteriores e desfaz as objecções do contradictor brasileiro. Aos novos eruditos criticos e escriptores recommendamos o *Archivo Literario* de Delfim Guimarães, merecedor que é da estima e do apreço de quantos amam as boas letras.*

LUSITANIA

Sob o patrocínio de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, nome que dispensa referências, porque encarna uma das mais formosas reputações de erudita da península, appareceu em Lisboa a revista de estudos portugueses *Lusitania*. A iniciativa é de um grupo de conhecidos intellectuaes a cuja frente se encontra Afonso Lopes-Vieira, que, como poeta, rejuvenesceu o lirismo lusitano e, como escritor, orienta a consciencia nacional para as fontes tradicionalistas da historia, da politica e do pensamento que crearam a patria de Nunalvares, D. Henrique, D. João III, Gil Vicente, Camões e Garrett. Traçado em poucas linhas, breves mas energicas e expressivas, é o programma illuminado pela fé invicta no soberbo destino de Portugal, que renasce ao lampejo da intelligencia moça, vigorosa e destemida das gerações actuaes. "Aspira a *Lusitania* a ser um órgão da nossa cultura, pôsto ao serviço da Reconstrucção Nacional. Órgão independente, empresa espirital — pois nem sequer tem a Revista outro editor que não seja a sua própria redacção — vem esta publicação enquadrar-se no grande movimento de recreiação do Espirito da Pátria, para o servir com sinceridade pura, isenção honrada e fé ardente na verdade imortal e pairante sobre o mediocre, o contingente e o provisório. Amamos e queremos servir a Terra Lusa em todas as irradiações da sua alma avoenga e contemporanea. Eis o nosso programa. Condensaremos, indo buscá-lo fóra de Portugal, o tão importante (e tão desconhecido do público) movimento de Estudos lusófilos, cuja bibliografia achará nesta Revista o seu verdadeiro lar. Iremos arquivando e desenvolvendo o patrimônio da Cultura nacional, integrando-o, com seu carácter próprio, no da Cultura universal, de que êle foi tão decisivo elemento na civilização e na beleza do mundo. Com êste fim, pediremos a todos os valores autênticos da sociedade mental portuguesa que nos ajudem em nosso trabalho. Mas jamais mediremos o valor de cada um pela cotação official que o decorar no Estado. Desejamos em as nossas páginas todos os escriptores novos que revelarem antídotes de construcção. Na secção bibliográfica, a que daremos a mais larga e cuidadosa atenção, permitimo-nos fazer referencia apenas ás obras que interessarem ao plano literário, artistico e scientifico da nossa Revista. Queremos comunicar com o espirito do mundo; mas, por vastos motivos de intelligência e sentimento, elegemos por mais próximos e mais caros aos fins do nosso trabalho o Brasil — filho grandioso e gentilissimo da acção de Portugal — e a Espanha, nossa irmã peninsular. E ao depor nas mãos do Leitor o primeiro fasciculo da *Lusitania*, rogar-lhe-hemos que atenda com amorável cuidado ao animo que nos inspira, nos guarda e nos norteia." Ha tanta flamma, tanto fervor e tanto orgulho nestes periodos rutilantes que vale esse programma por um canto de esperanza, um poema de renascimento ou um hymno de alleluia. Nelle transparece, com a ansia de lutar e a paixão de epopéas ardentes, um ideal integralmente luso. Summula das aspirações da raça neste turvo periodo

da historia universal, *Lusitania* assignala o começo de um movimento de altissima belleza, que será fecundo e decisivo para a idealidade portuguesa.

O CENTENARIO DE CAMILLO

Será dignamente celebrado no anno de 1926 em Portugal o primeiro centenario do nascimento de Camillo Castello Branco. Para esse fim, acaba de constituir-se em Lisboa uma commissão composta de homens de letras, jornalistas e notabilidades politicas. Ficou decidido que seria erigido um monumento á memoria do grande romancista, publicada uma edição popular das suas obras e or-

OS MEUS LIVROS

Digo dos meus livros o que um pai diria dos seus filhos: gosto de todos; uns são mais intelligentes do que os outros, mas não tenho especial estima por qualquer. De resto os meus 150 volumes obedecem todos a um plano geral... a obra meditada e laboriosamente executada. Foram publicados, por acasos... Um dia o livreiro Moraes comprou em leilão da alfandega, muito baratos, quatro fardos de papel que tinham cahido ao Tejo; publiquei a "Introduccção á historia da litteratura portugueza"; noutra occasião houve uma crise de trabalho na industria typographica e os typographos não tinham que fazer: publiquei o "Sá de Miranda" e depois "O Gil Vicente". De 1870 a 1873, publiquei 14 volumes, porque Camillo inventara os livreiros editores e alguns delles, para se tornarem conhecidos, queriam publicar coisas. Só assim, por casualidade, se explica que eu pudesse publicar 150 volumes e mais de 50 folhetos, num meio accessivel apenas a obras pornographicas, a manuaes de civilidade e a cartilhas religiosas. Esses livros todos, embora de especialidades diferentes, obedecem a um plano e constituem uma obra. Posso dizer que estou contente com a minha velhice. A velhice não é a idade da decadencia, mas a da sublimação. Na minha idade, perdidos os impulsos de rapaz a gente pacifica-se e as intrigas já não molestam. É uma idade nova, esta. E tem a vantagem de dar alegria; lembre-se você do velho Anachreonte e de Sophocles, que aos 80 annos representou a sua "Electra"

THEOPHILO BRAGA.

ganizada uma *Anthologia Camiliana*. No Brasil os admiradores do autor do *Amor de Perdição* não deixarão passar despercebida a data gloriosa.

Iberismo

Lemos no *Diario de Noticias*, de Lisboa, uma interessante chronica que lhe enviou o seu correspondente de Pariz, Sr. Jorge Guerner, sobre o livro de Albert Mousset, agora apparecido na capital franceza, intitulado — *A Espanha na Política Mundial*,

em que o seu autor estuda a politica espanhola de 1873, quando se fez a restauração dos Bourbons até nossos dias. Dessa correspondencia extrahimos o seguinte trecho, sobre as relações luso-hespanholas e o iberismo:

"A parte referente ás relações hispano-portuguezas, na qual o autor teve o ensejo de citar algumas das importantes declarações do Rei de Espanha ao director deste jornal, é redigida com evidente conhecimento de causa e um sentimento justo das realidades e das possibilidades. Referindo-se a certas manifestações de "iberismo", produzidas durante a guerra em certa imprensa e em certos meios politicos hespanhóes, o Sr. Albert Mousset escreve:

"No fundo, o iberismo peccava mais ainda pela sua definição que pela sua subordinação arbitraria e circumstancial aos interesses allemães. Era uma utopia doutrinal sem valor pratico nem applicação concreta. Inspirava-se para alguns numa especie de imperialismo sentimental, em que sobreviria a velha lenda espanhola que prediz a unidade da Península sob a hegemonia de Castella. Para outros baseava-se nesse "nacionalismo geographico" em virtude do qual um espanhol que lance os olhos sobre uma carta se alarma ao ver a fronteira portugueza cortar perpendicularmente as grandes vias de communicacção fluv'aes do seu paiz. Mas essa inquietação é antes de ordem economica e não solicita uma intervenção politico-militar.

O publicista francez entende que para que uma collaboração economica seja possível entre os dous paizes peninsulares, é preciso que elles aprendam a conhecer-se melhor reciprocamente. É preciso, sobretudo, e antes de tudo, segundo elle, "desenraizar as desconfianças instinctivas do lado de Portugal e as ambições desmedidas do lado da Espanha."

Esse, aliás, é o ponto de vista da mentalidade dos dous paizes, empenhada agora, mais do que nunca, num entendimento cordial, destinado a produzir os melhores e mais fecundos resultados.

E de C.



BREVEAMENTE

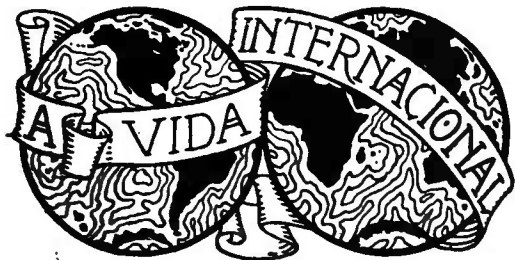
HISTORIA DA MUSICA BRASILEIRA

DE RENATO ALMEIDA

Editor: ALVARO PINTO

ANUARIO DO BRASIL

REPERTÓRIO



Uma doutrina de Nordmann sobre os continentes

O professor Charles Nordmann, cujo nome se tornou conhecido pela sua recente obra de divulgação da theoria de Einstein, teria fundamentado uma nova doutrina geologica, pela qual os continentes seriam massas fluctuantes. E' o que nos informa o communicado do Sr. O'Brien, na United Press. Diz elle: "A terra firme, como nós chamamos aos cinco continentes de que se compõe o nosso planeta, vai-se tornando uma palavra vã, pois ha nella quasi tão pouca firmeza quanto nas ondas revoltas dos sete mares que se quebram contra as suas costas. E' isso o que nos diz o professor Charles Nordmann, eminente astrônomo e geologista da Universidade de Pariz. Annuncia o professor Nordmann que as recentes tempestades e furacões no Atlantico reflectiram-se nos scismographicos do observatorio do Parc Saint-Maur como se fossem tremores de terra. Conclue elle dahi que a tremenda força das vagas faz estremecer a parte occidental do continente europeu, de forma tão apreciavel, que os seus effeitos são sentidos a centenas de milhas. Os continentes, segundo recentes theorias que o professor Nordmann examina, não constituem massas immoveis, ao contrario, são de certo modo fluctuantes sobre um stractum inferior, mais espesso do que a crosta terrestre. Esse stractum é o que constitue o leito dos oceanos. Torna-se assim possivel que a formidavel força dos mares possa fazel-os mover, embora ligeiramente. Modernos geologistas affirmam que os continentes, ha alguns milhões de annos, eram todos ligados. Basta olhar para o mappa-mundi, dizem elles, para se verificar este facto; os contornos da Europa occidental, por exemplo, ajustam-se exactamente aos da costa da America no Atlantico. Elles encaram mesmo a hypothese da "desapparecida Atlantis", que outr'ora teria formado o traço de união entre o Velho e o Novo Mundo, como uma hypothese perfeitamente scientifica."

A questão romana

Ao que se annuncia, vão sendo feitas as primeiras tentativas para resolver a velha pendencia entre o Governo italiano e o Vaticano, resultante de incorporação á Italia dos estados pontificios, em 1871, por occasião da unificação da península num só reino. Desde então o Pontifice se considerou prisioneiro do Vaticano, voluntario já se vê, pois a chamada lei das garantias o reconhece como soberano, cujas honras lhe seriam tributadas, se atravessasse o territorio italiano, além de que é tambem reconhecida a extra-territorialidade do Vaticano. As nações evitaram to-

niar conhecimento da questão, que permaneceu aberta. Até Pio X nenhum passo foi tentado para resolver o *statu-quo*, mas Bento XV iniciou uma politica de aproximação, bem recebida e secundada pelo Quirinal. Quando a 6 de Fevereiro de 1922, o cardeal Ratti foi eleito Papa, pela primeira vez, depois de 1871, vem abençoar o mundo *Arbe et Orbi* da loggia central do frontespicio de S. Pedro. Quando S. S. appareceu, as tropas italianas, formadas em frente da Basilica apresentaram armas, em honras do Soberano. A repercussão desse gesto, mesmo no Vaticano, foi muito profunda, e desde então as possibilidades de resolver a pendencia passaram a um plano de cogitações mais immediatas. Com o advento do Governo fascistas, sabe-se que Mussolini declara com muita sympathia essa possibilidade,



S. S. Pio XI

annunciando que a formula de accôrdo será a seguinte: o Governo italiano entregará á Santa Sé a collina vaticana nos seus limites naturaes e com todos os seus edificios, e construirá um grande palacio, destinado aos cardeaes. A Santa Sé, por sua vez, entregará ao Governo italiano todas as propriedades que possue na cidade de Roma e em que se acham alojados os cardeaes. A Liga das Nações garante a independencia do Papa, que será considerado como soberano independente, sendo concedido á Santa Sé o estatuto de Estado independente. Quanto as formulas é de crer que a discussão não tenha chegado ainda a esse periodo, mas o certo é que a idéa de solução do clero entrou decisivamente nas cogitações dos dous Governos: o pontificio e o italiano, sendo de crer que cheguem a termo feliz. E assim, mais

uma vez, a prophesia de São Malaquias, em 1590, se confirmará, realizando o pontificado de Pio XI a sua definição lapidar *Fides intrepida*, succedendo á *Religio depopulata*, do seu antecessor.

Os maiores geradores hydro-electricos

O salto de Niagara, a mais celebre fonte particular de força hydro-electrica, nos Estados Unidos, aumentará ainda mais a sua transformação de energia electrica, por meio de dous gigantes geradores, os maiores fabricados até hoje, e que serão installados no lado americano do grande salto, produzindo cada um 87.000 H. P., ou seja uma energia equivalente á força muscular de 375.000 homens. Cada gerador pesará 700 toneladas e terá uma altura de 35 pés e terá um diametro tambem de 35 pés, o que os faz os maiores do mundo, tanto em tamanho, quanto em capacidade. Calcula-se que, com os novos geradores, a força produzida no Estado de Nova York seja de 4.2 milhões, contra 1.3 de milhão que tem sido produzidos. Os 4.2 milhões de H. P. a produzir, de energia hydro-electrica, em sendo produzidos, economizariam 40 milhões de toneladas de carvão mineral, ou seja mais do que o necessario para accionar todas as industrias, emprezas e ferro-carris, de sorte que o carvão se usaria apenas para aquecer as casas. Além disso, essa economia, deixaria para outros fins 500 toneladas e 15.000 wagons, destinados actualmente ao transporte de carvão e mais de 400 milhões de dollars de material ferro-viario. O custo mais reduzido de energia hydro-electrica economizaria por anno 140 milhões de dollars.

Exposição do Imperio Britannico

Em dias do corrente mez, no Wembley Park de Londres, será inaugurada a Exposição do Imperio Britannico, que mostrará ao mundo todo o esforço, toda a grandeza e toda a magestade dessa grande sociedade de nações livres, que, sob a corôa de S. M. o Rei da Inglaterra constitue o maior imperio do mundo. Nesse certamen, haverá como que uma demonstração collectiva de todas as possibilidades britannicas, nas multiplas variedades de acção, de terras diversas, em todos os continentes, sob todos os climas, de innumeras raças. Será, de certo modo, uma manifestação visivel do que significa o Imperio, com as suas gentes varias, todas livres, vivendo numa larga cooperação, para a maior grandeza collectiva. Essa é que se exhibirá, em toda a propulsão de suas industrias e de seu commercio, realizando o formidavel poder economico britannico, alicerce de seu prestigio universal. A idéa dessa Exposição foi proposta em 1913 pelo fallecido Lord Strathcona e se a guerra impedia a sua realização a seguir, o plano não ficou em olvido. Em 1919, voltou o assumpto á ordem do dia e o *Board of Trade* o aprovou, e S. M. o Rei houve por bem tornar-se o Patrono da idéa. Não tardou que o gabinete, pelos R. H. Visconde Miller, secretario das Colonias, e Sir Robert Horne, presidente do *Board of Trade*, tambem a adoptasse. Por fim, por proposta de Hon. Thomas

Walt, quando Theoureiro da União da Australia, apontado pelo Hon. Sir George Perley, Alto Commissario do Canada, ficou resolvido, numa reunião na Mansion House, sob a presidencia de R. H. Lord Mayor de Londres, aceitar inteiramente o projecto de uma Grande Exposição em Londres, para propulsão commercial do Imperio, dando-lhe todo o apoio possível. Em 23 de Dezembro de 1923, um acto especial do Parlamento autorizou o Governo de S. M. a contribuir para a Exposição, sendo então feito o convite official aos dominios pelo Ministerio das Colonias e, por proposta do Alto Commissario da India, foi escolhido este anno para a sua realização. A Exposição que, como dissemos, será num dos mais bellos parques de Londres, no Wembley Park, terá varios pavilhões, salientando-se o Pavilhão do Governo Britannico, onde serão expostos os varios serviços officiaes e semi-officiaes, nos diversos ramos de actividade governamental. Os dominios coloniaes e dependencias do Imperio se representam por varios pavilhões, muitos delles em eslylos locais, dando um aspecto curioso e singular ao Grande certamen. Haverá ainda palacios para exhibições especiaes, salientando-se o da Engenharia, onde todos os seus progressos industriaes são expostos, em electricidade, viação, construcções navaes, mecanica, e o das Industrias, que merece especial referencia. Nessa exposição figura todo o esforço prodigioso da manufactura brillannica e se subdividem em varias secções; industrias chimicas, de fiação, textis, relojoaria e cutelaria, instrumentos de musica, de sciencia, de sapatos, chapéos, etc., ao todo 22 secções. Haverá ainda o modelo de uma mina de carvão, para dar uma idéa, incompleta embora, dos problemas da industria carbonifera e do seu extraordinario progresso, secções especiaes de agricultura, de arte, um grande stadium para 125.000 pessoas, parque de diversões, jardins, etc., tudo, porém, com referencias definidas ao progresso e desenvolvimento do Imperio. Destarte, a "British Empire Exhibition" que se realizará em Londres, em Abril a Outubro deste anno, será o espelho vivo de toda a grandeza e de todo o futuro do Imperio Britannico, na sua vertiginosa ascensão.

O socialismo

Para demonstrar o progresso socialista na Europa, que parece o pensamento dominante na politica do velho Continente, foi feita uma estatística dos deputados socialistas nos varios parlamentos e a percentagem que representam. E' preciso recordar que, em 1900, no parlamento inglez só se sentaram 9 trabalhistas e hoje o Governo é trabalhista, na Alemanha estavam, longe do poder, de que dispõem agora, enfim, que era minguada a sua representação, no entretanto em nossos dias é a seguinte:

PAIZES:	Dep.	%
Austria	67	40.2
Belgica	68	36.6
Tcheco-Slovaquia	82	28.
Dinamarca	48	32.
Inglaterra	192	40.
França	50	8.6
Italia	41	7.7
Hollanda	20	20.
Hungria	25	10.2
Polonia	41	10.
Noruega	8	5.3
Suecia	93	40.4
Suissa	43	21.7

Embora o numero de socialistas declarados na Camara franceza não tenha augmentado desde o começo do seculo, não deve ser esquecido que, além do partido socialista official, ha 48 membros, que constituem os grupos radical e radical-

socialista, 30 do grupo socialista republicano e 15 communistas, o que eleva a 179 a representação socialista, designando-se com isso todos aquelles que pretendem uma modificação mais ou menos radical do regimen capitalista da sociedade.

O Presidente Ebert

Friedrich Ebert, a quem o destino confiou a suprema direcção dos negocios de Alemanha, depois da revolução triumphante de 9 de Novembro de 1918 e que foi eleito seu presidente em 11 de Fevereiro de 1919 até 1925, se não é uma figura empolgante, ou um estadista de meritos notaveis, tem tido a sabedoria de comprehender a situação de extrema difficuldades do seu paiz, ao meio das dissidias parlamentares e dos tempestades revolucionarias, orientando-a com prudencia e calma e isolando a sua autoridade suprema da enxurrada de tantas paixões delirantes. Não é um guia da nação, mas é um vigilante attento, procurando accommodar as situações, aplinar as difficuldades, resolver os embarços. Tem assim evitado maiores perturbações e seguido "uma politica honesta de conciliação".



Presidente Ebert

como definiu a sua acção o Dr. T. Heuss. Filiado ao partido social democrata, em 1905, foi feito membro da Comissão executiva desse partido, que, em 1912, o elegeu ao Reichstag, onde a sua acção sempre se caracterizou por uma grande moderação, mesmo durante a guerra, na qual perdeu dous filhos, dos v que nella combateram. Quando foi da revolução de Novembro de 1918, que derrubou a monarchia, Ebert aceitou a responsabilidade do poder, que lhe entregou o ultimo chanceler de Guilherme II, o principe Max de Baden, tendo merecido a confiança do povo, para ser o presidente da Republica, através do voto do Reichstag, que prorrogou, contra a sua vontade, o mandato até 1925. Pela constituição do Reich, o presidente deve ser eleito por suffragio directo, mas Ebert o foi pelo Reichstag, para evitar a exaltação popular, neste periodo de agitações, com uma campanha presidencial. O presidente Friderich Ebert nasceu a 4 de Fevereiro de 1871, filho de um artista de Heidelberg e conta portanto 53 annos.

A radiotelephonia

A radiotelegraphia, nos Estados Unidos, já tem um capital investido superior a um bilhão de dollars. As 75 casas que produzem aparelhos e pertencem radiotelephonicos, têm um capital de cerca de \$ 1.900.000.000. Segundo as principaes autoridades da industria, mais de 100.000.000 de dollars foram investidos, de dous annos a esta parte, em construir aparelhos transmissores. Ha 600 estações transmissoras, gastando \$ 30.000.000 por anno, para uso da nação. Calcula-se que o publico gastasse, na compra de 3 milhões de receptores, \$ 100.000.000. A venda de petrechos para o fabrico de aparelhos feitos em casa é tambem um factor consideravel, tornando-se impossivel uma estimativa, tal a quantidade e variedade. O progresso nos demais paizes não é menos assombroso. Estações transmissoras de grande potencia se installam em toda parte na Europa. No Extremo Oriente uma empresa americana está construindo uma estação na China destinada a comunicar-se com as estações de Radio Corporation da America, no Haiti e California.

Um homem extraordinario

Cousa rara hoje em dia, mas realmente o Sr Syyid Cheikk Achmed Abdullah Nadir Khan el-Iddrissich el-Durani, desde o nome, é extraordinario! Nasceu em Kaboul (Afganistão) em 12 de Maio de 1881 do Calendario gregoriano. Meio madchu pela origem, official boxer, depois capitão no exercito inglez nas Indias, acabou a sua vida militar como major-general do exercito turco. E' escriptor e Mme. Clémenceau-Jacquemaire acaba de traduzir para o francez *The honourable gentleman and other*. Actualmente está em Nova York, onde fez representar, em 1921, o *Grand-Duc* de Sacha Guitry, que adoptou em collaboração com Lionel Atwill e prepara para o grande producer David Belasco uma peça, na qual o mar terá o principal papel. Em francez escreveu *Chansons couleur puce* (1900) e, no mesmo anno, uma peça *La carotte* representada em Pariz. Esse homem surpreendente tem 42 annos e ainda poderá nos espantar muito.

Os maiores judeus

A *Jewish Tribune*, de Nova York, fez um inquerito para saber quaes os doze judeus contemporaneos mais eminentes e o resultado, pelos votos de seus leitores, foi o seguinte:

Einstein, (allemao) o maior physico do mundo, cujas theorias revolucionaram a Cosmologia; *Brandes*, (americano) (?) o grande critico literario; *Weizmann*, (inglez) o notavel chimico, chefe do movimento idealista do Sionismo; *Lord Reading* (inglez) adv gado de grande nomeada; *Marshall*, (americano), grande constitucionalista; *Braudels* (americano) Juiz da Corte Suprema; *Zangwill* (inglez), escriptor de alto merito e defensor da causa judia; *Nathan Straus* (americano) cujo nome de philanthrophi é assás conhecido; *Bergson* (francez) o maior philosopho contemporaneo; *Stephen Wise* (americano) rabino de reputação mundial; *Bialik* (russo) que faz reviver a antiga lingua do seu povo em poemas; *Schmitteter* (austriaco) um dos grandes escriptores modernos.

Lenine

Na *Grande Revue*, Mme. Tatiana Alexinsky escreveu as suas impressões sobre Lenine e dellas extrahimos o seguinte: "Não tendo nunca visto Lenine de perto até a revolução de 1905, pois sempre viveu no estrangeiro, faziamos delle a idéa de um revolucionario "sans peur et sans reproche...". Assim, tive uma decepção ao vel-o, em 1906, num meeting nos arredores de Petersburg! Não foi somente a sua figura que me

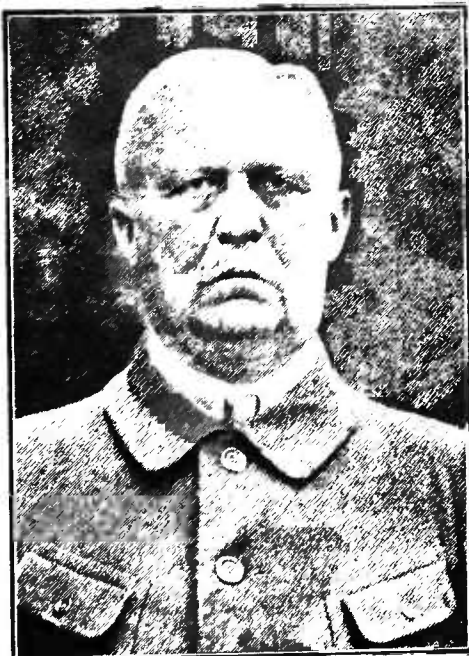
impressionou desagradavelmente: calvo, coiu uma barba amarelada, maçãs mongoes e um olhar sem bondade, mas também a sua conducta durante o meeting. Quando se viu a cavallaria carregar a multidão e gritarem "Os cossacos!", Lenine foi o primeiro a fugir. Saltou por debaixo de uma barreira; seu chapeo côco cahiu, pondo a nu o seu craneo que suave e brilhava ao sol. Cahiu, levantou-se e continuou a correr... Experimentei um sentimento singular. Sabia muito bem que não tinha outra cousa a fazer senão salvar-se. Mas ainda assim... Penso em Baokounine e prefiro esquecer o meu primeiro encontro com Lenine." Outras anedoctas sobre Lenine revelam o seu character solitario e perfido, de uma grande firmeza, mas machiavelico.

Foch julgado por Henry Wilson

Lord Riddell que servio na Conferencia de Versalhes como intermediario entre Lloyd George e os jornalistas, acaba de publicar uma interessante opinião do general inglez Sir Henry Wilson sobre o marechal Foch. "Quasi todos os outros militares — diz Sir Wilson — procuram raciocinar até o fim. O proprio Foch raciocina até um certo ponto e ahi chegando mentalmente dá um salto, um salto que quasi sempre lhe é bem succedido. Foi o que fez numa das crises mais graves da guerra. Todos os outros chefes queriam seguir um certo plano e nós todos apoiavamos nossas opiniões em argumentos. Foch era de parecer contrario; seguia a nossa argumentação até certo ponto, e então, mentalmente dava um salto. Nesse momento, teve a coragem e a determinação de conservar-se fiel á sua opinião e os acontecimentos lhe deram razão."

O processo Hitler-Ludendorff

Depois de longos debates, que se prolongaram por mais de um mez, a Côte de Justiça de Munich proferiu o seu *verdictum*, no processo movido contra os "leaders" do movimento sedicioso da Baviera, de 8 de Novembro de 1923, a cuja frente estavam o Capitão Adolf Hitler e o feld-Marechal Eric von



Eric von Ludendorff

Ludendorff. Como se sabe, aquelle foi condemnado a cinco annos de prisão, e este declarado "não culpado", absolvido portanto, sendo os demais cumplices condemnados a penas menores. São conhecidos os pormenores do processo, através dos telegrammas, mas vamos dar o resumo do interrogatorio de Ludendorff perante a Côte Suprema, cujo pre-

sidente se dirigiu ao Marechal, sentado entre os réos, nestes termos:

"Posso solicitar-lhe a exposição da sua attitude no curso dessa questão?" Respondeu Ludendorff: "Fui levado á tentativa de 21 de Outubro, quando soube que o Estado bavaro obrigara juramento á Reichswehr, acto em que vi uma mutilação e uma violencia á Constituição. Posto não seja partidario da Constituição de Weiner, devo fazer essa declaração. Envelheci sob o peso da guerra e amo o povo. Ao que me parece, a decadencia do meu paiz e as desgraças sobrevindas ao meu Imperador e á familia Wittelsbach não são imputaveis ás violencias externas, mas á propria Alemanha. Sou inimigo do maxismo e do communismo; o judeu não pôde comprehender o que temos no coração e o povo não deve esperar delle a liberdade; é por isso que sou contra os judeus"

Se Ludendorff é antisemista, não sympathisa tampouco com os ultramontanos. Verificou, depois da guerra, que eram devidas, em grande parte, á politica do centro, as perdas territoriaes da Alemanha. Em 1918, a Baviera queria concluir uma paz em separado. Ludendorff entrou em relações com Von Kahr. Em 1920, cogitava-se nos meios de Von Kahr da questão da incorporação da Austria, sem a Baixa-Austria e Vienna á Confederação allemã, e Ludendorff combatu essa idéa como anti-allemã, porque os catholicos teriam então preponderancia na Alemanha e a Prussia protestante seria sacrificada. Mostrou-se irritado com o Papa, a proposito do discurso de S. S. na canonisação de Joana d'Arc.

"Para mim, Ludendorff, — concluiu o famoso cabo de guerra — os meios dirigentes do partido popular bavaro faziam uma politica que desviava a Alemanha do seu verdadeiro caminho"

Embora absolvido, por sentença cujas razões politicas parecem prevalecer sobre as judiciais, Ludendorff, ao que consta, será convidado a abandonar o territorio bavaro.

Bibliotheca Ibero-Americana

Inaugura-se em Washington a "Bibliotheca Ibero-Americana", na Universidade Catholica dessa capital, constante de 40.000 volumes e folhetos, e que foi offerecida a esse Instituto pelo Sr. Oliveira Lima, escriptor e diplomata brasileiro. A entrega dessa valiosa bibliotheca revestiu-se de grande solemnidade, tendo o Sr. Oliveira Lima, ao offertal-a, explicado a sua significação, pois "não está destinada a ser uma necropole de livros velhos, muitos delles embora raros e valiosos. Estabelecerá relações com os centros de cultura da America Latina, afin de obter novas publicações e assim permittir aos leitores uma vista contemporanea do seu movimento intellectual. Pretendo dedicar-lhe, bem como á minha cadeira, o melhor da minha experiencia e da minha diligencia." Agradecendo a bibliotheca, o Reitor da Universidade, o Bispo Shahon, abundou nas mesmas considerações dizendo que a ella "nenhuma outra ultrapassa para o fim do conhecimento do grande continente franqueado aos filhos da velha Europa pela fé de Colombo e pela generosidade de Isabel, elles (a Sra. e o Sr. Oliveira Lima) decidiram presentear a Universidade Catholica da America como um eloquente e permanente penhor da boa vontade do mundo ibero-americano para com os Estados Unidos da America. E' na verdade um singular privilegio assistir ao nascimento de uma instituição pacifica e humanizadora que pertence, justamente com o Christo dos Andes, o Canal do Panamá e as novas conquistas do espaço ao numero das mais beneficas agencias de paz no Novo Mundo." Não podemos deixar de registrar com muita sympathia

esse gesto do Sr. Oliveira Lima, com a collaboração valiosa da Sra. Oliveira Lima, que virá facilitar o desenvolvimento das relações intellectuaes da America latina com a grande Republica do Norte, exactamente aquelles em que ha mais por fazer. O Sr. Oliveira Lima, ao que sabemos, afim de ampliar a sua acção nesse sentido, pretende fundar uma cadeira de lingua portugueza e varias bolsas para facilitar o estudo do nosso idioma nos Estados Unidos, com o que terá acrescidos os beneficios que vem prestando á cultura latino-americana

O gabinete francez

A queda inesperada do Gabinete Poincaré, em França, por uma questão de somenos, causou a mais viva impressão e a maior surpresa, pois nada indi-



Raymond Poincaré

cava que houvesse qualquer desapprovação nacional á politica energica do emittente estadista que, ainda agora, na baixa do franco, revelára uma firmeza de acção decisiva e victoriosa. Depois foram as cousas melhor explicadas. Haveria certa inhabilidade politica no Ministro das Finanças e a votação fóra tumultuaria. Destarte, o Presidente Millerand encarregou de novo, o Sr. Poincaré de organizar Gabinete, encontrando este o mais completo apoio na opinião publica, de que a imprensa foi interprete unanime. De novo no poder, o Sr. Raymond Poincaré proseguirá na sua obra de reconstrução da França, da qual tem sido infatigavel e convicto obreiro, sendo que, no novo Gabinete, mais consistente é o apoio politico, com a entrada de elementos prestigiosos, como os Srs. Selves, Loucher e de Jouvenel.

Hugo Stinnes

O grande industrial, que falleceu na Alemanha, a 10 do corrente, com uma das maiores fortunas mundiaes, não atingiu essa prosperidade, como tantos outros, pelo acaso feliz, ou simplesmente por circumstancias propicias, mas por uma visão genial de negocios, e por uma capacidade vertiginosa de acção. O seu nome, de prestigio universal, era um symbolo de energia triumphante e, por isso mesmo, da sua pessoa muito se orgulhava a Alemanha, sobretudo na hora presente. Uma agencia telegraphica assim descreve a sua figura: grande, mas não alto. Erecto, mas não teso. Nem delgado, nem muito reforçado. Typo commum, na apparencia physionomica. Cabellos pretos e rentes. Barba espontada. Rosto palli-

do. Olhos pequenos, apertados e penetrantes. Mobil. Astuto. Sem grande profundidade. Firme em pontos de honra. A primeira vista, causava boa impressão. Não era orador. Elocução lenta, arrastada e balbuciante. Quando falava, entretanto, suas palavras significavam alguma coisa. Observador agudo. Considerava tudo como relativo. Interesses: seu trabalho, seus trabalhadores, sua patria e sua fortuna. Resoluto. Sua palavra era lei entre seus colegas e directores.

Hugo Stinnes nasceu no anno de 1870, a 12 de fevereiro, em Mulheim, no Rhur, filho do negociante Hugo Stinnes e de Adelina Coupierne Stinnes. Elle foi o mais frio obstinado calculador dos homens da Allemanha — o homem que reduzia o valor de todas as coisas a ouro, a serviço, a produção, a força, a fim politico. Estudou no gymnasium real e terminou o seu curso sem embaraços. Recebido o grão em 1888, seguiu para Coblenza, afim de praticar no commercio com Karl Saeter, mas pouco se demorou ali, por se ter depressa aborrecido com a iniciação. Durante alguns mezes, trabalhou como mineiro, no desejo de conhecer praticamente todos os aspectos da industria do carvão. Em 1889 matriculou-se na Acaademia de minas de Berlim. Em 1890 entrou para a firma commercial de seu avô, Mathias Stinnes, na qual a sua mãe havia conservado uma quinta parte. Hugo Stinnes mal demorou ali dois annos, resolvendo, então, fundar a sua propria casa, com o capital de 50.000 marcos. Contava nessa época 23 annos de idade.

Sua prosperidade foi phenomenal. Estendendo o seu primitivo campo de actividade, não tardou a adquirir mais carvão, mais companhias distribuidoras de carvão, jornaes, fabricas de tijolos, fazendo a aquisição de navios para a navegação interna e oceanicas. Antes da guerra, sua fortuna já havia attingido a 40.000.000 de marcos. Seu poder era uma coisa formidavel. Os membros do gabinete faziam-lhe confidencias. E o seu poder foi augmentando. Stinnes comprava para si tudo que lhe parecesse assegurar-lhe lucros compensadores. Hoteis, empresas de electricidade, todas as modalidades de industria caíram sob o seu contróle.

No correr da guerra as empresas de Stinnes expandiram-se com redobrado vigor. Dispondo de materiaes absolutamente indispensaveis ao exito da continuação da luta, Stinnes empolgou na esphera financeira e industrial da Allemanha. Stinnes passou á situação de personagem frequente no conselho confidencial do seu governo. Stinnes advogou a importação na Allemanha de trabalhadores belgas durante a guerra — medida esta que foi recebida com grande hostilidade pelos alliados. Sua fortuna cada vez mais avultava. Grande parte do seu dinheiro era collocada em banhos neutros, fugindo assim aos impostos sobre lucros de guerra.

Nos dias da revolução que poz por terra o governo monarchico Stinnes manteve-se quieto, deixando que passasse a tormenta. Quando as coisas voltaram á normalidade, elle se atirou de novo a prossecução da sua obra, comprando tudo quanto valia a pena. Diz-se que elle custeou sozinho toda a campanha de Volkspatei. Apresentado candidato, por por esse partido, foi eleito para o Reichstag.

Stinnes representou a Allemanha na conferencia com os alliados em Spa, onde usou de linguagem franca demais contra a "entente" provocando essa sua attitude grande escandalo.

Em 1922 concluiu elle o famoso accordo Stinnes-Lubersac, para a reconstrução das regiões devastadas da França.



As conferencias da "Villa Kyrial"

O Sr. Freitas Valle, o brilhante escriptor e o magnifico poeta, que conhecemos sob o pseudonymo de Jacques d'Avray, continuará este anno, no encanto da "Villa Kyrial" que é um dos mais nobres centros intellectuaes de São Paulo, com aquelle grupo de artistas e escriptores que a frequentam, os seus ciclos de conferencias, devendo iniciarse em breve o de 1924, que será o quinto. Entre nós, se não faltam salões elegantes e mundanos, são ainda raros os que reúnem escriptores e artistas, como faz o Sr. Freitas Valle, em S. Paulo, que, na "Villa Kyrial", realiza todos os annos varias e suggestivas conferencias, com o melhor exito. No ciclo deste anno, falarão, entre outros, os Srs. Freitas Valle, Elysio de Carvalho, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Martins Fontes e outros, o que garante o magnifico successo dessa nova série. Isso, aliás, reflete muito bem o alto espirito e a solida mentalidade do Sr. Freitas Valle, que conduz a vida como um estheta, cercando-a de belleza e de emoção. A "Villa Kyrial" é um exemplo formoso do seu temperamento de artista, desses artistas que dominam as coisas, gosando-as intensamente e transformando-as na sua esthesia. Nesse centro de espiritualidade é que o Sr. Freitas Valle reúne numerosos intellectuaes, para conferencias, leituras e palestras, tornando a "Villa Kyrial" um ambiente privilegiado de intelligencia e sensibilidade.



Onestaldo de Pennafort—**PERFUME**—Ed. de Pimenta de Mello & C.—Rio — 1924. — Este livro de poemas é triste. O perfume das flores que o poeta colheu no seu jardim interior, traz o veneno da melancolia e quem o aspirar terá a alma inquieta numa sombra de saudade e de renuncia. Não conhece a felicidade...

"Felicidade! sonho azul da mocidade!
Amphora cheia de perfumes de mil bocas,
perfume cheio de caricias loucas,
eu só conheço a tua irmã Saudade...
Não foste feita para mim... Felicidade!"

Tambem o amor lhe parece uma ilusão e toda a vida enganosa, e tudo

Palavras, palavras e palavras...
Algumas sem sentido, sem razão
de ser; outras, allucinadas como as lavas
de um vulcão...
Mas sempre as mesmas... palavras...
(Ouve o meu silencio...)"

Mas o poeta se compraz nessa illusão com estranha volupia e esse mysterio constante, que o atordoa, tambem o delicia, porque a Esperança, mesmo que se desengane, é sempre esperança... Por isso na sua melancolia ha invocações e vozes de desejo

"Olha: ha muito que o sol fugiu da scena...
Alguem caminha para nós, alguem...
Abre esse cofre magico que encerra
O teu amor... porque o luar já vem..."

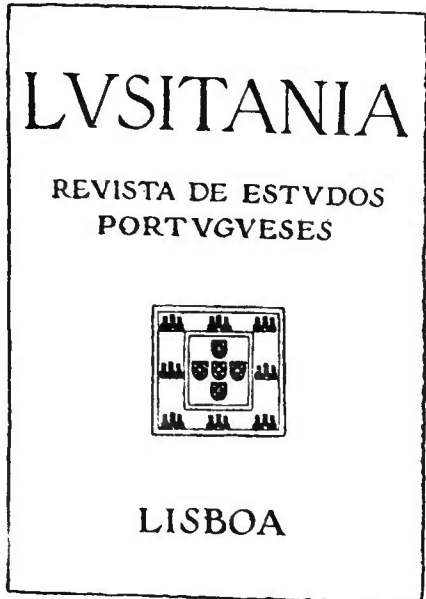
Será talvez a magia da arte que o consola e enleva, na sua exaltação e na sua ancia. A sua poesia não é feita daquelle complicado arsenal de imagens e deidades, artificiaes e gastas, com que certo parnasianismo de segunda mão faz entre nós continuas passeiadas de carnaval litterario, mas vem de uma emoção intensa e commovida diante das coisas, transformando-se em arte pelas vozes interiores e sinceras, sem recursos e sem virtuosismo. A poesia do Sr. Onestaldo de Pennafort, na sua simplicidade, tem o mais delieioso encanto, fazendo da arte uma libertação e não um instrumento complicado de fórmulas e de fórmulas, falso, inutil e infeundo.

B. Morales San Martin: **FIDELIDAD CONJUGAL**—Ed. Cervantes, Barcelona. Uma nova novela acaba de ser editada pela Editorial Cervantes, que constitue um optimo repertorio de boas letras, sendo a presente do escriptor e academico Bernardo Morales San Martin, na qual fixa com profunda intensidade dramatica um episodio da vida dos homens humildes e simples da povoação maritima de Valencia, na Hespanha. Livro que nos desperta a mais viva emoção.

Rosa Silvestre: **DIFFERENÇA DE RAÇAS** — Portugalia editora. Lisboa. 1923 — Escripito com graça, penetração e força, esse livro nos offerece uma litteratura interessante e nova, na elegancia de seu estylo, na factura dos dialogos e na sua architectura de romance, revelando a mão segura de sua autora. As figuras são marcadas com vigor e a fabulação permite a discussão das idéas nesse interessante estudo de psychologia humana.

Dr. Joaquim Felicio dos Santos: **MEMORIAS DO DISTRICTO DIAMANTINO** — Liv. Castilho, 1924 — Nessas memorias referentes á Comarca de Serro Frio, em Minas Geraes, precedido de um estudo biographico do autor pelo Dr. Nazareth Menezes, ha um admiravel repertorio de informações e notas sobre a conquista e exploração do ouro do Serro Frio, desde as primeiras bandeiras que desvendaram esse serro, nos fins do seculo XVII, através de toda série de perigos e tormentas, até a ruina da estação, no começo do seculo passado. Nesse alentado volume ha uma copia preciosa de documentação, do maximo interesse e constitue um esforço significativo para o levantamento da historia do Brasil, no periodo das minerações, que foi das maiores revelações da Terra.

Antonio Botto: **MOTIVOS DE BELLEZA** — Portugalia editora. Lisboa, 1923. — Neste livro se reúnem versos, uma peça de theatro, uma conferencia e outros trabalhos de Antonio Botto, que nos revelam o artista requintado e subtil, de uma extrema sensibilidade, cujos versos, segundo Teixeira de Paschaes, "são expressões sentidas de dôr e de amor perturbado até á loucura". Sobretudo poeta, um dos maiores poetas portuguezes, no conceito de Aquilino Ribeiro, toda a sua obra é feita de intensa poesia, numa exaltação continuada e vibrante.



Directora: D. Carolina Michaelis de Vasconcellos

Secretarios: Affonso Lopes Vieira e Reynaldo dos Santos

Editor e Reductor gerente: Camara Reis

Assignaturas por series de 6 numeros:

Portugal.....	60\$000	Brasil.....	80\$000
Ultramar.....	70\$000	Estrangeiro.....	£ 0.12

Numero avulso 10\$00 Escudos

Administração: Praça Luis de Camões, 462

BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo
— Descontos — Operações bancarias
em geral — Administração de
propriedades — Cobrança de juros e
dividendos — Inventarios —

Correspondentes em todo o territorio
dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 - AVENIDA RIO BRANCO - 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
á vista e a prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

ACABA DE APPARECER:



1 VOL., COM CAPA COLORIDA, DE 279 PAGINAS

Brochado.....	5\$000
Encadernado.....	7\$000

Edição do "Annuario do Brasil"

Rua D. Manoel, 62 — Rio de Janeiro

A' VENDA EM TODAS AS LIVREARIAS DO BRASIL

Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Contas Populares
até Rs. 30:000\$000

Contas Limitadas
até Rs. 10:000\$000

Juros de 4 %

Recebe também
depósitos a prazo e com
aviso prévio
oferecendo as melhores
taxas do mercado.

FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal. 479

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO